

Ana Inês Souza e Fernanda Lima
Organizadoras

FORMAÇÃO POLÍTICO-CIDADÃ PARA O MUNDO DO TRABALHO

Uma experiência de parceria entre o
Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA
e a Fundação de Ação Social de Curitiba - FAS



Metodologia e Sistematização
de Experiências Coletivas Populares

5



EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROJETO DE PARCERIA CEFURIA-FAS

CEFURIA

Ana Inês Souza

Coordenadora Executiva

Antonia Vandécia de Assis

Coordenadora de Registro e Documentação

Fernanda Lima

Coordenadora Geral do Projeto de Parceria CEFURIA-FAS

Glicimar Bueno

Apoio Técnico Gestão do Projeto

FAS

Ana Luiza Suplicy Gonçalves

Diretora de Proteção Social Básica

Kelly Maria Christine Mengarda Vasco

Coordenadora de Mobilização para o Mundo do Trabalho

Thiemy Karine da Silva Marczynsk

Gerente Mobilização para o Mundo do Trabalho

AGRADECIMENTOS

As duas equipes técnicas citadas acima tiveram responsabilidade direta na condução do Projeto. Entretanto, ele não teria se realizado sem a participação efetiva das gerências e supervisões regionais da FAS onde estão inseridos os três territórios priorizados. Tampouco sem o compromisso das equipes locais dos CRAS, diretamente implicadas na relação com as comunidades, além de muitas outras pessoas envolvidas com o Programa Curitiba Mais Humana e a Mobilização para o Mundo do Trabalho, tanto na ponta dos serviços como em nível central. Também no CEFURIA, várias outras pessoas se envolveram contribuindo pontualmente em diversos momentos do desenvolvimento do Projeto. Citar nomes poderia ser fonte de injustiça em caso de algum lapso de memória. Queremos então, fazer um agradecimento coletivo a todos(as) que se envolveram direta ou indiretamente no processo. Muito obrigada!

Ana Inês Souza e Fernanda Lima
Organizadoras

FORMAÇÃO POLÍTICO-CIDADÃ PARA O MUNDO DO TRABALHO

Uma experiência de parceria entre o
Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA
e a Fundação de Ação Social de Curitiba - FAS

Metodologia e Sistematização
de Experiências Coletivas Populares

5



IMPRESSÃO:

L. F. Editora e Impressos

Título:

Formação Político-Cidadã Para o Mundo do Trabalho: uma experiência de parceria entre o Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA e a Fundação de Ação Social de Curitiba - FAS

Livro 5 da Série:

Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares

Publicação:**CEFURIA – Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo**

Rua Desembargador Motta, 2791 – Bigorrião – Curitiba - PR

Telefone: (41) 3225-5582

www.cefuria.org.br

FAS – Fundação de Ação Social de Curitiba

Rua Eduardo Sprada, 4520 – Campo Comprido – Curitiba - PR

Telefone: (41) 3350-3500

www.fas.curitiba.pr.gov.br

Projeto gráfico e diagramação:

Carlos Deitos Artes Gráficas

www.cdag.com.br

1ª edição:

Novembro de 2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Index Consultoria em Informação e Serviços Ltda.
Curitiba - PR

F723 Formação político-cidadã para o mundo do trabalho: uma experiência de parceria entre o Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA e a Fundação de Ação Social de Curitiba - FAS / organizadoras Ana Inês Souza, Fernanda Lima.— Curitiba : L.F. Editora e Impressos, 2016.
116 p. — (Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares ; v. 5)

ISBN: 978-85-66014-03-7

1. Trabalho – Aspectos sociais. 2. Economia popular solidária. 3. Inclusão produtiva. 3. Políticas de proteção social. I. Souza, Ana Inês. II. Lima, Fernanda.

CDD (20.ed.) 320.981

CDU (2.ed.) 323.1(81)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE PARCERIA.....	7
Curitiba Mais Humana/Curitiba Sem Miséria.....	7
ACESSUAS/Mobilização para o Mundo do Trabalho.....	12
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO	16
Educação Popular Crítico Freireana.....	16
Economia Popular Solidária.....	20
AÇÕES REALIZADAS.....	22
1. Escuta das Equipes nos Territórios Priorizados	22
2. Oficina de Metodologia Freireana.....	37
3. Oficinas de Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho	80
4. Encontros de Vivência e Troca de Experiência.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	116

APRESENTAÇÃO

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionam entre si e porque o fizeram desse modo.
(HOLLIDAY, 1996, p. 29)

O livro que o leitor e a leitora têm em mãos neste momento, constitui-se o Volume 05, da Série “Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares”, publicada pelo CEFURIA desde 2005. Todos os volumes estão disponíveis para serem baixados em PDF no site desta organização. Esperamos que sirvam como ferramenta nas mãos de todos e todas que buscam construir um mundo melhor para se viver. Somos contra o desperdício da experiência e entendemos que o conhecimento deve ser compartilhado. Daí nosso esforço de sistematização, que inclui relatos das práticas e fundamentação teórica que sirvam como base para a reflexão coletiva e qualificação de novas experiências e práticas já consolidadas. Isto nos colocou o desafio do registro rigoroso, durante todo o desenvolvimento da experiência, porque a sistematização posterior será tão boa quanto forem bons os registros durante o processo – anotações, relatórios, fotografias, gravações.

Elemento importante no desenvolvimento de uma experiência é a avaliação permanente envolvendo todas as pessoas implicadas. O que deve ser feito ao final de cada ação desenvolvida e, periodicamente, de forma coletiva, pelas equipes responsáveis. Este foi um esforço que a parceria CEFURIA-FAS buscou concretizar. Especialmente, tratando-se de uma experiência inédita como esta. Pois, embora existindo já há mais de 35 anos na cidade de Curitiba, realizando trabalho de base e organização popular junto à população mais empobrecida da cidade e região metropolitana, além da parceira histórica com os movimentos sociais, pela primeira vez o CEFURIA foi procurado pela administração municipal para desenvolver uma ação conjunta. Isto não é por acaso. Mostra o compromisso social assumido pela gestão que se encerra, apesar de todas as contradições.

O tempo de experiência vivenciado na parceria CEFURIA-FAS foi pequeno, pouco mais de um ano. E um ano complexo, por conta da conjuntura política conturbada em todos os níveis. Vivemos um avanço do conservadorismo na sociedade, insuflado pela mídia corporativa e outras instituições públicas e privadas, como reação às poucas conquistas alcançadas pelo povo brasileiro nos últimos anos. A elite não quer compartilhar os recursos e espaços públicos com os segmentos populares. Se sente incomodada com as políticas públicas que buscam superar a exclusão e tirar da invisibilidade, contingentes populacionais historicamente alijados do convívio social. E usam todas as formas de manipulação de mentes e corações à sua disposição. Daí o resultado das eleições municipais em 2016. Querem uma Curitiba partida, desumana. Com belas próteses futuristas espalhadas pela cidade, ao mesmo tempo em que esconde seus pobres, negros e indígenas em locais absolutamente insalubres, beiras de córregos, ao lado de lixões e poluição do ar.

Foi na contramão desta visão elitista que se consubstanciou a parceria CEFURIA-FAS, cuja experiência passamos a relatar aqui neste livro que está organizado da seguinte forma: iniciamos com uma contextualização do Projeto de “Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho”; ou seja, o que deu origem à parceria? Qual o pano de fundo que permitiu tal aproximação? Em seguida, passamos a tratar de sua fundamentação teórica – a Metodologia Crítico Freireana e a Economia Popular Solidária. Em terceiro lugar, apresentamos as ações realizadas e as avaliações que foram sendo feitas durante todo o processo. Por fim, realizamos um conjunto de reflexões sobre os limites e potencialidades de parcerias como esta, bem como os aprendizados mútuos, resultantes de processos horizontais fundamentados numa metodologia dialógica.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura e um bom uso deste livro que, modestamente, pretende ser uma ferramenta de transformação social.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO DE PARCERIA

Os primeiros contatos entre FAS e CEFURIA com esta finalidade foram feitos na transição do ano de 2014 para 2015, por iniciativa da Diretoria de Proteção Social Básica, através da Coordenadora de Mobilização para o Mundo do Trabalho, Kelly Maria Christine Mengarda Vasco. E a primeira reunião entre as duas equipes ocorreu em 11 de março de 2015, no CEFURIA, quando foram discutidas as bases para uma possível parceria. Ou seja, quais eram as necessidades da FAS e quais as possibilidades do CEFURIA no atendimento a tais necessidades. Foi um momento importante de conhecimento mútuo e, principalmente, de explicitação de concepções sobre o que se costuma chamar de “trabalho social”.

A parceria se daria na área de Mobilização para o Mundo do Trabalho que é uma ação local desdobrada do Programa Nacional de Promoção do Acesso ao Mundo do Trabalho - “ACESSUAS/Trabalho” - instituído pela Resolução 18/2012 do Conselho Nacional da Assistência Social – CNAS. Este Programa, prevê que os órgãos municipais de assistência social são responsáveis pela mobilização, encaminhamento e acompanhamento de pessoas em situação de vulnerabilidade e/ou risco social, para ações de inclusão no mundo do trabalho. Por isso o “Programa Mobiliza” foi implantado pela FAS, coordenado pela Diretoria de Proteção Social Básica. De fato, as ações que relacionam o mundo do trabalho com a assistência social estão fundamentadas na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) e em diversas resoluções do CNAS¹.

No caso da FAS, as ações para o Mundo do Trabalho se articulam com um Programa maior da atual Gestão da Prefeitura de Curitiba (2013-2016), que é o “Curitiba Mais Humana”, cujo Projeto “Curitiba Sem Miséria” prioriza para ações intersetoriais concentradas, nove territórios da cidade, onde moram grande parte das famílias em vulnerabilidade social extrema. Três destes territórios foram selecionados para uma ação piloto e foi aí que se inseriu a parceria com o CEFURIA.

Originalmente, a expectativa da equipe da FAS era de que o CEFURIA executaria ações na ponta, na forma de oficinas com as famílias dos territórios priorizados, abordando temas relacionados à concepção e papel do Estado, controle social, políticas públicas, empreendedorismo, etc. Na continuidade do diálogo, entretanto, concluiu-se que a contribuição do CEFURIA deveria se dar como atividade-meio, atuando num processo de formação das equipes da FAS, responsáveis pela execução das atividades-fim da Política de Assistência Social. Incluindo, num determinado momento das ações, a participação de lideranças dos territórios priorizados.

A equipe do CEFURIA passou então a estudar os Programas da FAS, dentro dos quais a parceria se daria e trabalhar na elaboração do Projeto de “Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho”, cuja primeira versão foi apresentada para a equipe da FAS em abril, mas a assinatura do Convênio se daria apenas em 01 de setembro de 2015.

Curitiba Mais Humana/Curitiba Sem Miséria

O objetivo do Programa “Curitiba Mais Humana”, de acordo com seus documentos, é “fortalecer políticas de proteção social e de promoção dos direitos humanos, visando à erradicação da extrema pobreza, à construção de relações igualitárias e solidárias, e ao desenvolvimento social nos territórios de Curitiba”².

Coordenado pela FAS, o Programa está estruturado em projetos que exigem uma atuação intersetorial que articule ações em saúde, educação, assistência social, trabalho,

1 Ler mais sobre o ACESSUAS/Trabalho in <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/aceessuas-trabalho>. Acesso em 19/10/2016.

2 PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Programa Curitiba Mais Humana**. Curitiba, s/d. p. 11.

segurança alimentar, meio ambiente, habitação. Além destas, estão presentes as políticas de defesa de direitos, com atuação programática ou transversal, como mulher e igualdade de gênero, direitos humanos, igualdade racial, pessoa com deficiência, pessoa idosa, população em situação de rua, famílias em processo de migração, população indígena, entre outros grupos e demandas específicas³.

Para atingir tais objetivos, a gestão municipal comprometeu-se com um modelo de administração pública democrática, no qual os cidadãos deixam de ser simples defensores de suas propostas e passam a ter voz ativa mediante a deliberação, fazendo uso da argumentação para amadurecerem juntos, novas propostas, com o propósito de resolverem problemas complexos⁴. A figura a seguir apresenta os projetos que compõem o Programa Curitiba Mais Humana⁵.



Teoricamente, o Programa Curitiba Mais Humana, se mostrou coerente com os princípios que o CEFURIA vinha defendendo historicamente, bem como com os fundamentos teórico-metodológicos da Educação Popular. A luta por uma gestão democrática de cidade integra a pauta dos movimentos sociais em Curitiba há pelo menos quatro décadas. Desde o início dos anos 1980 a democratização do acesso à cidade, foi conteúdo dos cursos de Capacitação de Lideranças do Movimento Popular, organizados pelo CEFURIA.

Na prática, entretanto, os desafios da intersectorialidade e da gestão democrática, são gigantescos, dado os interesses políticos e econômicos conflitantes sobre a cidade. Curitiba é uma cidade emblemática no que se refere aos interesses capitalistas, especialmente a partir dos anos 1990, conforme indicam os estudos de Fernanda Sanches⁶, quando os processos de globalização desencadeados, acabaram por produzir mais pobres entre os pobres, expulsando-os das áreas onde a especulação imobiliária é crescente e

3 Idem, p. 1.

4 Idem, p. 4.

5 Idem, p. 22.

6 Fernanda Sanchez é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná (1987), mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993) e doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é Professora Associada III; D.E. da Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Laboratório Globalização e Metrópole, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua principalmente nos seguintes temas: reestruturação urbana, políticas urbanas emergentes, circulação de modelos, grandes projetos urbanos, grandes projetos regionais, cidade, cultura e city marketing. Informações disponíveis em <http://lattes.cnpq.br/9718361326899910>. Acesso em 19/10/2016.

predatória; em favor da acumulação de capital. *“No caso de Curitiba, a essa leitura imediata contrapõem-se outras, que se têm consubstanciado em trabalhos situados no campo da crítica ao modelo, e que dão visibilidade analítica ao conjunto de agentes das elites locais e às suas estratégias políticas e territoriais para explicar as possibilidades de realização histórica do projeto de modernização urbana.* (SANCHEZ, 2001, p. 31).

Esse contexto de produção de miséria e exclusão social tem como consequência mais gritante, o aumento da violência urbana em todas as suas dimensões. O Programa “Curitiba Mais Humana”, foi uma tentativa de resposta a esta complexidade, partindo, acertadamente, de um diagnóstico sério sobre os territórios mais vulneráveis da cidade e sua priorização, dentro de um conjunto mais amplo de prioridades, para uma ação concentrada dos diferentes setores da administração municipal. As famílias que ocupam tais territórios para viver, são as que mais sofrem também com fenômenos climáticos, exigindo dos gestores públicos ações emergenciais. É o que nos apresenta o texto a seguir elaborado pela FAS⁷.

Nos dias 7 e 8 de junho de 2014, o volume registrado de chuvas em Curitiba foi de 150 milímetros, o que acabou ocasionando alagamentos, especialmente nos bairros Boqueirão, Cidade Industrial, Uberaba, Cajuru e Atuba, que foram os mais atingidos pela cheia dos rios Barigui e Belém. No total, 16.204 pessoas e 4.851 casas foram atingidas pelas chuvas.

As equipes da FAS têm uma atuação bastante ativa nestas ocorrências, em conjunto com as demais políticas públicas que compõe a Defesa Civil, fazendo o provimento de benefícios eventuais (colchões, subsídios alimentares, cobertores, entre outros), apoio nas situações que demandam acolhimento emergencial, acompanhamento das famílias no período de reorganização da rotina familiar, abrangendo a orientação e concessão de móveis, roupas e utensílios doados, fornecidos pelo Disque Solidariedade.

A atuação junto a estas famílias, que muitas vezes precede e procede estas ocorrências e a repetição anual deste tipo de situação nos leva a constatar que intervenções segmentadas e pontuais não conseguem trazer respostas efetivas e sustentáveis a médio e longo prazo.

Com o compromisso firmado no Plano Plurianual e no Plano de Governo de coordenar o Programa Curitiba Mais Humana, objetivando fortalecer políticas de proteção social e de promoção e defesa dos direitos humanos e igualdade racial visando à erradicação da extrema pobreza, a construção de relações igualitárias e solidárias e o desenvolvimento social nos territórios de Curitiba, a FAS reconhece a intersetorialidade como condição para superação das vulnerabilidades e riscos presentes nestes territórios.

Desta forma, a fim de propor uma atuação compartilhada e complementar entre as políticas públicas, cada Núcleo Regional da FAS elegeu um território cuja atuação intersetorial é considerada prioritária, tendo em vista a complexidade das questões encontradas na área definida.

Estes territórios indicados consistem em áreas de ocupação irregular, com restrições de uso devido a fatores ambientais como áreas de preservação ambiental às margens de rios e córregos, atingimento de linha de alta tensão, terrenos acidentados, sujeitos a deslizamentos. Muitas destas áreas já sofreram intervenções de regularização fundiária e reassentamento de famílias, mas a descontinuidade e irregularidade das ações ocasionaram a reocupação da área.

À exceção de uma delas, cuja ocupação se iniciou em 2006, todas as áreas foram mapeadas pelo IPPUC. A mais antiga abrange uma parte da Vila Torres, cuja ocupação remonta aos anos 70.

As construções são precárias, usualmente feitas de madeira reaproveitada, sem saneamento básico e nem sempre conectadas à rede de luz e água, sendo frequentes

7 FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL DE CURITIBA. Territórios Priorizados – Versão Preliminar. Curitiba, s/d.

as ligações clandestinas para acesso a estes serviços básicos de infraestrutura urbana, decorrente também da situação irregular destas regiões.

As famílias que residem nestas áreas encontram-se em situação de vulnerabilidade e/ou risco social, em sua maioria inseridas no mercado informal e precarizado de trabalho, de acordo com as possibilidades que o entorno lhes oferece. As famílias são compostas em sua maioria por jovens e adultos, seguidos pelas faixas etárias que abrangem crianças e adolescentes. Não se observa a presença numerosa de pessoas com deficiência; avalia-se inclusive que isso pode ocorrer devido às próprias condições precárias de acessibilidade.

Observa-se a presença de equipamentos públicos das políticas de saúde e educação nestas regiões, todavia há relatos de falta de vagas principalmente em relação à educação infantil e ensino fundamental (de 5ª a 8ª série). Por sua vez, a falta de vagas nestas últimas séries acarreta evasão escolar dos adolescentes antes de chegar ao ensino médio. Mesmo para os demais equipamentos instalados nestas áreas – Unidades de Saúde, Escolas Municipais e CRAS – Centros de Referência de Assistência Social –, a demanda apresentada por estas famílias é significativa e deveras complexa, muitas vezes extrapolando as possibilidades de atuação das equipes que lá atuam.

A implantação de equipamentos próximos relacionados ao esporte e lazer, cultura e segurança alimentar são medidas que fortalecem as potencialidades destas famílias, especialmente para crianças e adolescentes, numericamente significativos e, ao mesmo tempo, vulneráveis devido à sua condição de sujeitos em desenvolvimento.

A importância da atuação intersetorial, que assim fortalece as ações setoriais pode ser bem exemplificada por Sposati:

A intersetorialidade tem dimensões que precisam ser combinadas, ou seja, a setorial e a intersetorial. (...) De acordo com ela, o primeiro princípio que rege essa relação parece ser o da convergência, que é um conjunto de impulsos para a ação em determinada situação, seja ela um objeto, um tema, uma necessidade, um território, um grupo, um objetivo, uma perspectiva. Entretanto, considera ser necessário que a intersetorialidade sempre seja corretiva de irracionalidades entre pessoal, funções ou gastos sobrepostos, pois é um mecanismo racionalizador da ação porque é uma estratégia de gestão institucional que busca trazer mais qualidade por permitir ultrapassar limites que ocorreriam na abordagem somente setorial (Sposati, 2006, p. 137; citado por Nascimento, 2010, p. 101).

Por serem áreas concentradoras de vulnerabilidades e riscos sociais complexos, correlacionados e interdependentes, que já tiveram intervenções setoriais e ainda assim se mantém, consideramos que seu enfrentamento demanda, da mesma forma, intervenções complexas, conjuntas e intersetoriais, implicando os atores numa proposta coletiva de atuação que supere as fragmentações e crie novas alternativas para fazer frente a problemáticas sociais que se agravam e assumem novos contornos cotidianamente e assim garantir a efetivação de direitos sociais e humanos.

Fundamentados em tais justificativas, priorizou-se três territórios⁸, que se constituíram base para intervenção do Projeto “Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho”. São eles:

⁸ Não sendo possível a inclusão de todos os dados referentes às áreas priorizadas neste livro, sugerimos ao leitor e à leitora interessados em entender a complexidade de tais território, a leitura na íntegra do texto Territórios Priorizados – Versão Preliminar, elaborado pela FAS, onde se pode encontrar dados variados sobre a história e qualidade de vida de seus moradores.

1. Vila Harmonia, Barigui, Núcleo Regional CIC



2. Vila Parque Nacional, Acrópole, Núcleo Regional Cajuru



3. Vila Beira Rio e Bela Vista da Ordem, Núcleo Regional Tatuquara⁹



9 No início da execução do Projeto, embora localizado no Tatuquara, este território pertencia ao Núcleo Regional Pinheirinho. Durante o processo de desenvolvimento das ações, a Prefeitura criou a Regional do Tatuquara, havendo mudança de gestores e equipe o que, de alguma forma, prejudicou a operacionização das ações locais.

ACESSUAS/Mobilização para o Mundo do Trabalho

Conforme dito na introdução desta contextualização, a parceria CEFURIA-FAS que aqui está sendo apresentada, se inseriu no âmbito das ações de “Mobilização para o Mundo do Trabalho” executadas pela FAS e que, por sua vez, estão inseridas dentro do Programa Nacional ACESSUAS/Trabalho, cujos eixos de atuação previstos são: “articulação, mobilização, monitoramento da trajetória e encaminhamento das pessoas em situação de vulnerabilidade e/ou risco social para garantias do direito de cidadania à inclusão no mundo do trabalho¹⁰”.

Transcrevemos a seguir alguns elementos importantes, que integram o Documento Orientador produzido pela FAS e aprovado no Conselho Municipal de Assistência Social (Resolução nº 34/2015) para atuação na área, já citado acima.

Para a execução desses eixos são necessárias as seguintes ações:

1. *Palestras de Sensibilização: incentivar e levar o público à reflexão sobre a importância na participação em ações de estímulo à inclusão produtiva, bem como divulgar as possibilidades de acesso a Programas de preparação para o Mundo do Trabalho.*
2. *Oficinas de Mobilização Social: sensibilizar o usuário quanto a importância de potencializar um conjunto de habilidades e competências essenciais ao mundo do trabalho, bem como fortalecer o protagonismo e a participação cidadã.*
3. *Articulação e encaminhamento para o mundo do trabalho: possibilitar o acesso a Cursos de Qualificação Profissional e demais ações e serviços de mobilização para o mundo do trabalho ofertados por Políticas Públicas, Instituições Privadas e 3º Setor.*

Objetivo Geral do “Programa Mobiliza”

Promover o desenvolvimento da autonomia e diminuir a vulnerabilidade social, por meio do fortalecimento de competências essenciais para o acesso ao mundo do trabalho.

Objetivos Específicos

Sensibilizar o público quanto à importância de participação e acesso a ações que possibilitem a preparação para o mundo do trabalho.

Propiciar a participação do usuário em ações de qualificação profissional, por meio de encaminhamentos às demais Políticas Públicas, Instituições privadas e 3º Setor.

Viabilizar possibilidades para a intermediação de mão de obra, através do fortalecimento da articulação com os órgãos e demais instituições que promovam este serviço.

Divulgar e informar ao público as oportunidades de acesso e participação em ações que possibilitem a continuidade dos estudos, por meio de bolsas e demais benefícios.

[...]

As oficinas de mobilização são caracterizadas por trabalho com grupos, mediante metodologia que utilize como ferramentas atividades vivenciais (dinâmicas de grupo, jogos, simulações, estudo de caso). A metodologia deve explorar temas específicos, com objetivo de compartilhar as experiências vivenciadas pelos participantes e despertar as potencialidades essenciais para o acesso e permanência no mundo do trabalho, o fortalecimento do protagonismo e a participação cidadã. Os temas de trabalho devem ser descritos e padronizados através de módulo(s) e sempre com foco na mobilização para o mundo do trabalho. (ACESSUAS, p. 06-12).

10 BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas – Programa Nacional de Promoção de Acesso ao Mundo do Trabalho – ACESSUAS TRABALHO**, Brasília, 2013.

Ao iniciar-se a parceria, uma série de ações de mobilização para o mundo do trabalho já estavam em andamento; entre elas módulos com temas sobre a empregabilidade. A ação do CEFURIA viria no sentido de complementar este esforço, trazendo contribuições a partir de sua experiência em Educação Popular e Economia Popular Solidária.

CEFURIA inicia projeto com a FAS para formação sobre metodologia freireana com servidores/as

Publicado em 15 de dezembro de 2015, por Ednubia Ghisi.

<<http://www.cefuria.org.br/2015/12/15/cefuria-inicia-projeto-com-a-fas-para-formacao-sobre-metodologia-freireana-com-servidoresas/>>

Modificado em novembro de 2016 para inclusão nesta publicação.

“Cidade modelo”, “Cidade humana”, “Cidade planejada”, “Capital ecológica”, “Capital brasileira de Primeiro Mundo”. Esses são alguns dos slogans difundidos a partir da década de 1970, pelo então prefeito de Curitiba Jaime Lerner (que governou entre 1971-1975, 1979-1984 e 1989-1992). A extensa campanha de marketing levou a capital paranaense a ter reconhecimento internacional no quesito planejamento urbano, e também atraiu interioranos de todo estado, expulsos do campo pelo avanço da monocultura e atraídos pelo mito da cidade modelo.

Já naquelas décadas ficaram evidentes as limitações do planejamento marcado pela segregação territorial dos mais pobres e pela dificuldade no acesso à moradia, transporte e saúde – para citar apenas três fortes lutas populares daqueles anos. O resultado está marcado na Curitiba de hoje, com regiões e bairros moldados por históricas falhas do Estado. A Vila Harmonia, no bairro Barigui (Regional CIC), a Vila Parque Nacional, no Acrópole, (Regional Cajuru), e a Vila Beira Rio, do Bela Vista da Ordem (Regional Pinheirinho), são exemplos sintomáticos. Localizadas em beiras de rio, com situação fundiária irregular, altos índices de criminalidade e falta de acesso a serviços públicos.

Essas são as três comunidades contempladas pelo Projeto “Formação Político – Cidadã para o mundo do trabalho”, iniciado em outubro a partir de parceria entre o CEFURIA e a Fundação de Ação Social – FAS, como parte do Programa Curitiba Mais Humana, previsto no Plano Plurianual e no Plano de Governo da Prefeitura Municipal. O convênio com a prefeitura para a realização de formação voltada à educação popular é inédito na história do CEFURIA, embora a entidade já tenha atuado em outras parcerias com o poder público.

O projeto busca a mudança do paradigma das relações entre os gestores públicos e as comunidades, para que a atuação parta efetivamente da escuta à população, e que as ações e serviços públicos sejam desenvolvidos a partir do diálogo. “A ideia é descobrir lideranças novas, ouvir e identificar as potencialidades de criatividade de produção que as pessoas tenham, pra já pensar na perspectiva da organização da comunidade para o mundo do trabalho”, aponta Ana Inês, socióloga e coordenadora do CEFURIA.

Para a socióloga, o projeto significa a esperança de poder contribuir com a transformação das comunidades mais vulneráveis social e economicamente, a partir do fortalecimento daqueles que trabalham diretamente com o público. Para isso, pelo menos 65 profissionais que atuam nas áreas priorizadas e a população moradora da região participaram de formações sobre a metodologia do educador pernambucano Paulo Freire e sobre o mundo do trabalho, na perspectiva da economia solidária. Além das três Regionais diretamente incluídas no projeto, outras seis foram convidadas a participar dos momentos formativos.

Marli Aparecida de Oliveira Gonçalves, assistente social e servidora da FAS que acompanha o desenvolvimento do projeto, avalia este momento como oportuno para revisitar práticas, olhares e concepções na relação com as populações que acessam a política pública de assistência, afirma: “Precisamos avançar no diálogo permanente, consciente e autêntico entre trabalhadores e usuários que se encontram alijados do acesso a uma vida digna. Este é um desejo e uma esperança permanente que orienta nosso trabalho”. Na avaliação da assistente social, é preciso enraizar neste grupo de 65 servidores públicos um “novo ethos que os conecte mais ainda com estas populações empobrecidas”.

Para a formação dos/as funcionários/as na perspectiva da educação popular freireana, foi realizado entre outubro e novembro a Oficina de Metodologia Freireana, com a assessoria de Antonio Fernando Gouvêa da Silva, professor da UFSCar. A partir do início de 2016 teve início a formação crítica sobre o trabalho, em oficinas com a população das regiões priorizadas. Uma das propostas de resultado é o incentivo à formação de grupos de geração de renda nos territórios. Esta publicação com a síntese do trabalho, tem o objetivo de subsidiar a multiplicação da proposta em outras comunidades.

Metodologia freireana como ferramenta para superar desafios

Rodas de conversa entre a equipe do CEFURIA e os servidores envolvidos com o trabalho em cada território resultaram em um mapeamento da realidade e dos principais desafios em cada Vila. Na extensa lista de dificuldades enfrentadas cotidianamente pela população e pelos servidores públicos estão o alto índice de criminalidade, falta de saneamento básico, de vagas em creches, de espaços comunitários, evasão escolar, déficit no transporte coletivo, pobreza, fragmentação e descontinuidade em parte das ações e obras do poder público.

As potencialidades também são inúmeras: equipes comprometidas com a transformação local, mulheres e jovens com potencialidade para liderar novas iniciativas, possibilidade de parcerias com associações e outros equipamentos públicos, vontade de mudança por parte dos moradores.

Apesar da boa formação e da composição multidisciplinar das equipes, os servidores apontam a dificuldade metodológica para o envolvimento da comunidade nas ações locais. Entre os motivos para isso está a diferença no tempo das demandas concretas (e muitas vezes urgentes) da comunidade e o tempo do serviço público, marcado pela burocracia típica da gestão do Estado.

Com base na escuta realizada com as equipes, identifica-se que a dificuldade na consolidação de processos participativos nas comunidades está ligada à rotatividade de técnicos, às mudanças de gestão e à interrupção de projetos iniciados pela prefeitura com a frequente alternância de gestão. Como consequência desse funcionamento do setor público, muitas vezes as populações ficam desacreditadas. Por isso é necessário retomar esse vínculo para a efetivação da transformação da realidade local.

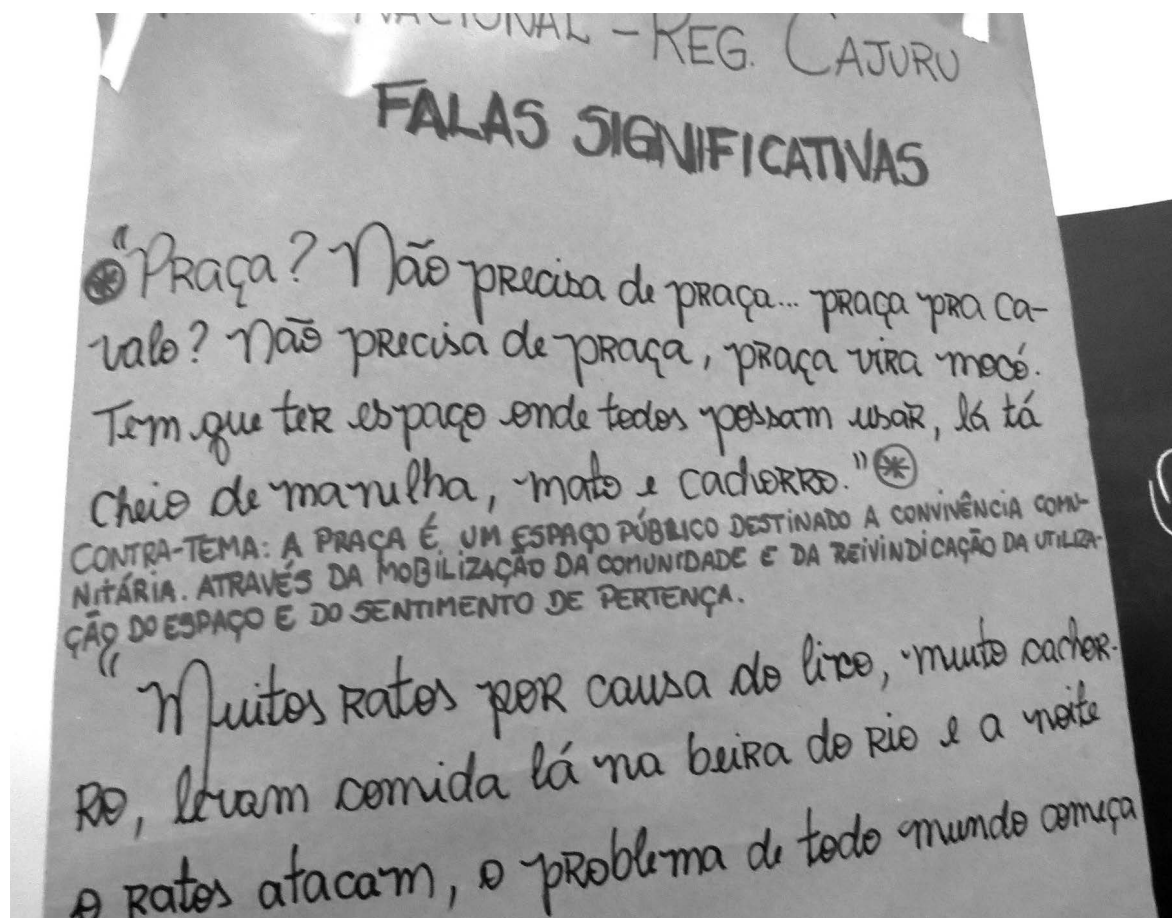
Na avaliação de Ana Inês Souza, apesar dos limites e contradições da gestão em outros setores, existe uma concepção diferenciada no que se refere à área da assistência social na atual gestão. “Há um esforço de quebrar a ideia do assistencialismo, da manutenção da dependência. E aplicar a política de assistência social, profissionalizando as equipes e sensibilizando-as para um novo olhar sobre o trabalho social”.

Marli aponta que o cotidiano do trabalho é permeado por questões históricas e culturais da desigualdade social, que se expressam de múltiplas formas. “Fazer a leitura deste cotidiano não é algo fácil, pois implica em capacidade reflexiva e diálogo permanente com todos os envolvidos em qualquer ação do poder público”.

É neste contexto que a metodologia freireana se apresenta como instrumento necessário. Para Marli, as formações sobre a teoria de Paulo Freire já descortinaram um novo universo para vários servidores públicos no contato com a população: “Muitos estão renovados, motivados com este processo de escuta e leitura das questões trazidas pelas famílias, buscando se apropriar da produção freireana”.

Bem longe de ser uma receita a ser seguida, a metodologia freireana é um conjunto de princípios e de valores que tem por objetivo o exercício da democracia a partir da base da sociedade. “É um esforço para sempre aprender. Não tem começo meio e fim”, reflete Ana Inês Souza, autora do livro “Paulo Freire – Vida e Obra”, publicado pela editora Expressão Popular, em 2001.

“A ideia é de um diálogo horizontal, não como uma didática, mas como princípio, que implica ouvir as comunidades e trabalhar na perspectiva de que as soluções para seus problemas sejam buscadas coletivamente”. Para isso, será importante o papel dos técnicos como parceiros na mesma caminhada da comunidade, por melhores condições de vida”.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO

“Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferenças para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social”.

Darcy Ribeiro

O CEFURIA tem trabalhado desde a sua origem, com três áreas da prática social que poderiam ser identificadas como uma “trilogia da emancipação”, quais sejam: a educação popular; a economia popular solidária; e a organização popular com vistas à participação política. O conceito de “popular” aqui se associa à classe trabalhadora. O fundamento desta “trilogia” é a compreensão de que a transformação social se dá “debaixo para cima”, ou seja, pela luta do povo por melhores condições de vida e não por dádiva dos patrões e/ou governantes; estes últimos sempre premidos por interesses conflitantes.

A partir da concepção explicitada acima, podemos dizer que as Políticas Públicas são conquistas; fruto de lutas sociais históricas que ampliam a consciência cidadã e pressionam os governos, em todos os níveis, a utilizarem os fundos públicos resultantes de impostos pagos pela população, em favor da maioria. Isto, entretanto, não é simples, porque há uma permanente disputa pelos recursos públicos, sob condições muito desiguais. Os que já são suficientemente ricos têm todos os meios à sua disposição para exercer pressão direta sobre o poder público em favor de seus interesses de acumulação. Aliás, quase sempre há uma promiscuidade entre poder público e poder econômico, deixando grandes contingentes populacionais na mais completa exclusão.

Numa perspectiva sociológica crítica, podemos identificar aí a origem das desigualdades sociais. Esta explicação, entretanto, não é facilmente compreendida, porque a ideologia dominante a esconde por diversos meios, transferindo para os pobres a culpa de sua própria pobreza; para os desempregados, a culpa por seu próprio desemprego; para os excluídos, a culpa de sua própria exclusão. Assim, grandes segmentos populacionais vão introjetando em seus imaginários estes mitos criados pela ideologia dominante e vendo a ordem social injusta como uma fatalidade. É preciso então, uma metodologia de trabalho social, que desvele a realidade em todas as suas dimensões, tirando da invisibilidade, grandes contingentes de pessoas desumanizadas e dando a elas os instrumentos necessários à sua emancipação.

Educação Popular Crítico Freireana

O objetivo da Educação Popular é o desvelamento da realidade. E isto deve ser feito através do diálogo; de forma radicalmente democrática. Para Paulo Freire, a educação é uma relação entre pessoas, onde ambos aprendem e ensinam. Não há, nesta perspectiva, um saber superior ao outro, mas saberes diferentes. Portanto, servidores e servidoras públicas precisam estabelecer uma relação horizontal com os sujeitos usuários e usuárias dos serviços a fim de que, juntos, encontrem soluções para os problemas vivenciados. O servidor não é um doador de benefícios à população, não detém todo o saber e, portanto, não é superior aos usuários(as).

Paulo Freire, dedica um livro inteiro - *“Extensão ou Comunicação?”* - para discutir o papel do técnico, que pode ser um agrônomo, professor, assistente ou educador social, afirmando que estes não têm o direito de transformar o sujeito de sua ação em objeto passivo. E repete, exaustivamente, que a ideia de estender o saber (ou o benefício, a técnica, o conteúdo) de uma pessoa a outra, é uma relação autoritária, pois isto torna um dos polos da relação, dependente do outro polo, não cria autonomia, não emancipa. (FREIRE, 1983).

A Educação Popular é assim a teoria da dialogicidade ou, dito com as palavras de Freire, “a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1987, p. 77). É, portanto, uma pedagogia humanizadora. Uma prática social que reconhece e, denuncia, o processo de desumanização, ao mesmo tempo em que, trabalhando na perspectiva da humanização, anuncia a possibilidade de uma vida digna para todas as pessoas. Um processo que problematiza a realidade, fazendo-a conteúdo de estudo, reflexão e ação. É práxis.

“O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia¹¹ do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua.

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação.” (FREIRE, 1987, p. 79).

A Educação Popular, então, exige confiança mútua, vínculo entre as pessoas envolvidas, fé na capacidade humana de fazer e refazer o mundo onde vive, humildade, criticidade, coerência. “Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira.” (FREIRE, 1987, p. 82). Ou seja, uma prática social libertadora, considera o outro como sujeito, não um beneficiário passivo.

Um trabalho social realizado dentro desta concepção, tem como ponto de partida aquilo que é significativo para o outro, o sujeito da ação, e não o que é importante para o “serviço”; o que negaria a própria essência deste conceito. Por isso, é preciso ouvir o outro. Ouvi-lo atenta e sinceramente, buscando suas explicações para os problemas vivenciados. São nas explicações, nas interpretações que o sujeito dá à sua realidade, que vamos apreender as falas significativas, os temas geradores que se constituirão em conteúdo da ação conjunta – equipe técnica e comunidade.

“Esta prática implica, por isto mesmo, que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem ‘salvadora’, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas as consciências que tenham desta objetividade; os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão. Por isso é que não podemos, a não ser ingenuamente, esperar resultados positivos de um programa, seja educativo num sentido mais técnico ou de ação política, se, desrespeitando a particular visão do mundo que tenha ou esteja tendo o povo, se constitui numa espécie de “invasão cultural”, ainda que feita com a melhor das intenções. Mas, ‘invasão cultural’ sempre”. (FREIRE, 1987, p. 86).

Uma prática emancipadora, parte sempre do conhecimento da realidade objetiva e subjetiva, por isso a exigência de ouvir os moradores e moradoras dos territórios como ponto de partida para o trabalho social. “O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou conjunto de seus temas geradores.” (FREIRE, 1987, p. 87). O que temos aqui, não é uma didática, um conjunto de técnicas ou dinâmicas de grupo, mas princípios, fundamentos de uma prática social, comprometida com a transformação coletiva da realidade.

A metodologia dialógica se constitui de três momentos fundamentais que devem estar presentes em todas as ações que realizamos. Todos estes momentos devem ser prece-didos de preparação por parte da equipe responsável. Não são um receituário prescrito,

11 *Pronunciar o mundo, para Paulo Freire, é dizer a palavra autêntica, é o direito de todos os sujeitos à fala, é ação mais reflexão, é transformação da realidade, que se faz na denúncia das injustiças e no anúncio do novo que deve ser construído coletivamente.* (FREIRE, 1987, p. 77-79).

tampouco se dão espontaneamente. A postura do técnico ou da técnica diante de um grupo ou comunidade pode comprometer todo um trabalho.

No terceiro capítulo do livro *"Pedagogia do Oprimido"*, Paulo Freire aprofunda cada um desses momentos da metodologia, apontando os desafios que provavelmente terão que ser enfrentados, desde a delimitação da área em que se vai trabalhar e o primeiro contato com a comunidade. Neste momento, o técnico ou a técnica devem explicitar os objetivos de sua presença ali, buscando estabelecer uma relação de simpatia e confiança mútua, a fim de obterem o aceite da comunidade para que o trabalho se desenvolva.

O primeiro momento ou a escuta inicial, não se encerra numa única visita. Não se trata de uma pesquisa para "levantamento de demandas", mas um mergulho na vida da comunidade, uma "investigação participante", uma "vivência cotidiana". Quanto mais participação da comunidade desde o início do processo, mais consistente será o conhecimento da realidade e o planejamento das ações. Trata-se de um encontro de culturas diferentes, um "diálogo de saberes". Portanto, ainda que a equipe carregue consigo "um marco conceitual valorativo", ele jamais deve ser imposto aos indivíduos, grupo ou comunidade com quem se esteja trabalhando. (FREIRE, 1987, p. 104).

Importante que a "investigação" se dê em momentos distintos, surpreendendo a comunidade em seus momentos de trabalho e lazer, cultos religiosos ou reuniões de associações, atividades esportivas, através de conversas com pessoas em suas casas, observando-se as relações vivenciadas entre marido e mulher, parceiros e/ou parceiras, pais e filhos. *"A propósito de cada uma destas visitas de observação compreensiva devem os investigadores [técnicos(as)] redigir um pequeno relatório, cujo conteúdo é discutido pela equipe, em seminário, no qual se vão avaliando os achados, quer dos investigadores profissionais, quer dos auxiliares da investigação, representantes do povo, nestas primeiras observações que realizaram. Daí que este seminário de avaliação deva realizar-se, se possível, na área de trabalho, para que possam estes participar dele"*. (FREIRE, 1987, p. 105). Trata-se, portanto, desde o início, de um processo de aprendizado mútuo.

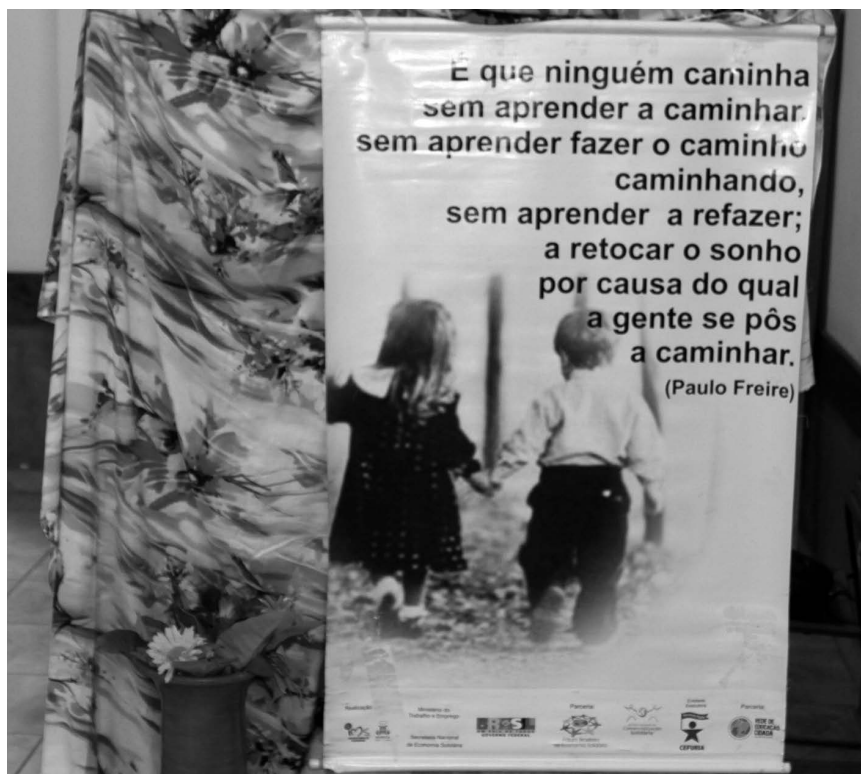
Num segundo momento, munidos da "temática significativa", que explicita a visão de mundo da comunidade ou grupo, a equipe escolherá algumas dessas contradições sociais ("temas geradores"), sobre as quais refletirá e elaborará suas próprias explicações ("contra tema"); com base em quê, buscará os recursos didáticos que permitirão a análise coletiva quando da volta à comunidade. É o momento da análise, codificação¹² e descodificação dos temas geradores. Tais codificações tratam de situações conhecidas pela comunidade ou grupo, portanto não se trata de enigma a ser desvendado, mas não devem ter seu núcleo temático demasiadamente explícito num primeiro momento. *"Na medida em que representam situações existenciais, as codificações devem ser simples na sua complexidade e oferecer possibilidades plurais de análise na sua descodificação, o que evita o dirigismo massificador da codificação propagandística. As codificações não são slogans, são objetos cognoscíveis, desafios sobre os quais deve incidir a reflexão crítica dos sujeitos descodificadores"*. (FREIRE, 1987, p. 109).

O terceiro momento é quando os educadores (equipe técnica) voltam à comunidade para debater e analisar os temas, problematizá-los, desafiando os presentes a irem construindo propostas de solução no decorrer do diálogo e explicitando novos elementos não explicitados nos momentos anteriores. Ou seja, a investigação temática continua, aprofundando questões anteriores e se abrindo para outras, numa espécie de espiral. *"Desta forma, os participantes do 'círculo de investigação temática' vão extrojando,*

12 As codificações se constituem em representações das "situações existenciais" ou "contradições sociais" escolhidas para o desenvolvimento do trabalho. Podem ser, figuras, fotografias, vídeos, dinâmicas de grupo, ou mesmo uma problematização oral, a partir da apresentação, em poucas palavras, de um problema que se quer analisar.

pela força catártica da metodologia, uma série de sentimentos, de opiniões, de si, do mundo e dos outros, que possivelmente não extrojetariam em circunstâncias diferentes".(FREIRE, 1987, p. 113).

Esta metodologia exige, pois, comprometer-se com a comunidade, acreditar em sua possibilidade de mudança. É, portanto, um ato de amor. *"Onde quer que estejam os oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.[...] Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo". (FREIRE, 1987, p. 80).*



3ª Etapa Oficina Metodologia Freireana, 18/02/2016



2ª Etapa Oficina Metodologia Freireana, Casa do Trabalhador, 22/11/2015

Economia Popular Solidária

“Estamos diante de formulações que combinam a emergência de novos atores e sujeitos do trabalho com um potencial de crítica à economia política do capital, em que uma brecha utópica se abre para as classes populares no resgate de uma nova centralidade do trabalho vivo”.

Pedro Cláudio Cunha Bocayuva

A Economia Popular Solidária (EPS) se constitui de um conjunto de práticas econômicas (produção, consumo, crédito), organizadas a partir da base da sociedade, que têm no trabalho coletivo, autogestionário, e na solidariedade sua principal fundamentação. A motivação de tais práticas, num primeiro momento, é a geração de renda para a sobrevivência de pessoas, quase sempre com dificuldades de acessar o mercado de trabalho formal.

Sua visibilidade ganhou força no Brasil, a partir de 2003, com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), que segundo seu Secretário Nacional à época e um dos principais teóricos da EPS, Paul Singer, “é fruto do reconhecimento do Estado brasileiro sobre um processo de transformação em curso provocado pela ampla crise do trabalho que vem assolando o país desde os anos 1980”. (SINGER, 2004, p. 3).

A importância da Economia Popular Solidária reside exatamente no fato destas experiências terem o *trabalho* como fundamento de suas práticas, pois é através do trabalho que o homem transcende a sua condição animal. Porém não, de qualquer trabalho. Como atividade humana vital, o trabalho precisa ser emancipado de sua condição heterônoma (cumpridora de ordens). Tornar-se livre de fato, não apenas de direito, pois a liberdade de criação é o fundamento da humanização. Ainda que o trabalho livre, criativo e autônomo seja um sonho da humanidade, ele precisa ser exercitado, ainda que de forma limitada, nas brechas da forma histórica chamada emprego.

Contribuir com a organização de pessoas, historicamente excluídas, na perspectiva da EPS é resgatar sua autoestima e capacidade criativa. Articulado à metodologia de Educação Popular, tratada anteriormente, o ponto de partida para a organização de grupos autogestionários é a identificação das potencialidades que os sujeitos envolvidos têm. O que já sabem produzir? O que gostariam de aprender? Como estabelecer trocas de saberes e práticas?

A exclusão social e econômica a que estão submetidos grandes contingentes populacionais nos territórios periféricos de Curitiba e de outras cidades brasileiras, é fruto do processo histórico da humanidade. O fim da escravidão e da servidão não garantiu ao homem, os meios para a produção de sua existência. Sua força de trabalho, sua energia, teve que enfrentar num mercado supostamente livre, o poderio dos proprietários das terras e das fábricas, que prescreveriam o quê, como, para quê e para quem o homem faria seu trabalho.

Obedecendo a prescrições, homens e mulheres foram sendo gradativamente expropriados dos seus saberes; foram tendo sua criatividade tolhida e tornando-se apêndices das máquinas que, ao contrário de constituírem extensão de seus braços, para garantir-lhes uma vida menos sofrida, acabaram por subjugar-los. Ao subjugar completamente a humanidade a esta forma prescrita de trabalho chamada emprego, o sistema econômico que a criou desenvolveu a tal ponto suas forças produtivas, que foi capaz de substituir em grande parte o trabalho vivo - a energia humana - pelo trabalho morto - as máquinas - cujo desenvolvimento deveu-se à apropriação privada da ciência, isto é, do conhecimento humano, historicamente construído.

Expropriados de seus saberes, dos meios de produção de sua existência e até do trabalho alienado, chamado “emprego”, os homens tornaram-se novamente presas da escravidão, servidão, superexploração, precarização e todas as formas de desumanização. Transformando-se muitos deles novamente em coletores, não mais de frutas silvestres, mas de lixo produzido nas cidades.

Compreender e reconhecer este processo histórico de desumanização é fundamental para as equipes técnicas que trabalham na ponta dos serviços públicos, pois, sem isto, corre-se o risco de reproduzir os mitos construídos pela ideologia dominante, culpabilizando ainda mais as vítimas do sistema opressor onde estão inseridos(as). Pesquisar e conhecer as experiências de resistência dos trabalhadores e das trabalhadoras na luta por sua sobrevivência é também muito importante.

A Economia Popular Solidária de que falamos hoje, é fruto da resistência ao capitalismo; nasceu ao lado dele como uma sombra a denunciar *“um modo de produção que não leva em conta a vida, mas a acumulação material e a exacerbação do poder. [...] Há pistas da Economia Popular Solidária naquela que se denominava ‘economia social’, experienciada há 150 anos, na Europa. Já na época, os adeptos da economia social criticavam a ênfase ao reducionismo econômico, que não levavam em conta os problemas sociais. Eram experiências econômicas sem fins lucrativos, pautadas na ética e nos princípios de solidariedade, como as associações de apoio mútuo e as cooperativas”*. (BEZ e CARNEIRO, 2004. p. 7).

“É possível que, para o novo mundo do trabalho (forjado na falsa autonomia da terceirização e da precariedade), a ideia de sociedade futura penda mais para a proposta de uma ‘comunidade de indivíduos livres’; e que, para os trabalhadores agrupados na velha fábrica moderna, esta sociedade do futuro apresente-se mais como ‘uma comunidade livre de indivíduos associados’”. (GENRO, 1997, citado por BOCAYUVA, 2000, p. 19).

Fonte de debates acirrados, com críticas e defesas a partir de vários espectros políticos e teóricos, o campo da Economia Popular Solidária tem crescido muito no Brasil e no mundo, sob várias formas e denominações. Na prática, a EPS tem se constituído uma prática social importante de exercício da cidadania e crítica à sociedade de consumo. Tem, portanto, um caráter educativo, para além da geração de renda. Além de se constituir num espaço de participação majoritariamente feminino, onde as mulheres discutem, além das técnicas culinárias ou artesanais, relações de gênero, questões ambientais e elementos de economia política.



AÇÕES REALIZADAS

A operacionalização de ações intersetoriais e interdisciplinares, tal como proposta nos documentos produzidos recentemente pela FAS¹³, mais concretamente no Programa Curitiba Mais Humana, significou mudança de paradigma do trabalho social e uma nova visão de mundo, exigindo etapas de preparação dos profissionais que estariam envolvidos com as ações nos territórios priorizados. Neste sentido, uma metodologia democrática, que tivesse na sensibilização para o mundo do trabalho tema central, era fundamental para uma política de proteção social voltada ao resgate das famílias em situação de extrema vulnerabilidade e riscos sociais complexos. Assim, através deste Projeto de Parceria, o CEFURIA colocou à disposição da Prefeitura de Curitiba, sua experiência histórica de mais de 35 anos atuando com comunidades e movimentos sociais; e seus conhecimentos acumulados na Educação Popular e Economia Popular Solidária, contribuindo com a qualificação das ações já em andamento, através de um processo de formação continuada com as equipes em atuação nos territórios priorizados.

A proposta aqui relatada se destinou a dois conjuntos de sujeitos, quais sejam: as equipes de servidores da FAS que atuam direta ou indiretamente nos equipamentos das áreas priorizadas e na gestão (aproximadamente 65 profissionais) e lideranças desses territórios – Vila Harmonia, Barigui (Núcleo Regional CIC); Parque Nacional Acrópole (Núcleo Regional Cajuru); Vila Beira Rio e Bela Vista da Ordem (Núcleo Regional Pinheirinho, atualmente Tatuquara).

Seu objetivo foi contribuir com a formação teórico-metodológica das equipes, voltada para o desenvolvimento de atividades de sensibilização e autonomia das populações que integram os territórios priorizados pela FAS, dentro das ações de mobilização para o mundo do trabalho, a partir da concepção da Educação Popular Freireana e Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, na perspectiva da Economia Popular Solidária.

1. Escuta das Equipes nos Territórios Priorizados

O ponto de partida deste processo de formação foi a realização de rodas de conversa para uma escuta qualificada das equipes em atuação nos territórios. Momento chave fundamental para o desenvolvimento de todo o Projeto.

Todas as rodas de conversa realizadas para a escuta inicial das equipes da FAS pela equipe do CEFURIA seguiram a seguinte metodologia:

1. Reflexão Inicial a partir da leitura do Poema “Monólogo”, de J. G. de Araújo Jorge:

*Meu filho,
se te dissesse que poderia haver um mundo de duas classes,
em que uns trabalham e outros não,
e os que trabalham mendigam, e passam fome,
e os inúteis gozam e desperdiçam.*

*Se te dissesse que poderia haver um mundo
em que uns tem tudo: pão, remédio, crianças, futuro,
- já nasceram proprietários do futuro! -
e os outros não tem nada, nem mesmo meios para a luta,
a grande luta desigual.*

*Se te dissesse que nesse mundo
há homens de automóveis, tapetes, mulheres perfumadas,
e homens na chuva, ao relento, mulheres nas calçadas,
e aos primeiros não causa a menor impressão tal acontecimento
e os outros não se revoltam, - estendem apenas as mão vazias
- e exalam lamúrias.*

*Se te dissesse que a justiça e a fé são mercadorias inacessíveis
aos realmente necessitados:
e o direito é apenas a lei que manterá tal estado de coisas;
e há homens que jogam a riqueza pelo prazer de jogar
e outros que a mereciam e morrem sem conquistá-la.*

*E se te dissesse que apesar de tudo, esse mundo existe realmente
e vive, progride, e avança,
haverias de me dizer: impossível, meu pai,
um tal mundo jamais poderia existir
nem poderia a vida afinal ser tão má!*

*Entretanto, meu filho, basta abrires teus olhos,
aí está, - parece incrível, não é? - mas aí está!*

2. Apresentação dos(as) participantes:

Foram distribuídas três tarjetas de cartolina a cada um(a) dos(as) participantes para que escrevessem nelas (individualmente): AÇÕES já em andamento no território; METODOLOGIA que utilizam para essas ações; DIFICULDADES e POTENCIALIDADES encontradas.

Ao se apresentarem, os(as) participantes explicavam com mais detalhes o que tinham escrito nas tarjetas, que foram sendo coladas num painel. Assim fomos tendo uma visão geral do trabalho social, tanto dos técnicos diretamente envolvidos, quanto daqueles indiretamente envolvidos; bem como do contexto do território.

As Ensinaças da Dúvida

Thiago de Mello

Tive um chão (mas já faz tempo)
todo feito de certezas
tão duras como lajedos.

Agora (o tempo é que fez)
tenho um caminho de barro
umedecido de dúvidas.

Mas nele (devagar vou)
me cresce funda a certeza
de que vale a pena o amor.

VILA BEIRA RIO E BELA VISTA DA ORDEM CRAS Santa Rita, Tatuquara, Curitiba, 13 de Outubro de 2015



PARTICIPANTES

11 pessoas, sendo três do CEFURIA e oito da FAS.

CONTEXTO GERAL DO TERRITÓRIO

O território atendido pelo CRAS Santa Rita abrange 500 famílias, 70 das quais são mais vulneráveis (mais ou menos 300 pessoas), pertencente à área priorizada. Todas já estão no CAD Único. Muitas crianças. 15 adolescentes. A Assistente Social realiza visita às famílias, pelo menos uma vez por semana; o CAD Único é feito em domicílio; acompanhada por um dos Educadores Sociais.

APRESENTAÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES

1. Assistente Social atua na área desde 2013. Inicialmente tinha dificuldade de atrair as pessoas para as atividades do CRAS. Entendeu que precisava estar lá no território para que as famílias tivessem os técnicos como referência. Em agosto de 2014 começaram a mapear as famílias na região de cima (longe do rio) e depois, com a priorização, fizeram um mutirão envolvendo toda a equipe para visitar as famílias da beira do rio, preenchendo fichas de atendimento social. Ao voltar para o equipamento, fizeram comparação com as fichas já existentes no CRAS e viram que muitas famílias já eram cadastradas. Atualizando os cadastros, perceberam que muitas famílias de renda zero, não estavam recebendo o Bolsa Família. Durante essas visitas já ouviam as demandas. Assim começaram um processo de melhoria das moradias através do IPCC (Instituto Pró-Cidadania de Curitiba). Surge, então, o Programa Curitiba Sem Miséria que envolveu 33 famílias sob vulnerabilidade extrema, contribuindo com um recurso mínimo (R\$ 55,00) para comprarem alimentos no Armazém da Família, além de ações de acompanhamento familiar e encaminhamento para outras políticas públicas.

Fazendo Mobilização para o Mundo do Trabalho, perceberam que os adolescentes não participavam do Serviço de Convivência; então foram para o território, usando espaços aí disponíveis, como Igrejas, para mobilizar os adolescentes e depois, reuniram também os adultos no Colégio. Visitaram todas as moradias que tinham adolescentes (14 a 17 anos). Quatro desses estão no FAS Aprendiz e um deles já está trabalhando na URBS. Alguns ainda não estão inseridos nos programas porque não têm documentação.

Esta técnica diz que as ações, em geral, são mais individualizadas. O território tem muitos becos, o que dificulta o acesso às famílias. Reconhece o limite por não realizarem ações em grupo, mas já fizeram, com dificuldade, reunião com algumas famílias ao ar livre, para explicar a elas o que a equipe do CRAS estava fazendo no território, qual seu objetivo, etc. Com isso foram quebrando resistências. O CRAS já existe lá desde 2008, mas não tinham essa prática de ir até o território. Por isso, o CRAS e os técnicos não eram conhecidos pelas famílias.

A proposta da priorização era para abranger no máximo 100 famílias para que pudessem fazer um acompanhamento mais permanente. Com o recorte da beira do rio, priorizaram as 70 famílias mais vulneráveis. Toda segunda e terça-feira à tarde ela vai para o território, normalmente acompanhada de um educador social. Nas primeiras visitas, entregaram um cartãozinho para todas as famílias com o telefone do CRAS e nomes dos técnicos de referência, para facilitar o vínculo. Diziam: “se precisarem de algo urgente podem ligar”.

A recepção do CRAS está orientada para que, mesmo fora dos dias de atendimento, as pessoas do território priorizado sejam recebidas. Não se pode deixá-las descer o morro, sem atendimento. As fichas cadastrais das pessoas do território priorizado tem uma identificação para que se destaquem das outras. A equipe identifica as situações de maior vulnerabilidade e vai “bater na porta” das famílias. No mapeamento levantam dados de escolaridade, desemprego, etc., que lhes permite fazer um diagnóstico, ouvir as demandas e fazer os encaminhamentos necessários em cada caso. As famílias (em geral) tem forte ligação com pessoas envolvidas com atividades ilícitas e, de alguma forma “trocaram proteção”. Entretanto, depois de um período de rejeição, a equipe sente hoje um reconhecimento. Conseguiram estabelecer vínculos. Os adolescentes têm baixa escolaridade; a maioria não frequenta a escola e trabalha para o tráfico. O “Mobiliza” (Programa de Mobilização para o Mundo do Trabalho) tem uma metodologia própria que “mexe” com o autoconhecimento; mesmo assim conseguiram envolver poucos adolescentes que estão fora da escola.

A técnica tem dificuldade de perceber potencialidades, objetivos comuns ou desejo de melhoria no território. Falta perspectiva. Mas percebe gratidão e reconhecimento pelas ações do CRAS. Apesar do esforço intersetorial no território, ainda faltam vagas em creches. Há previsão de mais três CMEI na região, mas é tudo muito lento.

Há um pequeno debate a partir desta primeira apresentação. A supervisão diz que pra facilitar as ações intersetoriais disponibilizaram a relação das famílias priorizadas para os setores de Educação e Saúde para que também pudessem garantir priorização em suas ações. Alguém sugere que façam troca de experiência entre os setores que atuam no território, para articular as ações ainda muito fragmentadas. Lembram que a vulnerabilidade é extensiva a muitas outras famílias, e que o recorte da priorização, em certo sentido, tem a ver com a capacidade da equipe que não é exclusiva para o território, mas as ações teriam que abranger muitas outras famílias igualmente vulneráveis.

2. A segunda participante diz que trabalhou como Educadora Social no CREAS, durante cinco anos. Está há seis meses como referência na Mobilização para o Mundo do Trabalho. Concorde com a colega que, de fato, há muito problema de tráfico/violência na região (houve uma chacina lá e tiveram que se afastar por um tempo).

Levaram o SINE móvel para entrevistas de emprego bem como o FAS Aprendiz. Fizeram O “Mobiliza” numa tarde e tiveram a participação de seis adolescentes porque outros estavam na escola. A partir do CREAS conseguiram identificar mudança nas famílias. Mas, no “mobiliza para o mundo do trabalho” sentem que a concorrência do tráfico é grande, daí a dificuldade (a atividade ilícita é mais rentável do que o emprego).

3. Outra Assistente Social diz que está há apenas um mês no CRAS Santa Rita. O que percebeu, até agora, de forte nas ações, são as visitas às famílias e o vínculo da técnica de referência com a comunidade. Vê que a grande dificuldade é colocar em prática a intersetorialidade e superar a falta de perspectiva para mudança das famílias, além do risco por conta do tráfico.

4. A quarta pessoa ao se apresentar diz que está trabalhando na regional do Pinheirinho há oito anos, começando pelo CRAS Pompeia (não havia o Santa Rita na época). Assumiu a gerência da PSB em junho de 2015. Ela diz que a autoridade sanitária, a partir dos agentes de saúde, comunicou as dificuldades encontradas no território para a FAS. Há também uma ação da SMAB. Ações ainda muito setorizadas. A FAS centraliza o esforço da intersetorialidade. Mas ainda não ocorreram reuniões intersetoriais para discutirem coletivamente o território. Há um pensamento compartimentado nas outras políticas, por isso o peso fica centralizado na Assistência Social. Ela vê como um dos limites, a falta de estrutura no próprio território, além da rotatividade das equipes no CRAS. Vê, apesar de tudo, que as famílias têm desejo de mudança e que isso depende do vínculo estabelecido com o CRAS.

Há também um pequeno debate a partir desta fala e novos problemas são levantados. A escola de ensino médio existente na região é muito ruim. A evasão escolar é grande. A estrutura precária. O ensino é péssimo.

5. Esta participante diz que está na FAS há quatro anos, sempre envolvida com o Mundo do Trabalho. Sente que antes, era uma área muito centrada no Liceu de Ofícios (formação técnica para o mercado formal de trabalho). Havia pouca articulação com outras políticas. A partir do Mobiliza e do Projeto Equidade (escolas abertas para ações intersetoriais à noite) levaram o PRONATEC (mas tem poucas vagas). Daí fizeram o Mobiliza no Cajuru e Pinheirinho com uma nova metodologia, que é a “Aprendizagem por Ação” e “Vínculo Vivencial” a fim de despertarem as pessoas para a importância do mundo do trabalho numa outra perspectiva, estimulando a criatividade. Esta proposta metodológica tem três módulos: dois para o público adulto e um para os adolescentes. São dois a três encontros para identificar o interesse do grupo e fazer a articulação (SESI/SENAI/SINE).

As ações do Mobiliza são abertas a toda a região, não apenas para o território priorizado.

Ela diz que um dos desafios é identificar as vulnerabilidades para além da renda e o próprio imediatismo das pessoas. Mas vê que uma potência é o interesse de mudança e vínculo entre famílias e equipes.

6. Assistente Social, trabalhou na saúde por 20 anos. Em 2014 foi para o CREAS, onde ficou muito absorvida, com pouco acesso à proteção básica; com um olhar muito específico para as demandas do judiciário, etc. Quando veio para a PSB na regional do Pinheirinho, já havia todo um caminho percorrido e, então, procurou se apropriar do processo, com apoio do setor de Planejamento da FAS. Foi formado o Comitê Gestor do Programa Curitiba Mais Humana no local, que reúne todas as políticas. Entende que, se o Administrador Regional mobiliza, a intersetorialidade caminha. Depois fizeram reuniões com as famílias. Daí a disponibilidade da relação das famílias para outras políticas.

Ela diz que a Coordenadora do CRAS é a pessoa-chave, porque apesar de gestora (podia ficar dentro do equipamento) fez questão de fazer o acompanhamento das famílias no território. É um perfil importante! A maioria se fixa no papel de técnico ou gestor, não articula as duas coisas.

As lideranças do território trouxeram várias ideias e demandas para o CRAS, pedindo oportunidades. Mas a relação com as outras políticas é mais difícil. A Regional Pinheirinho será dividida, porque a Prefeitura está criando uma nova Regional – Tatuquara – e isso vai mexer com as equipes, ainda que na Saúde e Assistência as equipes permanecem.

Vê como potencialidade o vínculo entre CRAS e comunidade; e também o sentimento de solidariedade, autoajuda, entre as famílias em caso de emergência. É neste momento que se consegue identificar as lideranças. Mas há também a falta de perspectiva (fatalismo); daí a necessidade de resistência à naturalização.

7. Esta outra técnica está há um ano na FAS, onde chegou direto para a Mobilização para o Mundo do Trabalho (antes trabalhava em outra Secretaria). Diz que a metodologia do “Mobiliza” trabalha com a sensibilização do público. Fizeram um reordenamento do que existia antes, voltando-se para a empregabilidade. Para tanto, há facilitadores na FAS, com supervisão, avaliação e reconstrução permanente da proposta. Construíram uma apostila com conteúdo, instrumentais e material complementar denominado “Carta na Manga” como subsídio, construída coletivamente. Fazem articulação com o “Sistema S”, Agência Curitiba, PRONATEC, etc.

Vê como dificuldade, ainda, a articulação com a Secretaria do Trabalho e Agência Curitiba, porque ainda veem o mundo do trabalho só como “mercado formal” (na linha do “Liceu de Ofícios”). Mas, buscam espaço para abertura e descentralização de seus serviços; assim como parcerias com ONGs que atuam na perspectiva do mundo do trabalho numa concepção diferente, buscando a inclusão produtiva. Falta uma política pública de trabalho e renda, daí a importância da Economia Solidária. Fazem diagnóstico para identificar os espaços parceiros e buscam pensar estratégias coletivas. A inclusão produtiva era vista como produto, não como proteção social, que requer um conjunto de serviços funcionando ao mesmo tempo. Se estes não funcionam, a inclusão produtiva não ocorre e as ações ficam limitadas às intervenções pontuais, muita fragmentação e descontinuidade no território.

Ela diz que é preciso pensar nas lideranças do território: elas têm projetos pessoais ou estão a serviço da comunidade? Qual a abrangência de visão que as pessoas dos territórios priorizados têm? Falta iniciativa da própria comunidade. Não buscam direitos. Transferem a cidadania para outros. Os reassentamentos de algumas famílias, quebram os laços de solidariedade. Há um debate sobre a existência ou não da solidariedade, porque alguns técnicos acham que isso está muito ligado à “proteção” do tráfico.

8. Ao se apresentar, esta participante diz que na reunião do Comitê Gestor Local percebeu a presença de lideranças funcionais, agentes de controle, lógica de criminalização das comunidades, fruto da histórica política clientelista do Estado. Um grande desafio é criar um novo jeito de se relacionar com as forças sociais, na perspectiva de uma Gestão Participativa. Para tanto, é preciso identificar as lideranças reais. Romper com a massificação do assistencialismo. Há uma combinação perversa entre tecnicismo e assistencialismo, o que torna difícil às equipes verem possibilidades diante de um quadro tão agudo. Outro desafio (consequência do primeiro) é regulamentar os benefícios como Direito, além de superar a fragmentação e a pontualidade das políticas.

Ela diz que em articulação com a Câmara de Vereadores de Curitiba, através de um dos vereadores mais comprometidos com as mudanças, foi aprovado um “Fundo Municipal de Apoio aos Territórios Vulneráveis”, dentro do Plano Diretor da Cidade. É preciso revelar que existem várias Curitibas e olhar as demandas das famílias como sendo coletivas, superando a prática dos atendimentos individualizados.

Em seguida, a Equipe do CEFURIA se apresenta e fala sobre o Projeto de Parceria que se inicia com a FAS, “Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho”, parceria inédita, em construção desde o início deste ano (2015) através de diálogo entre as equipes do CEFURIA e FAS.

Incentivam a participação de todos na Oficina de Metodologia Freireana que terá início nos dias 25 e 26 de outubro, mostrando que não perderão um domingo; ao contrário, estarão investindo num processo de formação não apenas profissional, mas para suas vidas.

Explicam que o Projeto tem vários momentos, que inicia pelo processo de formação específico para técnicos; depois se amplia para técnicos e lideranças dos territórios priorizados; passando por troca de experiência com outros grupos já consolidados em economia solidária; além do acompanhamento permanente de uma Educadora Popular contratada especificamente para coordenar o Projeto que estará junto com as equipes dos CRAS nos territórios, além do apoio da equipe do CEFURIA como um todo.

Por fim, abre-se a palavra para avaliação da roda de conversa realizada para esta "Escuta", que foi muito valorizada pelos presentes, pois as equipes nem sempre têm tempo de sistematizar e avaliar suas próprias ações de forma coletiva e com a presença não apenas das equipes locais, mas também dos gestores regionais e centrais da FAS. Há uma grande expectativa de aprendizado mútuo de ambas as equipes (FAS e CEFURIA) no desenvolvimento do Projeto, fundamentado pela metodologia de Educação Popular Crítico Freireana, destacando-se que mais importante que o produto final, é o próprio processo que estará se construindo para uma mudança cultural nas relações entre poder público e comunidades, na perspectiva de uma Gestão Democrática.

VILA HARMONIA

CRAS Barigui, CIC, Curitiba, 14 de Outubro de 2015



PARTICIPANTES

18 pessoas, sendo três do CEFURIA e 15 da FAS.

CONTEXTO GERAL DO TERRITÓRIO

A Vila Harmonia possui atualmente cerca de 300 casas e apresenta duas situações distintas em sua extensão territorial. Entre a Rua Francisco Lourival Ribeiro e a Rua Dra. Elisa Checchia Noronha (lado direito) há cerca de 240 casas construídas, em melhores condições e a mais tempo, sendo este terreno de propriedade particular. No lado esquerdo da Rua Dra. Elisa Checchia Noronha, há aproximadamente 58 casas construídas em área pertencente à Curitiba S/A, sendo tal localização, território de preservação ambiental. O território priorizado neste momento são as 58 casas na área de preservação

ambiental. Segundo informações, a comunidade existe há aproximadamente 09 anos; no entanto, informa que em 2004 a COHAB realizou uma realocação de aproximadamente 16 famílias, mas a área foi novamente ocupada a partir de 2005 e a situação de ocupação vem se agravando nos últimos 12 meses. Atualmente sabe-se que algumas famílias são oriundas da Ocupação Irregular Arvoredo, localizada em Araucária e outras da ocupação Zumbi dos Palmares em Colombo. Percebe-se também que há um grau de parentesco entre os moradores da vila, bem como famílias com o mesmo sobrenome da liderança comunitária, vindas da cidade de Maringá. As principais vulnerabilidades são: condições insalubres do local (falta de saneamento básico, condição precária das habitações, risco de enchente e de doenças) e conflitos familiares e entre vizinhos (não há consenso sobre a organização da ocupação, aceitação ou não de novos moradores ou permissão para venda de terrenos).

APRESENTAÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES

1. Educadora Social de 2006 a 2013. Assistente Social atuando no território a partir de 2014. Já faziam atendimento individual das famílias há muito tempo. Com a priorização, realizaram uma reunião no território e outra no CRAS, explicando sobre o Programa Curitiba Mais Humana e fazendo a criação do Comitê Local. Também organizaram seminários e conferências envolvendo a população. As dificuldades apontadas são: desarmonia entre os moradores do território; presença de um poder ilícito; baixa escolaridade; falta de vagas no CMEI. Vê a existência de muitos jovens como potencialidade; CRAS como referência para a população; relações de parentesco entre as famílias; interesse ou intenção de mudança.

2. Educadora Social há nove anos na FAS; sempre trabalhou no território, mesmo antes da instalação do CRAS Barigui. Sente que há vínculo e confiança da população em relação ao CRAS. Realizam visitas e reuniões e vê como potencialidade a proximidade dos equipamentos ao território. Dificuldades: baixa escolaridade; falta de vagas no CMEI; liderança negativa; dificuldade de colocar em prática a intersetorialidade (COHAB e SMAB não conhecem o trabalho da FAS).

3. Formado em Ciências Políticas, trabalha como Educador Social; reeleito Conselheiro Tutelar em seu local de moradia se afastará do CRAS Barigui quando assumir. Já foi Conselheiro Tutelar por dois mandatos no bairro Boa Vista, onde mora e vê que os desafios do CT são os mesmos do CRAS. Dificuldades: pouca participação da comunidade (são sempre as mesmas pessoas que participam); individualismo; falta perspectiva de futuro; imediatismo; moradores não veem importância no trabalho assalariado; muita dependência do CRAS.

4. Educadora Social a partir de 2014. Já trabalhou como Gestora Ambiental na COHAB. Não trabalha diretamente no território, mas conhece os moradores através de atendimento na recepção do CRAS. Percebe que as técnicas correm atrás dos outros setores para resolverem as demandas da comunidade. Também vê como dificuldade a baixa participação dos moradores nas reuniões; querem assistencialismo.

5. Educadora Social na FAS há seis anos; há 1,5 anos no Barigui, mas não trabalha diretamente no território priorizado. Diz que o cadastro da COHAB feito em 2012 precisa ser refeito porque muitas famílias não moram mais lá. Vê que o principal problema é ambiental (as famílias moram na beira do rio).

AÇÕES REALIZADAS

6. Educador Social (pedagogo), na FAS há 13 anos (mas já trabalha na Prefeitura há mais de 20 anos). Trabalhou com meninos em situação de rua e depois na República do Piá. Seu território de referência é o Sabará, mas acompanha o território priorizado pelos bastidores, através de encontros no CRAS. Não vê tanto problema com a interseccionalidade porque a regional faz essa articulação. Cita um trabalho importante que os psicólogos estão fazendo com as mulheres a partir do Outubro Rosa. Como dificuldades, diz que falta interesse por parte dos moradores; violência e tráfico; liderança exerce poder negativo.

7. Psicóloga, trabalha no Sabará junto com o colega que se apresentou anteriormente. Está na FAS há oito anos; já trabalhou na PSE e está aqui no Barigui desde dezembro de 2014. Vê que há uma intensificação do acesso da população à Assistência Social e outras políticas, porque os técnicos estão mais disponíveis e presentes no território priorizado. Mas acha que a priorização descobre um pouco os outros territórios. Ela entende que, enquanto Programa, as ações ainda acabam vindo “de cima” (coisas a cumprir), ainda que não impostas. Nas reuniões do Comitê Local há a participação de apenas três representantes da comunidade, enquanto há representação de todas as secretarias; a comunidade elegeu 10 pessoas, mas apenas três participam efetivamente. Os técnicos têm bom acesso à comunidade.

8. Assistente Social, assumiu a coordenação do CRAS há apenas uma semana, mas trabalha na FAS como educadora social desde 2008, em CRAS. Passando, após concurso, a exercer a função de Assistente Social. Diz que já foram realizadas várias “escutas” no território para levantamento de demandas. Vê como problema a falta de um líder que represente a todos os moradores e, como potencialidade, o protagonismo das pessoas que estão no Comitê (são boas lideranças).

9. Assistente Social na FAS há 10 anos, na PSE; há três anos na supervisão da CIC. A priorização do território se deu a partir de encontros com todas as coordenações de CRAS na região que avaliaram o Harmonia como o mais vulnerável, apesar da existência de outros territórios com situação muito próxima daquele, mas que entretanto já evoluíram, estão mais urbanizados. O Comitê Gestor Local do Programa Curitiba Mais Humana, foi criado em 2015, mas antes disso já haviam iniciado ações no território. Chamaram a comunidade no CRAS para falar do Programa.

O diagnóstico territorial havia sido feito pela COHAB e foi revisado a partir da criação do Comitê, a partir da escuta das demandas. Iniciaram ações de várias secretarias. Como? Visitas domiciliares às 60 famílias do território priorizado. A COHAB não tinha ainda um projeto de moradia para reassentar as famílias do Harmonia, por isso não refizeram o cadastro de 2012. Realizaram uma primeira reunião com lideranças (o presidente da Associação de Moradores, liderança formal e mais sete pessoas), explicando o Programa. Em seguida reunião da comunidade com a COHAB porque a maior demanda é a moradia (havia 60 pessoas na reunião).

Fizeram uma audiência pública, quando foram muito realistas no que se refere aos recursos para moradias em outro espaço, porque ambientalmente não é possível ficarem no local. A outra parte do Harmonia (ocupação num terreno particular), fora da beira do rio, já está sendo regularizada. Diferentemente do território priorizado que não tem condições de saneamento (enchentes; alagamento; as casas ficam com água na metade de sua altura e as famílias perdem seus pertences).

Só em 2015 fizeram 20 ações coletivas oficiais no território, desde a implantação do Comitê; sem contar as ações setoriais. Os setores trabalham muito isoladamente; a grande dificuldade é “fazer juntos”. Outra dificuldade é a existência de um poder paralelo,

velado, com controle total de uma família sobre as outras. Há muitos carrões no território. Liderança formal não representa os interesses de todos. Não há um local para encontros dentro do território. A última palestra foi numa escola, quando participaram 20 pessoas.

Potencialidade: comunidade tem desejo de mudança; cobram seus direitos; estão aprendendo a participar; vão em grupo para as Conferências. Tem forte vínculo com o poder público, para além do CRAS. O administrador regional entra livremente; bom vínculo entre servidores e gestores. Para eleição de representantes da comunidade no Comitê, exigiu uma ação enérgica do responsável pela Regional CIC, para mostrar à comunidade que os representantes no Comitê, tem papel diferente do Presidente da Associação de Moradores.

10. Psicólogo, trabalha na FAS desde 2010, atuando primeiro no CRAS Vila Verde e sempre procurando envolver novas lideranças. Diz que a formação do Colegiado contribuiu para isso. Os três moradores que estão participando do Comitê tem uma postura interessante, capacidade de análise das ações; se colocam sempre em favor do coletivo. Na verdade, nós (próprios técnicos) não sabemos fazer participação; os líderes da comunidade participam mais do que a maioria dos membros do Colegiado.

Potencialidades: vínculo forte das políticas com o território; tem-se jogado limpo com a comunidade (transparência); existência de muitos jovens.

Dificuldades: desarticulação grande entre as diferentes políticas. O próprio trabalho de Educação Popular que estamos iniciando na FAS, será conflitante com outras políticas. Interferências políticas do poder paralelo, criando melindres, porque não se pode expor as famílias. Estrutura burocrática conflita com o cotidiano do trabalho comunitário (quer se adequar o vivo, caótico, a uma estrutura fria, burocrática); muitas vezes fazemos atividades sem sentido para a população.

11. Psicóloga, na FAS desde 2010. Está na Superintendência do Planejamento fazendo o acompanhamento do Curitiba Mais Humana e o Centro Integrado de Direitos Humanos (em construção). Não atua diretamente no território. Tem acompanhado as ações do colegiado e faz a intermediação com a unidade gestora do nível central da FAS. Identificam as demandas dos colegiados locais e fazem com que sejam pautadas no colegiado central.

Dificuldade: intersetorialidade. Nem todos tem clareza de como trabalhar coletivamente e compartilhar responsabilidades, apesar de isto ser previsto na Lei Orgânica do município. A estrutura é rígida, não permite inovação. Há a resistência de algumas secretarias em relação ao colegiado e à participação comunitária. Diferentemente, o Curitiba Mais Humana exige inovação, uma outra cultura; é o Colegiado que fala com a comunidade e de forma transparente.

As demandas que vem para a FAS são demandas de sobrevivência. Isto parece “facilitar” as ações. Diferente de outras secretarias que não estão acostumadas a ouvir e lidar com demandas para as quais não têm respostas. Desconhecem como fazer coletivo; mas quando descobrem, torna-se uma potencialidade no trabalho com a comunidade. Quando há reconhecimento da vulnerabilidade pela própria comunidade, torna-se uma potência, enquanto desejo de mudança. Se a intersetorialidade é difícil na ponta, muito mais o é em nível central. Mas, pela primeira vez, conseguiram fazer um quadro que explicita todas as ações das secretarias, identificando a concentração das ações em alguns territórios e total vazio em outros. Isso é um avanço.

Em relação ao Harmonia, o que lhe chama a atenção são as mulheres, como pessoas ativas, que se destacam, reconhecendo a oportunidade aberta pelo Curitiba Mais Humana. Diferentemente dos homens que explicitam conflitos de poder e propriedade. Elas começam a produzir ideias de convivência coletiva.

12. Educadora na FAS há oito anos, com formação em serviço social. É técnica de referência da mobilização para o mundo do trabalho. Foi apenas uma vez no território. Diz que a aproximação dos técnicos ao território é fundamental. Vê que a dificuldade de acesso aos serviços por parte da comunidade é pela ausência da cultura de direitos (mais do que ausência e serviços). Acha positivo a presença de jovens adultos, mas não responderam bem à mobilização para o mundo do trabalho. Fala do Projeto Mulheres Mil do PRONATEC que apesar de todos os problemas organizacionais tiveram um resultado muito bom com mulheres jovens. É uma atividade de 200 horas.

13. Assistente Social, tem 23 anos de Prefeitura; passou por vários serviços. Hoje está na Gestão do Mobiliza. Acompanhou grupos em todas as regionais, mas nunca no Harmonia, que conhece indiretamente, pelas ações do mobiliza. Destaca a aproximação do CRAS. Diz que a equipe veste a camisa; está aberta ao novo.

14. Pedagoga, há quatro anos na FAS, onde foi direto para a geração de trabalho e renda (agora, Mobilização para Mundo do Trabalho). Não conhece o território. Participou de ações no CRAS e Regional CIC. Busca trazer os cursos mais próximo da população. Percebeu o resultado forte do Mulheres Mil no território. Característica comum aos territórios: imediatismo e outras vulnerabilidades, para além da renda. Como potencialidade: vínculo da comunidade com as equipes dos equipamentos; desejo de melhoria de vida; muitas empresas na região; participação da comunidade.

15. Esta outra participante diz que o Curitiba Mais Humana abriu o desafio da articulação intersetorial. A metodologia de sensibilização para o mundo do trabalho lhes mostrou que algumas pessoas podem querer participar das ações e outras exigem solução imediata. Pensando na sensibilização para o mundo do trabalho, no Curitiba Mais Humana e na Educação Popular, acha que no território haverá muito conflito, porque a grande questão é a moradia e tudo que a impacta (questão ambiental, saneamento, etc.). E como não tem previsão de projeto para isso, haverá consequências para as outras ações. Diz ainda que tem uma angústia: população do território é jovem (média de 28 anos) e muito rotativa, fragilizando o pertencimento e dificultando ações de geração de renda. A população vai ter que enfrentar a luta por esta questão da moradia.

Debate a partir das falas: um dos presentes diz que sofre a mesma angústia relatada pela colega. Não entendeu os motivos de priorizarem este território, já que a demanda central não será atendida. A moradia é a chave de tudo o mais. Outra participante diz que a demanda já está sendo equacionada, mas o não repasse do PAC-3 atrasou todo o processo. Entretanto, há clareza dos gestores que, embora a comunidade não possa permanecer naquele território, há ações a serem feitas para minimizar os problemas urgentes, que se desdobram da demanda principal. Já que tem a iminência de saída, procuram agir em cima das urgências, na transição ou busca de pertencimento. Outra pessoa explica que a priorização foi feita, apesar do problema estrutural, procurando melhoria da qualidade de vida em outras dimensões. Talvez consigam preparar a transição para outro espaço, com mais qualidade; fazer um trabalho educativo com os cuidados que se tem que ter com a convivência coletiva (como exemplo, não jogar lixo pela janela ou na valeta). Outro diz que tem vários motivos para que uma pessoa esteja numa área como aquela: muitos, porque não tem outro lugar; mas não é só isso; há motivos que desconhecemos e precisamos entender; estar com os ouvidos bem abertos. Um fenômeno a ser estudado, porque há famílias ali com renda alta. O problema da miserabilidade é complexo.

A equipe do CEFURIA se apresenta e fala da importância do princípio da transparência na relação com a comunidade, presente nos relatos que estão sendo feitos sobre o Curitiba Mais Humana. Dizem que a superação dos problemas não depende apenas dos técnicos, mas sim do engajamento da comunidade numa luta.

Os membros da equipe apresentam os passos do Projeto de Parceria CEFURIA-FAS, e falam das expectativas, compromissos e aprendizados mútuos. Destacam a importância da participação de todos na Oficina de Metodologia Freireana que terá início no dia 25 de outubro, especialmente aqueles diretamente envolvidos com o território Harmonia. Se comprometem a enviar o mais rapidamente possível o relatório desta roda de conversa e um subsídio para leitura antecipada à atividade de formação em educação popular.

A palavra é aberta a todos para uma avaliação da roda de conversa, que é valorizada pelo diálogo estabelecido entre diferentes funções e níveis de gestão da FAS. Foi fundamental a participação de todos, possibilitada pela agenda da escuta num dia em que não haveria atendimento do CRAS ao público.

PARQUE NACIONAL ACRÓPOLE Regional da FAS, Cajuru, 15 de Outubro de 2015



PARTICIPANTES

16 pessoas, sendo duas do CEFURIA e 14 da FAS.

INTRODUÇÃO SOBRE O PROJETO

Inicialmente a Equipe do CEFURIA, fez uma apresentação geral do processo de construção do Projeto de Parceria CEFURIA-FAS, destacando a oportunidade de aprendizado e compromisso mútuo. Uma parceria que só se realiza em função de um novo jeito de fazer gestão inaugurada pela FAS nos últimos anos e, em especial do Programa Curitiba Mais Humana.

APRESENTAÇÃO PARTICIPANTES

1. Assistente Social, entrou na FAS em 2014. Havia feito trajetória na área do idoso, mas aprendeu muito com os colegas de trabalho. Chegar no território do Acrópole foi impactante pra ela (doenças, cachorros, etc.). Quando foi conhecendo as pessoas, o território foi ficando melhor em sua visão. Gosta da localização do CRAS (mais ou menos 1

km do território). As famílias têm vínculo com a técnica e a equipe como um todo. Ela diz que tem medo de trabalhar com grupos. É um desafio pessoal que precisa quebrar, diz, porque o trabalho individualizado é frustrante. O trabalho com grupos, que vejo as colegas fazerem parece mais rico.

Fizeram visitas domiciliares refazendo o CAD Único e trazendo novos subsídios para identificar segmentos etários a fim de planejar ações. Reunião com a comunidade para o Curitiba Mais Humana (ainda muito restrito às demandas individuais). Já iniciamos ações para evitar alagamento. Há projeto de regularização fundiária na área. Os técnicos têm demandas de várias secretarias, não apenas os atendimentos. Dificuldades: cultura da não participação (que também é uma autocrítica).

2. Psicóloga, há 15 anos trabalhando com clínica; sua primeira experiência na FAS foi no “Família Curitibana” e o “Hortifruti” (SMAB). Trabalhou em grupo com crianças. Hoje está no Serviço de Convivência (oito a dez crianças participam). Acredita que através desse trabalho com as crianças poderão atingir as famílias. As mulheres querem aprender algo (empreendedorismo); isso é fator de adesão. Interromperam esse trabalho e agora vão adotar a metodologia do “Mobiliza”, que parte da escuta das próprias mulheres sobre seus interesses. Dificuldade: espaço inadequado do serviço de convivência; não tem como criar uma identidade do grupo. Potencialidade: o próprio grupo de crianças como possibilidade.

3. Educadora Social, está na FAS desde 1993. No CRAS Acrópole há 10 anos. Ela conhece tudo, sabe onde fica todas as ruas (os colegas brincam que ela é um GPS ambulante). Faz “busca ativa”, visita as famílias, mais atendimento por procura espontânea. Dificuldade: baixa escolaridade; distância dos equipamentos (Saúde, Creche, Escola). Não tem transporte coletivo dentro do território; violência e tráfico. Potencialidade: reconhecimento das famílias em relação ao CRAS, boa convivência com as famílias e equipe.

4. Pedagoga, trabalhando há 10 anos como educadora social. No CRAS Acrópole há cinco anos. No Serviço de Convivência com crianças de 6 a 12 anos, há um ano. Atuou nos cadastros do “Curitiba Sem Miséria”. Dificuldade: Ausência de um local apropriado dentro do próprio território que permita atividades que crie proteção. Adultos não participam. Falta tempo de qualidade para o educador ouvir e conhecer melhor as famílias. Potencialidade: vínculo com a comunidade.

5. Agente Administrativa, está há um ano na FAS. Trabalhava no Liceu do Ofício. Está no CRAS há um ano, ainda aprendendo.

6. Pedagoga, trabalhou no “Criança Quer Futuro” por cinco anos; depois no “Amigo Curitibano”. No Cajuru está há dois anos e meio. Trabalhou no CREAS com Populações em Situação de Rua. Agora é referência da Mobilização para o Mundo do Trabalho. Dificuldade: sentimento da comunidade de não pertencimento à sociedade. Potencialidade: trabalho da equipe na própria criação de vínculo.

7. Educadora Social, há sete anos na FAS. Diz que para os moradores participarem precisam ser chamados muitas vezes, mas quando vão aos passeios organizados, ela diz que é muito bom, porque os moradores do território não conhecem a cidade e ela vai mostrando os pontos importantes. Dificuldade: baixa escolaridade. Potencialidades: os moradores do território trabalham com coleta de material reciclável e, a partir daí, talvez possa se fazer um trabalho.

8. Psicóloga, está na FAS há 10 anos. Em 2001 entrou no Programa de Desenvolvimento de Empreendedores (via cursos de qualificação). Em 2008 foi pra Diretoria de Geração de Trabalho e Renda. Em 2014 entrou na Coordenação do Mobiliza que faz parte da PSB. Diz que a própria equipe é uma potencialidade, a partir de um processo de formação permanente, e tem tido bons resultados.

9. Esta participante diz que entrou na Prefeitura de Curitiba como Educadora Social em 1992 e atuou na Secretaria da Criança. Em 1994 veio para a FAS, Regional Cajuru e nesta ocasião trabalhou em um programa chamado Linha do Ofício, que oferecia cursos profissionalizantes. Hoje os Liceus estão com a Secretaria do Trabalho. A educadora trabalhou no Liceu Moradias Iguacu, território da Vila Acrópole/Solitude. Neste período as questões por demanda de moradia já eram graves, com assentamentos e urbanização precários. Em 2001 participou de uma experiência de trabalho comunitário organizado pela FAS, conhecida como Modelo Colaborativo, também no território do CRAS Acrópole. Em 2012 coordenou este CRAS e, à época, mesmo estando lá dentro, ela não tinha a percepção do território que tem atualmente. Hoje atua como assistente social e responde pela supervisão do NR Cajuru.

Foram muitas idas e aproximações da própria equipe, para se apropriar e conhecer o território; também por pessoas de outras secretarias (hoje no Comitê do Curitiba Mais Humana). Isso acontecia a partir dos serviços do próprio CRAS, que é um grande organizador/potencializador dos serviços no território. E também, a partir do Comitê. Dificuldades: intersetorialidade (muitas secretarias são fechadas em si; ex. da COHAB que tem projeto de assentamento na área e, ao mesmo tempo, há um desencontro de informações entre as equipes). Tempos e necessidades diferentes entre ações dos serviços públicos e o tempo das pessoas/moradores. Potencialidades: equipe do CRAS (muitos moram no território priorizado); grupo homogêneo, com compromisso no local. Momento histórico de abertura precisa ser aproveitado para buscar parceiros no próprio território (creches comunitárias, etc.).

10. Gerente Regional da PSB, entrou na FAS em 2006, no CRAS Yasmin, depois Ouro Verde. Começou como educadora no PETI. Trabalhou no CRAS União Ferroviária, cuja comunidade se transformou radicalmente com a regularização fundiária. Passou por todos os CRAS do Cajuru. E, apesar disso, não enxergava o território priorizado. “Era invisível para mim”. A priorização deu visibilidade ao território. Apesar das dificuldades, o trabalho intersetorial via comitê, é uma potencialidade. Estão elaborando um Plano de Ação Intersectorial para o território e isto é fundamental. As obras ali realizadas constituem outro avanço. Mas ainda precisamos conhecer melhor o território, nos inserirmos para que haja troca e aprendizado mútuo. Uma dificuldade é a grande demanda de trabalho que impede uma atenção mais focada ali. Também a pouca participação das famílias. Precisamos ver como mobilizar melhor. A equipe é uma potencialidade porque abre portas para áreas não restritas à Assistência.

11. Psicóloga, coordenadora do CRAS Acrópole. Diz que é formada pela UFPR onde a formação em psicologia tem olhar mais voltado para a área de humanas, para a intersectorialidade e a gestão. Diz que não queria ser, como psicóloga, “um quase médico” ou “um quase psiquiatra”. Queria ver o ser humano como um todo e isso possibilitou sua vinda para a FAS, onde está há quatro anos. Antes trabalhava como coordenadora de RH numa multinacional e sofria muito quando trabalhava com as pessoas que não sabiam ler nem escrever, porque isso as impedia de conseguir trabalho, ainda que em funções mais simples; porque não conseguem ler os sinais, as placas, colocando em risco a si e outras pessoas.

Trabalhou no CRAS União Ferroviária, na transição para o CRAS Ouro Verde (e teve que tirar os saltos altos e andar de galocha). Não enxergava a realidade. Chocou-se com a realidade encontrada e pensou em sair da FAS. Mas o tempo foi lhe ensinando. Foi acolhida pelos colegas do CRAS. Aprendeu a lidar com o tempo do serviço público. Passou pelos outros CRAS da região. Percebeu a mudança nos territórios a partir da transformação da infraestrutura. O estudo da realidade reorganizou o atendimento dos CRAS nos territórios. Depois veio para o CRAS Acrópole, onde procura adequar o espaço pequeno para a equipe de 12 pessoas e atendimento à população, buscando garantir possibilidade de sigilo/privacidade nos atendimentos. As ações no território incluem infraestrutura básica pela COHAB e mobilização para acesso aos direitos, através do trabalho das diversas políticas, mas ainda muito fragmentado. Dificuldade é integrar as ações dos diversos setores e enfrentar a cultura do paternalismo, que atrapalha muito. A descontinuidade das obras de infraestrutura; a falta de espaço para a execução do trabalho de forma adequada, porque o que estamos fazendo ainda é muito limitado (muito cinza). É preciso mostrar a parte colorida da vida para que as pessoas queiram buscá-la.

12. Assistente Social formada pela PUCSP. Veio para Curitiba em 2004 e está há 11 anos na FAS. Trabalhou no Tatuquara, seis anos no território. Passaram seis meses numa sala do Liceu até que o CRAS fosse construído. Agora está na sede central, onde ficou dois anos na PSB. Ela diz que, por mais limitada que seja a ação da proteção básica, traz mudanças efetivas para as famílias. Hoje está na vigilância sócio-assistencial (lida com números para equacionar a relação oferta-demanda de serviços). Fala “de fora” (porque está no Curitiba Mais Humana em nível central). Todos os setores percebem as necessidades e realizam ações, porém de forma paralela. Não há uma integração do planejamento e da execução. Tem sobre o quanto as demandas são efetivamente coletivas e não como mera junção de coisas individuais. O que pode provocar como consequência a não adesão.

Dificuldades: envolvimento da comunidade que já está desacreditada do poder público porque há muita interrupção das ações. Potencialidades: são as pessoas e sua capacidade de criar (não apenas as equipes, mas também as famílias nas suas estratégias por sobrevivência). A intersetorialidade é dificuldade e potencialidade ao mesmo tempo. Uns descobrem antes que não dá para trabalhar sozinhos. O Colegiado é um espaço que precisa ser aproveitado, pelo que há de humano nas pessoas. A própria equipe local é uma potencialidade porque tem iniciativa, um bom olhar sobre o território, pró atividade. São qualidades muito importantes. A aproximação da Prefeitura com o CEFURIA é uma potencialidade. O que temos é que fazer “o novo” nesses territórios. Por que será que depois de tantas ações, o território continua sendo prioritário?

13. Assistente Social, coordenadora do CRAS União Ferroviária. Veio do Ceará há 22 anos e este fato, facilita compreender as migrações para Curitiba. As pessoas vêm pra cidade grande pensando em coisas maravilhosas. Se não tem acolhida, fica muito difícil ter esperança para lutar. Foi Conselheira Tutelar, o que considera uma escola melhor que a faculdade. Está na FAS há dois anos e meio. Não tem frustrações novas porque mora na área (no território priorizado). O que a frustra, são as pessoas da equipe não compreenderem as dificuldades das famílias.

A Vila União Ferroviária, onde coordena o CRAS, está em processo de regularização fundiária. O que não tem no Acrópole, porque o Projeto vem se arrastando há anos. A luta do povo conseguiu a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) no território. Apesar das diferenças entre as Associações de Moradores, elas unem-se na luta por melhorias.

Potencialidades: há três CMEIs, dois CEIs, três Escolas Municipais, uma Estadual; projetos de contra-turno, além de outros equipamentos. Há muitas lideranças. A SMELJ

tem atividades diversas lá. Desafios: construir estratégias de articulação entre os atores, seja da sociedade civil ou dos espaços públicos, mobilizando as famílias para os espaços de decisão. Estabelecer relações de confiança, porque das atividades nos CEIs e Igrejas, as famílias participam.

14. Assistente Social, trabalhava na COHAB; está na FAS há um ano, na Mobilização para o Mundo do Trabalho. Conhece pouco o território. Da passagem que fez de carro ali, o que a marcou muito foi a precariedade das construções e a quantidade de lixo acumulado. Sabe das ações mais ligadas à gestão. No Mais Humana pensam estratégias e fluxos para garantir a priorização do território. Reconhece que apesar da segurança de renda via mundo do trabalho, isso sozinho é insuficiente. A mudança depende de um conjunto de estratégias e é isso que está sendo buscado na articulação intersetorial. A metodologia do Mobiliza colocou técnicos e usuários em movimento. O Comitê do Curitiba Mais Humana Central tem sido uma experiência e um esforço de integração importante. Há ainda uma cultura individualista na própria execução das ações.

Dificuldades: estruturais (falta de urbanização, moradias adequadas, espaços públicos coletivos). Produção e reprodução da pobreza (que não é só econômica). Uma metodologia de Educação Popular pode ajudar, mas temos que lembrar que somos o Estado (isso implica limites). Compreender que não somos messiânicos, mas dentro dos limites, fazer o máximo, contando com o compromisso da própria equipe, que é multidisciplinar; isso é uma potencialidade. O mundo do trabalho é excludente e seletivo, agravando ainda mais a questão estrutural. Não há uma política pública, de fato, para o mundo do trabalho. Pensa-se sempre restrito ao mercado formal.

Estas Rodas de Conversa com as equipes dos territórios, relatadas acima, foram fundamentais para o conhecimento mútuo entre as equipes da FAS e do CEFURIA e constituíram a base de todo o processo formativo que se desdobrou no Projeto de Parceria aqui sistematizado.

2. Oficina de Metodologia Crítico Freireana



A Oficina de Metodologia Crítico Freireana é uma proposta de *formação-ação*, fruto de estudos e experiências práticas de Antonio Fernando Gouvêa da Silva, professor da UFSCar Sorocaba, consolidadas em sua tese de doutoramento e apresentada, sinteticamente, no Livro 01, desta Série “Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares”.

Fundamentada na obra de Paulo Freire, esta Oficina apresenta na prática, os momentos de realização de um trabalho social transformador, baseado nos princípios da teoria da dialogicidade apresentada em profundidade no terceiro capítulo do livro Pedagogia do Oprimido, onde Freire afirma o diálogo como conceito fundante de uma prática social libertadora.

Neste Projeto de Parceria CEFURIA-FAS, a Oficina se constituiu de três etapas presenciais, com atividades propostas entre elas, a serem realizadas nos territórios priorizados, além de tempo para leitura do subsídio que a acompanha. Inicia-se, assim, o processo de formação teórico-metodológica das equipes envolvidas com o trabalho nos territórios.

Antecipadamente, a equipe do CEFURIA realizou a sistematização da escuta feita nas rodas de conversa realizadas com trabalhadores da FAS nos três territórios (apresentada no item anterior desta sistematização), e a enviou ao assessor (Gouvêa) para que servissem como ponto de partida na 1ª Etapa presencial, com cujo conteúdo se articularia todos os momentos da Oficina.

“Dentre os fazeres de uma Educação Popular, destaca-se o momento participativo de planejar e organizar as atividades práticas de formação comunitária, pois é aí que os interesses e as intencionalidades políticas tornam-se coletivamente conscientes e explícitas, evidenciando os critérios adotados para a seleção de conhecimentos sistematizados e metodologias que promoverão o percurso que se pretende implementar no processo de construção/apreensão/intervenção na realidade concreta. Trata-se de uma proposta de formação permanente que visa desencadear junto à comunidade um posicionamento crítico-prático em relação às necessidades e às contradições por ela vivenciadas e os encaminhamentos concretos para conquista de autonomia”. (GOUVÊA, 2007, p. 13).

O quadro a seguir apresenta, de forma sintética, as etapas que compuseram a Oficina:

ETAPAS	ATIVIDADES	ASSESSORIA/APOIO	PARTICIPANTES
1ª Etapa Presencial (16 horas): a) Socialização da síntese da escuta prévia feita com as equipes nos territórios. b) Conceitos e princípios fundamentais da Educação Popular crítico-freireana. c) Momentos da metodologia de ação nos territórios. d) Preparação das equipes para a escuta dos sujeitos, moradores dos territórios priorizados.	a) Exposição dialogada da assessoria com uso de quadro de giz, slides, vídeos e leituras rápidas do subsídio da Oficina. b) Estudo de dados de condições de vida e escuta de lideranças dos territórios sobre as realidades locais. c) Discussão sobre a forma de abordagem a campo.	Antônio Fernando Gouveia da Silva (Sorocaba-SP), Ana Inês Souza, Coordenação do Projeto e Equipe do CEFURIA	Equipes da FAS que atuam nos equipamentos dos territórios priorizados
Tempo Comunidade	Escuta da comunidade a partir de visitas a campo e atividades realizadas nos equipamentos, para identificar as falas significativas (temas geradores)	Coordenação do Projeto e Equipe do CEFURIA	Equipes da FAS, Coordenação do Projeto e moradores dos territórios (sujeitos da pesquisa)

<p>2ª Etapa Presencial (16 horas): a) Sistematização das “falas significativas” coletadas a campo e identificação dos temas geradores. b) Construção do “contra-tema” e levantamento de tópicos ou conhecimentos necessários para compreender os temas. c) Elaboração de, pelo menos, uma proposta de ação nos territórios, a fim de exercitar e discutir os passos metodológicos propostos.</p>	<p>a) Exposição dialogada da assessoria com uso de slides, vídeos e leituras rápidas do subsídio da Oficina. c) Grupos de trabalho por equipes de visita aos territórios, a partir dos registros de campo. d) Debate e aprofundamento sobre a sistematização das falas resultantes da pesquisa e sobre as propostas de intervenção construídas.</p>	<p>Antonio Fernando Gouvêa da Silva, Ana Inês Souza, Coordenação do Projeto e Equipe do CEFURIA</p>	<p>Equipes da FAS que atuam nos equipamentos dos territórios priorizados</p>
<p>Tempo Leitura</p>	<p>Estudo do subsídio “A busca do tema gerador na práxis da educação popular” (individual ou em equipes, a combinar)</p>	<p>Coordenação do Projeto</p>	<p>Técnicos(as) que atuam nos equipamentos</p>
<p>3ª Etapa Presencial (16 horas) a) Contextualização do pensamento de Paulo Freire na História do Brasil. b) Resgate e aprofundamento das etapas anteriores. c) Elaboração de Plano de Ação nos territórios.</p>	<p>a) Exposição dialogada da assessoria, levantamento de dúvidas, debate. b) Grupo de trabalho por território para planejar ações concretas</p>	<p>Ana Inês Souza, Coordenação do Projeto e Equipe do CEFURIA</p>	<p>Técnicos(as) que atuam nos equipamentos</p>

“A proposta procura romper a dissociação entre conhecimento científico e cidadania, observada na tradição sociocultural dominante, do colonizador, considerando conhecimento, tanto a realidade local – reflexo de um contexto sócio-histórico, concretamente construído por sujeitos reais – quanto o processo de produção da cultura acadêmica, proposta a partir de diálogo entre saberes, popular e científico, em que a apreensão do conhecimento é construída coletivamente, a partir da análise das contradições vivenciadas na realidade local”. (GOUVÊA, 2007, p. 13).



Primeira Etapa Presencial Oficina de Metodologia Freireana, CRP-PR, 25/10/2015

PRIMEIRA ETAPA PRESENCIAL OFICINA METODOLOGIA FREIREANA CURITIBA, 25 E 26 DE OUTUBRO DE 2015

PARTICIPANTES

73 pessoas (cinco da equipe do CEFURIA e assessoria; 68 da FAS).

LOCAL

1º dia (domingo): Conselho Regional de Psicologia do Paraná

2º dia (segunda-feira): Casa do Trabalhador

EXPECTATIVAS

- Aprender/conhecer metodologia e teoria freireana (31 pessoas)
- Conhecimento para a prática (03 pessoas)
- Curiosidade (01 pessoa)
- Um belo e grande diálogo (01 pessoa)
- Troca de conhecimento e experiências (06 pessoas)
- Ver o mundo pelos "óculos de Paulo Freire" (01 pessoa)
- Um dia produtivo e tranquilo (01 pessoa)
- Ampliação de horizontes (01 pessoa)
- Sistematizar conhecimentos compartilhados (01 pessoa)
- Grande expectativa. Reflexão e avaliação da prática (01 pessoa)
- Oxigenar ideias para melhorar a prática (01 pessoa).

EXPOSIÇÃO DIALOGADA (GOUVÊA E PARTICIPANTES)

- A construção coletiva do saber, pressupõe partilha do conhecimento. É o que vamos fazer aqui.
- Aprofundar a distinção entre *mercado do trabalho* e *mundo do trabalho*. O primeiro, alude à demanda do capital. O segundo é mais amplo, pode referir-se a uma demanda da própria população, mesmo que ainda não tenha "mercado".
- O *mercado do trabalho*, não se refere apenas ao emprego, mas à qualificação para que a pessoa o acesse. Esta é uma das demandas também da população, mas há outras. Há demandas de produção para além do mercado; como o conhecimento e outras. O mercado se reduz a gerar economia de custo financeiro, gerar lucro, renda.
- O ingresso no *mercado de trabalho* faz a pessoa mais feliz? Um empresário bem-sucedido é necessariamente feliz? Não. Porque a vida das pessoas não é só trabalho.
- Eu me faço humano, produzindo a mim mesmo. A renda é apenas meio para essa realização.
- *Mercado* → emprego → fonte de renda.
- *Trabalho* → forma do homem se fazer humano.
- A mercadoria, no mundo atual, só tem valor de troca (não tem mais valor de uso). Se eu entro nesta expectativa, me torno mais coisa do que humano.
- ESTAMOS AQUI PARA REFLETIR SOBRE COMO NOS HUMANIZAR, FAZENDO PRÁTICAS MAIS HUMANAS.
- O *mundo do trabalho* exige que façamos a reflexão sobre o próprio *mercado do trabalho*.
- EDUCAR É CONDUZIR. Pode ser um processo humanizador, onde o outro me complementa; ou um processo para competir com o outro, individualista. Então precisamos nos perguntar: educar pra quê? Pra quem? Pra onde estão nos levando?
- O discurso dominante diz que o Brasil tem um monte de incompetentes e que, por isso, não tem *empregabilidade* (um conceito usado para culpar o desempregado pelo próprio desemprego).
- Todos(as) aqui somos educadores. Para que lado? Queremos formar cidadãos ou consumidores?

O QUE PAULO FREIRE TEM A VER COM O MUNDO DO TRABALHO?**O QUE É UMA EDUCAÇÃO DIALÉTICA?**

- É uma via de mão dupla, implicada mutuamente. Eu me faço no mundo, fazendo o mundo que me faz. Portanto, é uma relação conflituosa, se dá sobre contradições, com várias visões de mundo.

- A gente não amplia, ou estende conhecimentos, mas cria conhecimento novo agindo sobre um objeto, de forma horizontal. É o conflito que nos impulsiona a fazer história (individual e coletiva).

- DIÁLOGO → processo *ontológico* de construção humana. ONTOLOGIA → é o estudo do ser.

- É diferente de uma educação subjetivista (fenomenológica) ou objetivista (positivista). Diálogo pressupõe trabalhar com contradições, conflito, promove aprendizado. É uma relação não linear, porém horizontal.

- *A fé nos homens, a esperança, o amor* são princípios da teoria do conhecimento em Paulo Freire. São conceitos fundantes desta metodologia, além do diálogo. Que outros conceitos podemos lembrar?

- TEMA GERADOR → parte da realidade da comunidade, de uma problemática (uma contradição social), é concreto e tem um componente político.

A seguir, é realizado trabalho em quatro grupos de participantes, partindo dos destaques e problematização levantados pelo assessor, relativos às falas resultantes das escutas feitas anteriormente pela equipe do CEFURIA, com as equipes dos três territórios priorizados:

DESTAQUES “ESCUTA” EQUIPE FAS REGIONAL PINHEIRINHO - TERRITÓRIO BEIRARIO/BELA VISTA DA ORDEM - CRAS SANTA RITA – TATUQUARA

1. Os adolescentes não participavam do Serviço de Convivência.
2. As ações, em geral, são mais individualizadas.
3. As famílias (em geral) tem forte ligação com pessoas ligadas à atividades ilícitas e, de alguma forma “trocam proteção”.
4. Os adolescentes têm baixa escolaridade, não frequentam (na maioria) a escola e trabalham para o tráfico.
5. No “mobiliza para o trabalho” sentem que a concorrência do tráfico é grande, daí a dificuldade (a atividade ilícita é mais rentável do que o emprego).
6. A grande dificuldade é colocar em prática a intersetorialidade e a falta de perspectiva para mudança das famílias, além do risco por conta do tráfico.
7. Ações ainda muito setorializadas.
8. Um dos desafios é identificar as vulnerabilidades para além da renda e o próprio imediatismo das pessoas.
9. Há também a falta de perspectiva (fatalismo); daí a necessidade de resistência à naturalização.
10. Vê como dificuldade, ainda, a articulação com a Secretaria do Trabalho e Agência Curitiba, porque veem o mundo do trabalho só como “mercado formal” (na linha do “Liceu de ofícios”).
11. Ações ficam limitadas às intervenções pontuais, muita fragmentação e descontinuidade no território.
12. É preciso pensar nas lideranças: tem projetos pessoais ou estão a serviço da comunidade? Qual a abrangência de visão que as pessoas dos territórios priorizados tem? Falta iniciativa da própria comunidade. Não buscam direitos. Transferem a cidadania para outros. Os reassentamentos de algumas famílias, quebram os laços de solidariedade.

13. Lideranças funcionais, agentes de controle, lógica de criminalização das comunidades, fruto da histórica política clientelista do Estado.
14. O grande desafio é criar um novo jeito de se relacionar com as forças sociais na perspectiva de uma Gestão Participativa.
15. Romper com a massificação do assistencialismo. Há uma combinação perversa entre tecnicismo e assistencialismo, o que torna difícil às equipes verem possibilidades diante de um quadro tão agudo.
16. Superar a fragmentação e a pontualidade das políticas.
17. Existem várias Curitiba e olhar as demandas das famílias como sendo coletivas, superando a prática dos atendimentos individualizados.

DESTAQUES "ESCUITA" EQUIPE FAS REGIONAL CAJURU - TERRITÓRIO PARQUE NACIONAL ACRÓPOLE

1. O trabalho com grupos, que as colegas fazem parece mais rico.
2. Cultura da não participação.
3. As mulheres querem aprender algo (empreendedorismo); isso é fato de adesão.
4. Não tem como criar uma identidade do grupo.
5. Adultos não participam. Falta tempo de qualidade para o educador ouvir e conhecer melhor as famílias.
6. Sentimento da comunidade de não pertencimento à sociedade.
7. Pouca participação das famílias. É preciso ver como mobilizar melhor.
8. Cultura do paternalismo.
9. Precisamos mostrar a parte colorida da vida para que as pessoas queiram buscá-la.
10. A dúvida é sobre o quanto as demandas são efetivamente coletivas e não como mera junção de coisas individuais.
11. Dificuldades: envolvimento da comunidade que já está desacreditada do poder público porque há muita interrupção das ações.
12. As pessoas vêm pra cidade grande pensando em coisas maravilhosas. Se não tem acolhida, fica muito difícil ter esperança para lutar.
13. O que frustra, são as pessoas da equipe que não compreendem as dificuldades das famílias.
14. Há ainda uma cultura individualista na própria execução das ações.
15. Produção e reprodução da pobreza (que não é só econômica).
16. O mundo do trabalho é excludente e seletivo, agravando ainda mais a questão estrutural. Não há uma política pública, de fato, para o mundo do trabalho. Pensa-se sempre restrito ao mercado.
17. Levantamento do perfil socioeconômico para aproximação com a realidade (dados quantitativos).



Primeira Etapa Presencial Oficina Metodologia Freireana, Casa do Trabalhador, 26/10/2015

DESTAQUES “ESCUITA” EQUIPE FAS REGIONAL CIC - TERRITÓRIO VILA HARMONIA - CRAS BARIGUI

1. Desarmonia entre os moradores do território; presença de um poder ilícito; baixa escolaridade.
2. Liderança negativa.
3. Pouca participação da comunidade (são sempre as mesmas pessoas que participam); individualismo; falta perspectiva de futuro; imediatismo; moradores não veem importância no trabalho assalariado; muita dependência.
4. Baixa participação dos moradores nas reuniões; querem assistencialismo.
5. O principal problema é ambiental (as famílias moram na beira do rio).
6. Falta interesse por parte dos moradores; violência e tráfico; liderança exerce poder negativo.
7. As ações ainda acabam vindo “de cima” (coisas a cumprir), ainda que não impostas.
8. A falta de um líder que represente a todos os moradores e, como potencialidade, o protagonismo das pessoas que estão no Comitê.
9. Existência de um poder paralelo.
10. Liderança formal não representa os interesses de todos.
11. Na verdade, os próprios técnicos não sabem fazer participação; os líderes da comunidade participam mais do que a maioria dos membros do Colegiado.
12. Estrutura burocrática conflita com o cotidiano do trabalho comunitário.
13. Muitas vezes as atividades são sem sentido para a população.
14. As demandas que vem para a FAS são demandas de sobrevivência.
15. Desconhecem como fazer coletivo; mas quando descobrem, torna-se uma potencialidade no trabalho com a comunidade.
16. Ausência da cultura de direitos (mais do que ausência e serviços).
17. Não respondem bem à ação de mobilização para o mundo do trabalho.
18. Característica comum aos territórios: imediatismo e outras vulnerabilidades, para além da renda.
19. No território haverá muito conflito, porque a grande questão é a moradia e tudo que a impacta (questão ambiental, saneamento, etc.). E como não tem previsão de projeto para isso, haverá consequências para as outras ações.
20. Há motivos que são desconhecidos e precisam ser entendidos; estar com os ouvidos bem abertos. Um fenômeno a ser estudado, porque há famílias ali com renda alta. O problema da miserabilidade é complexo.
21. Levantamento de demandas.

22. Diagnóstico territorial.
23. Campanhas educativas (meio ambiente, saúde preventiva, desratização de moradias, reciclagem do lixo, canteiro verde, etc.)
24. Grupo de mobilização para o mundo do trabalho com adolescentes; formação inicial; encaminhamentos para aprendizagem profissional; intermediação à mão de obra.
25. Colegiado busca responder às demandas coletivas através de escuta prévia.
26. Análise de dados socioassistenciais.
27. Mobilização para o mundo do trabalho (aprendizagem por ação; ciclo vivencial, sensibilizar e estimular criatividade para emprego e geração e renda.
28. Diagnóstico do perfil do grupo para identificação de interesse e busca de oportunidade no mundo do trabalho.
29. Desarmonia.
30. Poder ilícito/criminalidade.
31. Liderança com interesses próprios, não coletivos.
32. Conflito entre lideranças.
33. Pouca participação das comunidades.
34. Individualismo / Imediatismo.
35. Moradores querem assistencialismo.
36. Dependência em relação ao CRAS.
37. Ações ainda vem de cima.
38. Muitas vulnerabilidades para além da renda.
39. Necessidade de reassentamento total, com indefinição de futuro local de moradias.
40. Falta de pertencimento.
41. Pobreza multidimensional.
42. Múltiplas necessidades permitem trabalho crítico acerca da realidade.

QUADRO-SÍNTESE AÇÕES DESENVOLVIDAS NOS TERRITÓRIOS PRIORIZADOS



METODOLOGIA	LIMITES	POTENCIALIDADES
<p>Elaboração de estratégias para procedimentos que visem a superação das questões levantadas.</p> <p>Reuniões entre gestores da PSB, PSE e profissionais de referência para planejamento de ações.</p> <p>Reuniões no território.</p>	<p>População envolvida com atividades ilícitas.</p> <p>Rejeição inicial à presença da equipe no território.</p> <p>Falta de adesão aos serviços.</p> <p>Falta de perspectiva para mudança.</p> <p>Falta de estrutura na comunidade.</p> <p>Imediatismo.</p> <p>Outras vulnerabilidades, além da renda.</p> <p>Pobreza.</p> <p>Violência.</p> <p>Lideranças formais cooptadas e individualistas.</p> <p>Fragmentação e descontinuidade das ações do poder público.</p>	<p>Movimento de algumas famílias por uma vida diferente.</p> <p>Vínculo da equipe do CRAS com a comunidade.</p> <p>Moradores do território querem mudança (escolas, empregos, moradia).</p> <p>Interesse na busca de oportunidades para melhorar a qualidade de vida.</p>



Primeira Etapa Presencial Oficina Metodologia Freireana, Casa do Trabalhador, 26/10/2015

SÍNTESE DISCUSSÃO COLETIVA FEITA A PARTIR DA PROBLEMATIZAÇÃO

PROBLEMATIZAÇÃO DO ASSESSOR	RESPOSTAS GRUPOS DE TÉCNICOS
<p>1. Você concorda com a relevância dos destaques realizados? Que outros aspectos não mencionados poderiam ser contemplados?</p>  	<p>Grupo 1: Sim. Tatuquara: distância do território em relação ao CRAS Cajuru: projetos pilotos interrompidos provocam desconfiança nos moradores CIC: repetição das marcações; Item 17 – boa adesão; Item 20 – renda alta.</p> <p>Grupo 2: Destaques são importantes. - Cultura que tende a se repetir - Pouca escuta do Estado - Pouca efetividade das ações (não atende às demandas) - Diferença entre o tempo da comunidade e o tempo dos serviços - Falta de planejamento das relocações</p> <p>Grupo 3 - Atividade intersetorial - Servidores (falta e rotatividade) - Mudanças de gestão - Potencialidade: trabalhos coletivos</p> <p>Grupo 4 - Não participação de adolescentes e adultos - Ligação com atividades ilícitas - Falta de perspectivas, imediatismo, individualismo</p>
<p>2. A partir dos seguintes destaques das falas selecionadas, procure caracterizar as visões de mundo das comunidades pelas unidades da FAS e justificar / explicar como apreendem a realidade vivida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não participação de adolescentes e adultos; - Ligação com atividades ilícitas; - Falta de perspectiva, imediatismo, individualismo; - Lideranças funcionais, não representam os interesses de todos; - Não pertencimento à sociedade; - Cultura individualista; - Não se mobilizam para o mundo do trabalho. 	<p>Grupo 1: Pertencimento - tráfico de drogas X como a sociedade se organiza - mundo do trabalho X mercado de trabalho Articulações Intangível X tangível (imediatismo) Lideranças</p> <p>Grupo 2 - Não participação: não veem o "ganho"; não conseguimos sensibilizar para a esperança nas ações; é preciso construir vínculo com a comunidade para que seja possível mobilizar; conhecer o contexto; nossas ações, às vezes, não dialogam com as necessidades da comunidade (falta planejamento? Atividades prontas, "de cima para baixo"). - Clientelismo, "cultura da tutela"; expectativa de ser o "salvador". - Lideranças: atividades ilícitas; os agentes dos atos ilícitos "escutam" a comunidade. - Falta de continuidade das ações.</p> <p>Grupo 3 Atividades ilícitas – envolvimento - Lideranças e representatividade - Não pertencimento (restrição ao território) - Necessidade de respostas imediatas - Falta de visão do "mundo do trabalho" - Indisponibilidade de tempo - Ofertas não condizentes com interesses</p> <p>Grupo 4 Visões de Mundo: - Culpabilização da população - O que é ofertado não é atrativo - Pouca escuta da comunidade - Necessidades imediatas como prioridade - Falta de perspectivas - Adaptação à realidade</p>

<p>3. Ainda a partir dos destaques, procure caracterizar possíveis formas de superação das dificuldades enfrentadas pelas equipes (4 propostas).</p> 	<p>Grupo 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desmistificar questões do imediatismo - Trabalhar questões voltadas para lideranças comunitárias - Transparência - Participação planejamento <p>Grupo 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Será que estamos verdadeiramente "na comunidade"? - Praticar a "alteridade", potencializar participação. - Necessidade de qualificação: "como fazer?" - Estabelecer relações que levem em consideração o saber do outro. <p>Grupo 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escuta qualificada/humanizadora - Planejamento integrado e participativo - Ações em conformidade com planejamento - Estratégias mudam a cada gestão (políticas de governo X políticas de Estado) - Capacitação das lideranças – legitimidade <p>Grupo 4</p> <p>Formas de superação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escuta da população atendida - Levantar a demanda da população - Compreender os limites das Políticas Públicas - Ser transparente e favorecer a participação - Ações de promoção e prevenção - Trabalho intersetorial e interdisciplinar
<p>4. Qual é a concepção de formação comunitária que fundamenta as formas de superação sugeridas na questão anterior? Procure desenvolver os princípios dessa concepção.</p> 	<p>Grupo 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dialógica - Horizontalidade - Visão humanizadora - Concepção política (não partidária) - Sujeito de direitos - Empatia/escuta - Intersetorialidade (concepção comunitária de sujeito) <p>Grupo 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quebrar paradigma dos "detentores do saber" - Contribuir para a construção da relação com o trabalho, com o fazer - Relação horizontal; entender o mundo do outro - Humanização (importância da afetividade) <p>Grupo 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Democrática - Humanizadora - Participativa - Libertária <p>Grupo 4</p> <p>Não deu tempo de discutir</p>

Quer Ver? Escuta!

(Francisco Alvim, "O elefante", São Paulo, Cia das letras, 2000, p. 76)

REFLEXÕES FEITAS PELO ASSESSOR PÓS APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS DE TRABALHO:

- Traficantes "dialogam" melhor com a comunidade? Não! Eles podem escutá-la, mas não dialogam na perspectiva freireana. Não é por atender, linearmente, a demanda do outro, que o estou humanizando. Podemos estar reproduzindo a *cultura da tutela*.
- De que *participação* estamos falando? (Ver texto de Licínio Lima no livro "Em busca do Tema Gerador na práxis da Educação Popular"). A *não participação* pode ser voluntária ou imposta. Como não temos a cultura participativa,

fazemos imposição da própria participação porque a cultura ocidental nos formou assim. Como visitar (teórica ou praticamente) todas as culturas que nos formam e construir nossa própria cultura?

- *Participação passiva, burocrática, decretada.* Se a nossa perspectiva no SUAS é de atendimento linear à população, a referência não é Paulo Freire. Estamos aqui, fazendo crítica de uma visão colonizadora. As comunidades também esperam uma perspectiva colonizadora. Não são ilhas. Então, temos que ter critérios para visitar qualquer cultura para saber onde estão as práticas humanizadoras. *Cultura* é, na perspectiva freireana, entendida como conjunto de práticas e valores que explicam o mundo.
- *Participação ativa em diferentes níveis:* individual ou coletiva; corporativa ou crítica; pragmática ou praxiológica; impositiva ou dialógica. Esta última – *dialógica* – é a que fundamenta a educação crítico-freireana.

PRINCÍPIOS GERAIS DA EDUCAÇÃO POPULAR

1. Intencionalidade política (a favor dos excluídos).
2. Pesquisa como processo educativo de participação.
3. Conhecimentos populares e científicos a serviço da transformação social.
4. Prática educativa é uma totalidade concreta (integração das práticas sociais e simbólicas – suas bases epistemológicas, culturais, políticas e econômicas).
5. Consciência crítica (da consciência à conscientização): organização, mobilização dos excluídos para a transformação da realidade injusta.
6. Diálogo como mediação do trabalho popular, cujos pressupostos são: todos tem sabedoria; buscar o saber sistematizado pertinente às necessidades; a formação se dá a partir da ação – a educação popular é um processo de luta e formação permanentes; o trabalho popular crítico parte da visão da classe trabalhadora.



Ciranda pra relaxar durante as 16 horas de estudo da 1ª Etapa da Oficina Freireana 25 e 26/10/2015

PESQUISA QUALITATIVA

Se o ponto de partida da metodologia freireana é ouvir a comunidade, é preciso que as equipes se preparem para esta “escuta”. O que se vai realizar entre esta e a próxima etapa é uma “pesquisa qualitativa” nos territórios priorizados. Única forma de se conhecer a realidade e tê-la como ponto de partida para o trabalho social. Mas, o que significa partir da realidade?

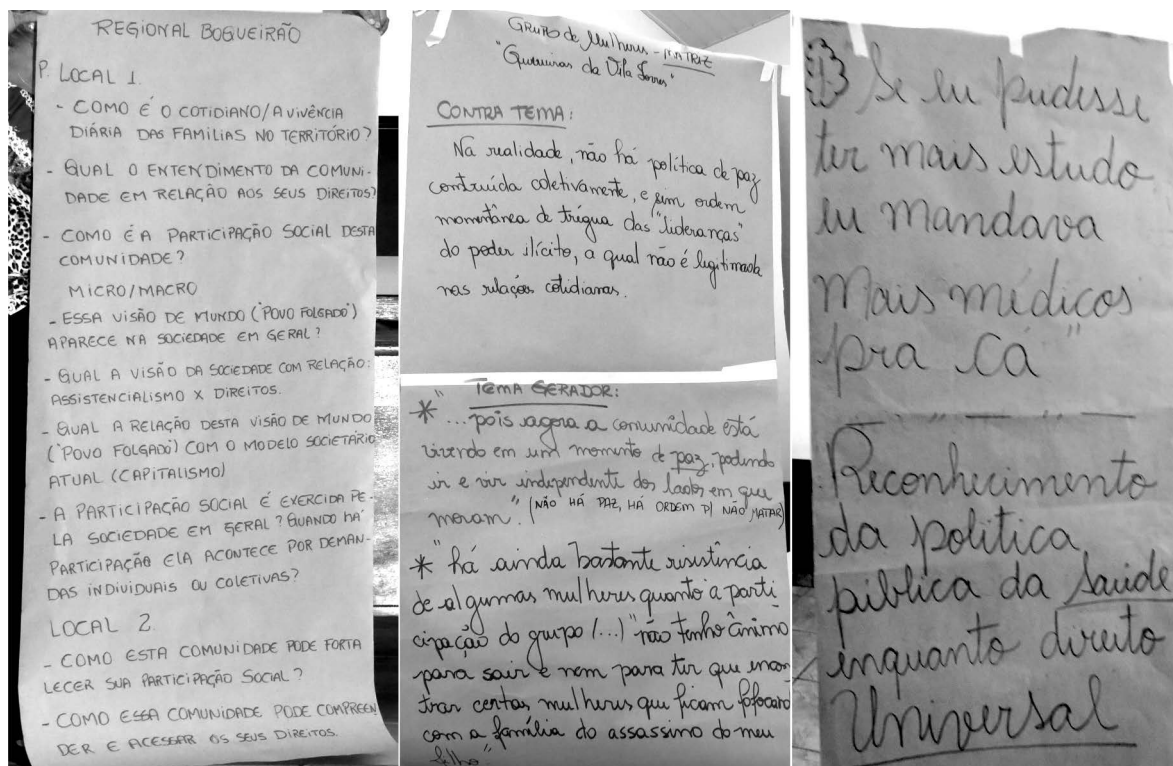
“Para muitos, a realidade concreta de uma certa área se reduz a um conjunto de dados materiais ou de fatos cuja existência ou não, de nosso ponto de vista, importa constatar. Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade”. (Freire, in BRANDÃO, 1999, p. 32).

Assim, em duplas, os(as) técnicos(as) devem visitar os moradores das áreas em que atuam, para conversar com eles, ouvir quais são os problemas mais significativos para eles e como os explicam. Deve-se provocá-los a explicitar suas interpretações sobre as situações vivenciadas sem, entretanto, influenciá-los a partir das visões de mundo das equipes.

Ao afastar-se das pessoas com as quais conversaram, as duplas devem registrar o que ouvirem, da forma mais fiel possível à própria fala dos sujeitos. Em seguida farão a seleção das falas significativas, ou seja, aquelas que explicitam um problema real, uma contradição social, que é explicada de forma limitada pelos moradores, conforme os critérios abaixo:

- a) Representa um problema, um conflito, uma necessidade que está presente na expressão, no mundo visualizado pela comunidade, pelo educando, pelo “OUTRO”.
- b) A seleção se dá por contradições, conflitos, diferenças nas visões de mundo e concepções da realidade concreta entre educadores e comunidade (evitar a escolha narcisista, do idêntico).
- c) Devem ser falas explicativas que extrapolem a simples constatação ou situações restritas a uma pessoa, que opinem sobre dada realidade e que envolvam a coletividade.
- d) Quando marcada pela baixa autoestima, pode estar implícita em diferentes formas de expressão (nem sempre oralizadas).
- e) Ao selecionar uma fala significativa já estamos, implícita ou explicitamente, relacionando informações, conteúdos e conceitos a serem trabalhados.

Com base nestes critérios, cada uma das equipes deverá selecionar, entre as falas registradas, aquelas que considera significativas, e que constituirão o ponto de partida da 2ª etapa da Oficina.



Apresentação das falas significativas, temas e contra-temas - 1º dia - 2ª etapa Oficina Freireana - 22/11/2015

AVALIAÇÃO PRIMEIRA ETAPA OFICINA FREIREANA FEITA PELOS PARTICIPANTES

1. Expectativa inicialmente foi quanto ao diálogo com a Pedagogia Freireana. O diálogo está dado!! Sentimento: O Gouvêa foi maravilhoso, super aberto, respeitoso, deixando todos muito à vontade!
2. Expectativas alcançadas. Ótima capacitação. Saio daqui mais reflexiva - questionando a prática que é realizada hoje! Obrigada!
3. A expectativa foi alcançada: conhecimento e troca de experiências. O conteúdo abordado vem ao encontro do trabalho realizado na assistência social, mas na minha opinião é algo que deve ser estruturado e avaliado devido a sua complexidade.
4. O encontro foi positivo para mim, gostei da metodologia, da condução das atividades, da acolhida, da equipe que mediu o encontro. Ficaram dúvidas, mas entendo como naturais pois estes dias de atividades foram muito densos. Muitas coisas boas aprendidas!
5. Busquei neste curso conhecimento. Acredito que além do conhecimento adquiri um novo olhar para a realidade que vivemos. Muito mais do que julgar o certo e o errado, aprender a escutar o outro. Obrigada!
6. Reflexão. Gerou em mim inquietação, refletir sobre minha vida profissional, pessoal.
7. Esses dois dias de curso foram muito bons, pois proporcionaram a oportunidade de aprender e ampliar o conhecimento que são de grande valia e aplicabilidade no trabalho com a comunidade.
8. Sim, alcançou minhas expectativas. Porém, ainda na expectativa da aplicabilidade. Durante os próximos encontros vivenciais, terei mais dados para avaliar de forma concreta, pois as práticas iniciais já terão acontecido.
9. O encontro foi muito importante, muito diferente de outras propostas já vivenciadas. Trouxe reflexão para o nosso trabalho, que acabamos, por conta da demanda, "atropelando" e não ouvindo verdadeiramente o público. Parabéns e obrigada!

10. Num primeiro momento expectativa de curiosidade. Os trabalhos foram dinâmicos e agradáveis. Segundo momento trabalho mais pesado, cansativo e a acústica do local não é boa. Gouvêa – show! Adorei, claro, conteúdo relacionado com a prática.
11. Me ajudou a sistematizar/organizar melhor como começar a desenvolver esta metodologia. Também me traz inquietude, pois muitas vezes esta metodologia não vem ao encontro das metas cobradas pela instituição. Contudo vem acrescentar também para análise da vida pessoal.
12. A minha expectativa está sendo atingida; parabenizo a organização e especialmente ao Gouvêa pela excelente condução do grupo através dos conteúdos apresentados. Acredito que não só para a minha vida profissional e sim pessoal, o mais significativo foi o saber realizar escuta qualificada.
13. As expectativas foram superadas. Conceitos e ações foram descontraídas e percepções foram despertadas. Foi importante pensar na ação a partir do diálogo e nas questões/relações que permeiam opressores e oprimidos. Houve um despertar pessoal e consequentemente profissional para a prática.
14. Superou todas as expectativas que eu poderia ter. Eu achei muito bom o curso e fez refletir sobre minha prática no cotidiano e me deu vontade de transformar esta prática. Sem dúvida valeu a pena trocar o domingo de folga por tamanho conhecimento construído coletivamente. Minha única tristeza é desse curso não ter sido proporcionado para todos os servidores, pois, todos deveriam ter a oportunidade de passar por esta experiência.
15. Superou totalmente minha expectativa, a organização, desde o espaço, lanche, os profissionais envolvidos. O professor, com toda sua competência, desconstruiu muitos conceitos que auxiliarão em nossa prática nos territórios. Reforço que todo profissional que atua diretamente na comunidade precisaria passar por este tipo de capacitação!!!
16. O encontro, digo, capacitação, superou as minhas expectativas. Fez repensar a minha atuação prática. O processo de conhecimento nesses dois dias possibilitando ampliação de nova visão. Foi ótimo!!!
17. Gostei muito do curso. Aprendi que minha realidade não é a mesma do outro. Quero dizer, aprendi não querer impor regras – paradigmas - mudar o outro e muito mais. Obrigada!
18. A expectativa, no início, era de conhecimento e aprendizado e hoje, ao término, posso agradecer por ter tido a oportunidade de vivenciar este processo que foi muito rico em todos os aspectos, pessoais, profissionais e ainda de percepção de vida.
19. A proposta do curso foi diferente da expectativa inicial. Foi uma experiência positiva, pois, me levou a refletir sobre a prática profissional e sobre a possibilidade de um fazer que alcance melhor a população.
20. A expectativa era de aprendizado e, a avaliação, é que temos muito a aprender. Foi muito rico o trabalho nestes dias, mas há muito a se estudar, conhecer, aprender com a perspectiva da educação popular.
21. O encontro superou a minha expectativa inicial de “reflexão coletiva”, na medida em que provocou em todas, questionamentos sobre nossa leitura de mundo e o raro papel junto à comunidade. Despertou também a necessidade de reunião dos conceitos e métodos utilizados, fui na maioria das vezes ingênuo e reproduzi a desigualdade social.
22. Acrescentou mais conhecimento, curiosidade e uma visão diferente de alguns hábitos que praticamos no dia a dia. A expectativa é de como utilizar esse conhecimento daqui para frente.
23. Os encontros atenderam as expectativas iniciais de troca, de coletivamente conhecer uma forma de ouvir e pensar como construir uma vida mais digna. Pessoalmente me sinto provocada em inverter a lógica e não partir do que é o ponto de chegada. Estou muito Feliz!

24. Impacto. Importante momento de construção coletiva; aprendizado e exposição de novas perspectivas e saberes. E sentir-nos renovadas, “abastecidas” de conhecimento, teorias, bem como cheia de expectativas para aplicar a dinâmica de trabalho. Sugestão: todos os profissionais da FAS deveriam participar desta construção. Parabéns Gouvêa; ótima correlação teoria X prática.
25. O encontro explicitou as contradições da minha atuação profissional, inclusive resgatando o compromisso ético-político enquanto trabalhadora do SUAS e motivada a repassar/dialogar com outros saberes.
26. Entrar em contato com uma metodologia que expõe contradições tão enraizadas em nós, acaba trazendo um incômodo. Como podemos avançar para práticas mais humanizantes?
27. Achei os dois dias extremamente importantes para refletir sobre as possibilidades de ação profissional no âmbito das ações governamentais e, em que medida, transformar práticas que humanizem as relações com equipes de trabalho e também com a população atendida. Achei proveitoso demais, pois combinou conceitos e aplicações práticas. Agradeço a toda equipe do CEFURIA.
28. Fiquei chateada em não poder participar do primeiro dia do encontro, porém, as atividades desenvolvidas no dia de hoje foram de extrema importância para minha formação enquanto pessoa, muitas vezes, com falas que trazem contradições. Contribuí para o processo da minha formação acadêmica e profissional. Traduziria que todas as vivências foram grandes lições de e para a vida.
29. Estes dois dias foram muito importantes, pois possibilitaram o início de uma construção de novas possibilidades para enxergar a intervenção com as famílias que são atendidas por nós da assistência social. A expectativa foi alcançada, porém saio daqui com um misto de ansiedade e também de esperança.
30. Apesar de não conhecer a fundo a proposta de atuação a partir da concepção freireana, pude constatar que muito do que faço está em consonância com os conteúdos que trocamos nesses dois dias. Certamente contribuí para que eu possa sistematizar nossas ações. Espero ter vários outros encontros com a equipe.
31. O curso foi excelente; ultrapassou minhas expectativas; fui participar de má vontade e, no primeiro dia já me senti muito incomodada. Nos faz rever nossa postura enquanto profissional. Instrutor nota 10. Alimentação – 10, feita com amor e carinho. Locais – ótimos. Enfim foi a melhor capacitação que participei nesse ano.
32. Foram dias de revisão da prática, de confronto com a lógica mecânica nas ações com nosso público. Somos tão impelidos ao pragmatismo quanto aqueles que necessitam dos nossos serviços.
33. A expectativa era aprender e foi atendida; no entanto, a proposta de trabalho a ser realizada é bem desafiadora e demandará bastante esforço da equipe. Acredito que a partir desta metodologia estaremos mais próximos da população. Quanto à organização do evento muito boa, principalmente em relação à alimentação, que normalmente não é uma preocupação quando há capacitação.
34. Expectativa alcançada; saindo mais feliz por saber um pouco mais de P. Freire. Sentimento que saio é de satisfação. Ótima exposição, domínio da turma, excelente evento.
35. Estou saindo em profunda reflexão e com ansiedade em promover mudanças em minhas ações. Mudanças de paradigmas e de olhar, geram conflitos. É assim que me sinto agora. A totalidade dos trabalhos apresentados foram muito significativos.
37. O curso foi agradável e motivador! Oportunizou reflexões importantes tanto para o trabalho como para a vida. Relembrou coisas essenciais que por vezes esquecemos; deu ideias. Sou grata pela oportunidade.
38. Conteúdos complexos, contudo, bastante importante. Passei a refletir sobre a minha prática, mas ainda não consigo vislumbrar como/de que modo aplicar e construir em conjunto com a comunidade.

39. Primeiramente vou colocar que minha participação no “curso” foi voluntária. Não estava inscrita, mas quando soube da proposta pedi para vir. Portanto, tinha muitas expectativas. O curso foi ótimo, as falas foram claras. Na verdade foi muito ao encontro das coisas que penso. Mas minha maior pergunta é como fazer? Por isso a próxima etapa será muito importante para mim. Neste sentido, não se tratar de algo teórico, mas de um fazer, é fundamental. O que é muito coerente com a proposta Freireana. Até o próximo.
40. Minha expectativa era de novas experiências. Foram dois dias, com certeza de novas experiências, novos conceitos, possibilitou apreender uma nova visão de mundo, principalmente no que refere-se à escuta humanizadora. Saio da capacitação diferente!



Antonio Fernando Gouvêa da Silva, Assessor Etapas 1 e 2 – Outubro e Novembro de 2015
Oficina Metodologia Crítico Freireana

SEGUNDA ETAPA PRESENCIAL OFICINA METODOLOGIA FREIREANA CURITIBA, 22 E 23 NOVEMBRO DE 2015

PARTICIPANTES

70 pessoas, sendo 04 da equipe do CEFURIA e assessoria e 66 da FAS).

LOCAL

Os dois dias desta etapa ocorreram na Casa do Trabalhador, Sítio Cercado, Curitiba, PR.

MÍSTICA¹⁴ INICIAL:

“Desconstruindo Mitos” - Momento de reflexão inicial envolvendo pessoas da equipe do CEFURIA e da FAS. Cada participante da mística, com os olhos vendados, entra no salão onde as pessoas estão sentadas e diz uma das frases: “bandido bom é bandido morto”; “em briga de marido e mulher, ninguém bota a colher”; “Deus ajuda quem cedo madruga”; “pau que nasce torto, morre torto”. Em seguida faz-se uma reflexão a respeito. Muitas destas frases são ouvidas pelos(as) técnicos(as) - e talvez repetidas - muito frequentemente. Elas se constituem “temas geradores” - falas significativas - a serem analisadas coletivamente a fim de desconstruí-las.

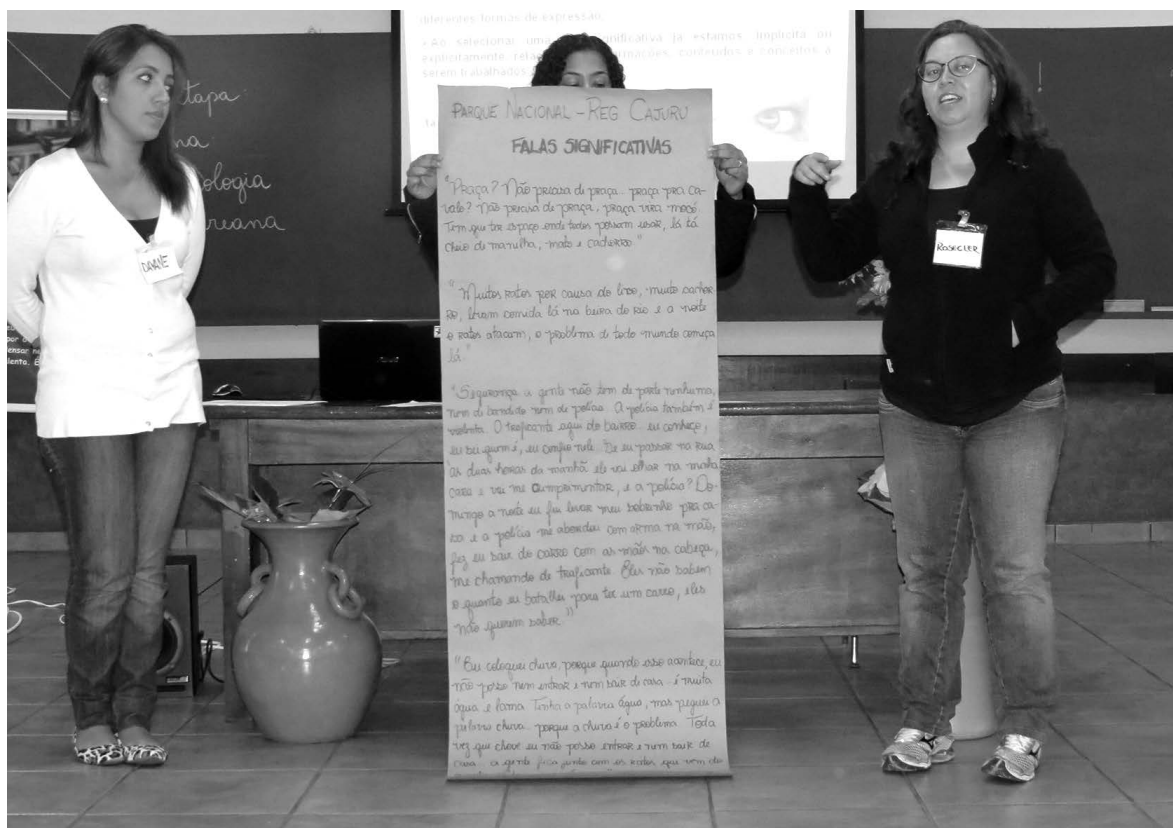
14 O que chamamos de *mística* no CEFURIA e nos movimentos sociais, são momentos de reflexões realizados de forma lúdica ou simbólica, articulados ao conteúdo do que está se realizando (estudo, manifestação). É uma forma de lembrar sempre os objetivos pelos quais estamos ali e renovar o compromisso com a transformação social.



A mística introduziu o tema da segunda etapa da Oficina, cujo ponto de partida foi as falas significativas que as equipes trouxeram a partir da escuta que fizeram em seus territórios, como tarefa desdobrada da primeira etapa.

Os dados da pesquisa realizada pelas equipes, passaram a ser objeto da reflexão e discussão de todos(as) os(as) participantes. Após a seleção dos temas geradores (visão de mundo da comunidade), os grupos elaboraram o contra-tema (visão de mundo das equipes) e, em seguida passaram a organizar pelo menos uma ação concreta a ser realizada na comunidade.

PARQUE NACIONAL ACRÓPOLE – REGIONAL CAJURU



1. **Tema Gerador:** “Praça? Não precisa de praça ... praça pra cavalo? Não precisa de praça, praça vira mocó. Tem que ter espaços onde todos possam usar, lá tá cheio de manilha, mato e cachorro”.

Contra-tema: a praça é um espaço público destinado a convivência comunitária. Através da mobilização da comunidade e da reivindicação da utilização do espaço e do sentimento de pertença.

2. “Muitos ratos por causa do lixo, muito cachorro, levam comida lá na beira do rio e a noite os ratos atacam, o problema de todo mundo começa lá.”

3. Segurança a gente não tem de parte nenhuma, nem do bandido nem de polícia. A polícia também é violenta. O traficante aqui do bairro ... eu conheço, eu sei quem é, eu confio nele. Se eu passar na rua às duas horas da manhã ele vai olhar na minha cara e vai me cumprimentar, e a polícia? Domingo à noite eu fui levar meu sobrinho pra casa e a polícia me abordou com arma na mão, fez eu sair do carro com as mãos na cabeça, me chamando de traficante. Eles não sabem o quanto eu batalhei para ter um carro, eles não querem saber”.

4. Eu coloquei chuva [como problema], porque quando isso acontece, eu não posso nem entrar e nem sair de casa... é muita água e lama. Tinha a palavra água, mas pequei a palavra chuva ... porque a chuva é o problema. Toda vez que chove eu não posso entrar e nem sair de casa ... a gente fica com os ratos que vem do esgoto junto com as águas.”

PROBLEMATIZAÇÃO:

Fala: “Praça? Não precisa de praça ... praça pra cavalo? Não precisa de praça, praça vira mocó. Tem que ter espaços onde todos possam usar, lá tá cheio de manilha, mato e cachorro”.

Local 1:

Qual a compreensão que a comunidade tem em relação à praça?

Que outros espaços seriam importantes para a comunidade?

Micro/Macro:

Como as pessoas compreendem a utilização do espaço público?

Como as demais praças de Curitiba estão estruturadas e de que modo as pessoas se apropriam delas?

Qual é a representação social de praça?

Que diferença há entre o uso individual e coletivo das praças?

Local 2:

De que forma a comunidade pode se organizar para tornar a praça um espaço coletivo?

Quais estratégias e recursos a comunidade possui para melhorar a infraestrutura da praça?

O que a comunidade entende ser importante ter na praça para garantir seu acesso?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS

Local 1:

A. Conceito de praça

B. Conceito de espaço público e privado

Micro/Macro:

C. Relação público X privado

D. Plano diretor

E. Direito à convivência familiar/comunitária/lazer

F. Identidade cultural e política destes espaços

G. Direito individual e coletivo

Local 2:

H. Cidadania

- I. Participação social
- J. Mobilização/redes de apoio
- K. Segurança
- L. Infraestrutura
- M. Sustentabilidade

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE

Fala: “Praça? Não precisa de praça ... praça pra cavalo? Não precisa de praça, praça vira mocó. Tem que ter espaços onde todos possam usar, lá tá cheio de manilha, mato e cachorro”.

Objetivo: Debater com a comunidade qual a sua compreensão sobre o que é o espaço público e como ele pode ou deve ser utilizado.

PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL:

Que espaços são esses que todos possam utilizar?

Este espaço pode ser a praça? Por quê?

A praça sempre foi utilizada dessa forma? Existem outras formas de utilização desse local?

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Dados e mapas (plano diretor)

Reconhecer os espaços públicos da Regional Cajuru e suas formas de uso social

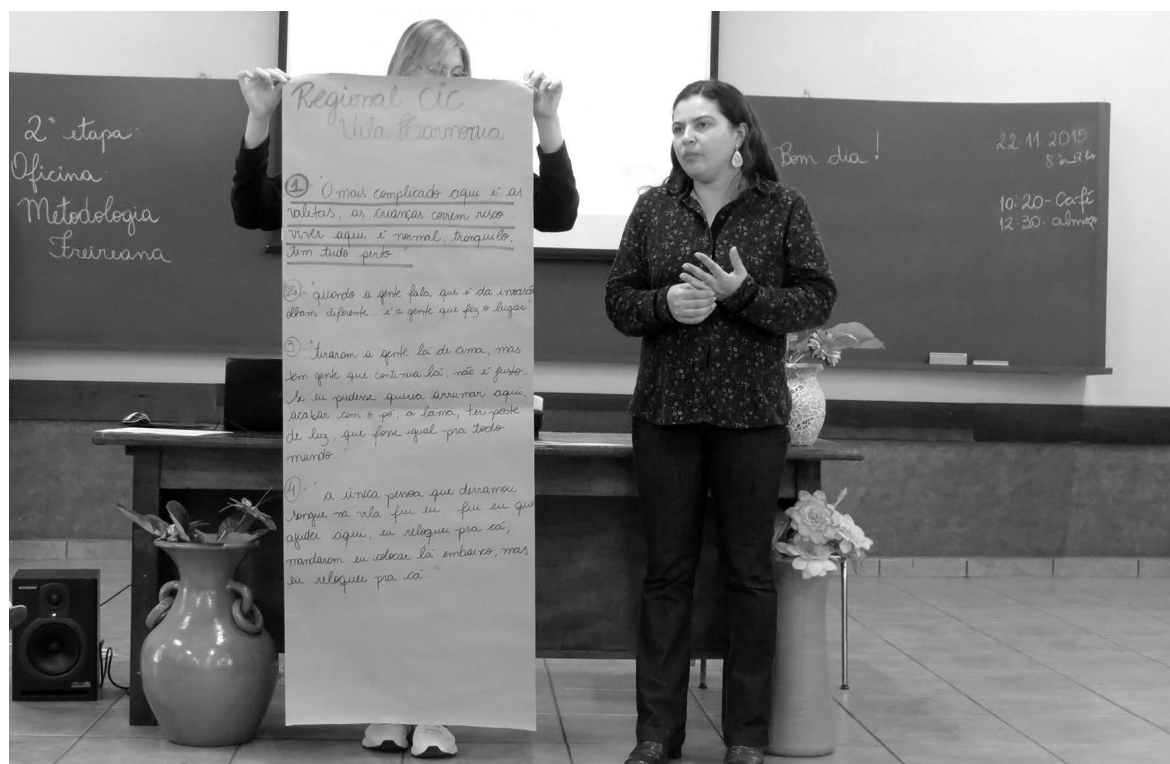
Recursos materiais: Fotografias dos espaços públicos do local

Discutir as formas de utilização dos espaços públicos em diferentes momentos

PLANO DE AÇÃO:

Questões: De que forma a praça poderá ser transformada? De que depende a melhoria da praça?

VILA HARMONIA – REGIONAL CIC



1 - **Tema Gerador:** “O mais complicado aqui é as valetas, as crianças correm risco ... viver aqui é normal, tranquilo, tem tudo perto...”

Contra-tema: Lugar normal e tranquilo é aquele onde ocorrem relações igualitárias; onde as crianças possam brincar sem risco físico e social; com condição de moradia que ofereça qualidade de vida (saneamento básico); onde as pessoas sejam respeitadas independente do lugar onde moram; onde sejam preservadas as suas conquistas, principalmente no sentido de aquisições de imóveis e pertences. Local onde posso me sentir seguro, principalmente nos dias de chuva; não precisar conviver com roedores e animais peçonhentos.

2 - “quando a gente fala que é da invasão olham diferente ... é a gente que faz o lugar”.

3 - “ tiraram a gente lá de cima, mas tem gente que continua lá, não é justo... Se eu pudesse queria arrumar aqui, acabar com o pó, a lama, ter poste de luz, que fosse igual pra todo mundo...”

4 - “ ... a única pessoa que derramou sangue na vila fui eu ... fui eu que ajudei aqui, eu reloquei pra cá, mandaram eu colocar lá embaixo, mas eu reloquei pra cá ...”

PROBLEMATIZAÇÃO:

Fala - “O mais complicado aqui é as valetas, as crianças correm risco ... viver aqui é normal, tranquilo, tem tudo perto...”

Local 1:

- O que a comunidade considera normal e tranquilo em viver no local?
- Quais são os riscos que as crianças correm e quais os cuidados tomados para prevenir esses riscos?
- Além das valetas, quais outras complicações existem no local?

Micro/Macro:

- O que contribui na realidade de Curitiba para que as famílias ocupem áreas de risco?
- A Política Habitacional de Curitiba está articulada com uma Política de Desenvolvimento (social, urbano, ambiental)?
- As Políticas Públicas garantem qualidade de vida e bem estar social a todos?
- Quais os impactos nas comunidades, resultantes do desenvolvimento das cidades?

Local 2:

- Como a comunidade pode contribuir para ações de prevenção à situação de risco?
- Diante das limitações do território como é possível ter uma condição de moradia com maior qualidade?
- O que a comunidade pode fazer para garantir o seu direito de uma moradia digna, bem como o acesso à Políticas Públicas no âmbito da habitação, meio ambiente e saúde?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS

Local 1:

Relações comunitárias
Qualidade de vida
Saneamento básico
Preservação Ambiental
Cidadania (direitos e deveres)
Direitos fundamentais
Riscos sociais e físicos

Micro/Macro

Plano diretor de Curitiba
Justiça Social
Políticas Públicas
Constituição Federal de 1988

Regularização Fundiária
Direitos Sociais
Política de Desenvolvimento

Local 2:

Participação Social
Organização do espaço comunitário (físico e político)

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE

Fala: "O mais complicado aqui é as valetas, as crianças correm risco ... viver aqui é normal, tranquilo, tem tudo perto..."

Objetivo: Quais são os riscos que as crianças correm? E quais os cuidados tomados para prevenir esses riscos?

PROBLEMATIZAÇÃO INICIAL:

Quais riscos este território oferece para as crianças?

O que é uma criança em risco?

Como esta comunidade protege as crianças e quais as dificuldades para exercer esta proteção?

Todas as crianças desta comunidade correm os mesmos riscos?

Os riscos citados afetam somente as crianças ou a comunidade em geral?

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Preparação do espaço onde as pessoas serão recebidas com materiais já produzidos anteriormente sobre o território (fotos, cartazes).

Realização de dinâmica com a construção de um desenho coletivo sobre o local onde moram.

Roda de conversa sobre o desenho.

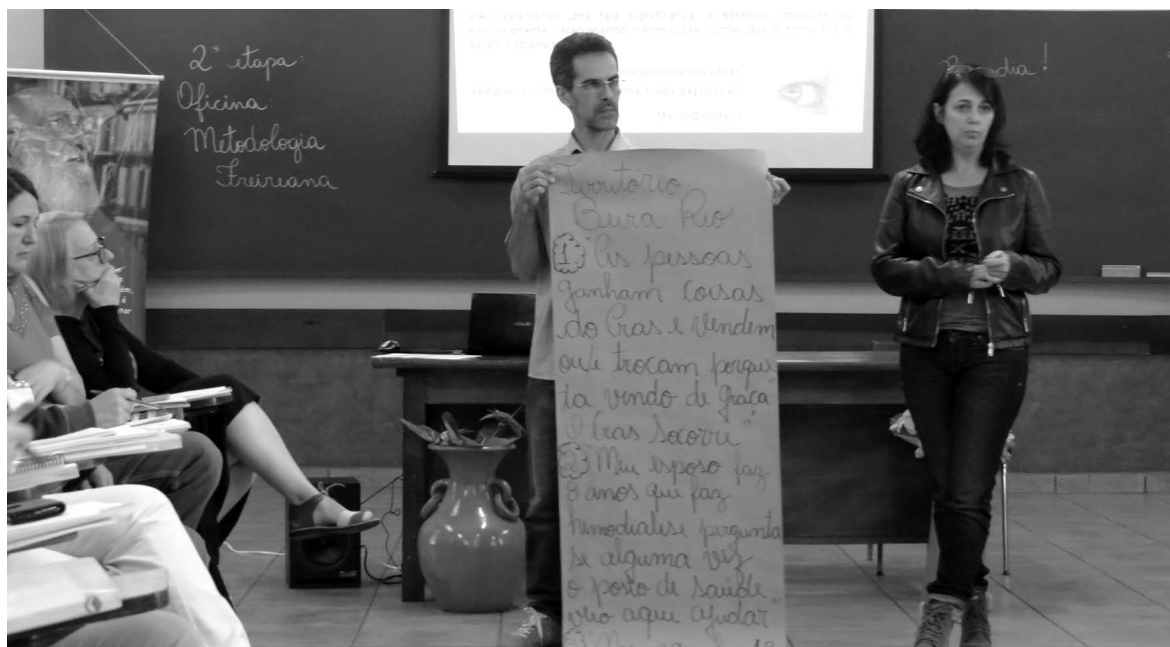
Apresentação de curta metragem sobre os Direitos Fundamentais.

Reflexão sobre os direitos violados no território.

PLANO DE AÇÃO:

O que a comunidade local pode fazer para garantir os seus direitos?

VILA BEIRA RIO – REGIONAL PINHEIRINHO (ATUALMENTE TATUQUARA)



Fala 4 - **Tema Gerador:** “Se eu pudesse ter mais estudo eu mandava mais médico para cá”.

Contra-tema: Reconhecimento da política da saúde enquanto direito universal.

1 - “As pessoas ganham coisas do CRAS e vendem ou/e trocam porque tá vindo de graça.”

2 - “Meu esposo faz 8 anos que faz hemodiálise, pergunta se alguma vez o posto de saúde veio aqui ajudar”.

3 - “Moro aqui faz 18 anos... Não gosto daqui nem pra mim, nem pra minha filha”.

PROBLEMATIZAÇÃO:

Local 1:

Como a comunidade avalia o atendimento da saúde?

Qual a relação entre ter estudo e ter seus direitos fundamentais garantidos?

Micro/Macro:

Qual é o entendimento sobre saúde?

Porque nem todos tem seus direitos garantidos? Como garanti-los?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS:

Local 1:

Diagnóstico do atendimento de saúde no território e quais os serviços ofertados neste território.

O entendimento de saúde para comunidade.

Como se dá o acesso da comunidade aos serviços de saúde?

Relação da população com a política de saúde.

Identificar as ações do Conselho Municipal de Saúde local.

Micro/Macro:

Os marcos lógicos da política de Saúde em nível municipal, estadual e federal.

Compreensão de direitos sociais e coletivos.

Relação poder e saber.

Local 2:

Identificar a potencialidade da comunidade.

Forma de organização e reivindicação da comunidade para prevenção à saúde.

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE

Fala: “Se eu pudesse ter mais estudo eu mandava mais médico para cá”.

Objetivo: Trabalhar como a “comunidade” avalia o atendimento da saúde.

Conteúdo: Apresentação do diagnóstico de saúde no território e quais serviços são ofertados.

PROBLEMATIZAÇÃO:

Através da utilização de imagens (recortes), o grupo será dividido em subgrupos, construindo um painel, ilustrando o que para eles representa: saúde e doença.

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Presença de um profissional de saúde para uma roda de conversa, abordando dados estatísticos, conceitos de saúde e doença (OMS); apresentação dos serviços de saúde no território; apresentação do conselho local de saúde.

PLANO DE AÇÃO:

Mobilizar a comunidade através dos participantes para reuniões do conselho local de saúde.

Criar agentes multiplicadores de conhecimento.

REGIONAL MATRIZ

(Embora não tendo território priorizado dentro do Projeto a equipe participou da Oficina)



1. **Tema Gerador:** "... pois agora a comunidade está vivendo em um momento de paz, podendo ir e vir independente dos lados em que moram."

Contra-tema: Na realidade, não há política de paz construída coletivamente, e sim ordem momentânea de trégua das "lideranças" de poder ilícito, a qual não é legitimada nas relações cotidianas".

2. "Há ainda bastante resistência de algumas mulheres quanto à participação do grupo (...), não tenho ânimo para sair, nem para ter que encontrar certas mulheres que ficam fofocando com a família do assassino do meu filho."

3. "Fico triste em ver mulheres como minha vizinha mudar da vila pois ganhou uma casa da COHAB, mas devido ao vício das drogas, voltar a morar na vila pela facilidade de conseguir drogas, não pensando nos seus filhos. Quem dera eu tivesse essa oportunidade. Infelizmente aqui não é um lugar fácil para criar filhos".

4. "Acho importante uma unidade 24hs para que as pessoas e parentes baleados sejam atendidas mais rápido!

(...) outra participante: "Credo menina, desejamos ter 24hs para atender toda a comunidade ... não é pra isso!"

PROBLEMATIZAÇÃO:

Local 1:

O que caracteriza para a comunidade este momento de paz?

O que significa para a comunidade ir e vir?

O que motivou esse momento de "trégua"?

Como se dão as relações de poder neste território?

Macro:

Como poderiam ser planejadas as políticas públicas levando em consideração o contexto e as relações de poder do território?

Que ações não repressoras de caráter preventivo e de reinserção social poderiam ser realizadas pelas políticas públicas em todas as esferas?

Como poderiam ser implementadas e qualificadas as ações de promoção para criança e adolescente com enfoque na cultura pela paz/não violência nas três esferas.

Local 2:

Que ações coletivas poderão ser realizadas para o reconhecimento da problematização pela comunidade e o fortalecimento das relações comunitárias, enquanto agentes protagonistas de uma mudança para a política da paz?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS:**Local 1:**

Conceituação e caracterização de território (histórico, dados estatísticos)

Relações sociais e formas de organização comunitárias

Trabalhar conceitos cooperação X individualismo, relações de violência

Relações de liderança X representatividade

Valores e cidadania

Participação social

Planejamento participativo e Políticas públicas

Conceituar “prevenção” e “reinversão social” X ofertas de políticas públicas/serviços socioassistenciais

ECA

Macro:

Conceituação de paz/Direitos Humanos.

Local 2:

Construção de ações coletivas da política da paz (conceituação, participação e protagonismo).

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE

Fala: “... pois agora a comunidade está vivendo em um momento de paz, podendo ir e vir independente dos lados em que moram”

Objetivo: Entender como se dão as relações de poder no território.

PROBLEMATIZAÇÃO:

O que promove a união e a desunião das pessoas na comunidade?

Existem relações de poder na comunidade?

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Trabalhar conceitos, cooperação X individualismo, relações de violência, relações de lideranças X representatividade.

PLANO DE AÇÃO:

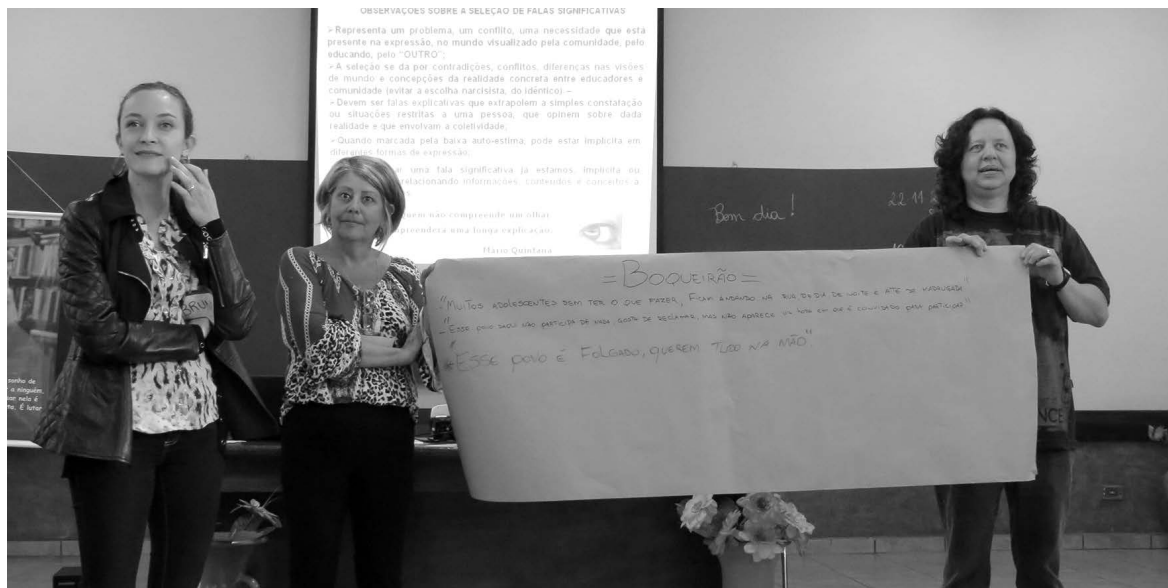
Dinâmica de grupo/ciclo vivencial.

Roda de conversa.

Incentivar a participação de outras mulheres da comunidade no grupo, fortalecendo as relações.

REGIONAL BOQUEIRÃO

(Embora não tendo território priorizado dentro do Projeto a equipe participou da Oficina)



Fala 3 – Tema Gerador: “Esse povo é folgado, querem tudo na mão”.

Contra-tema: A condição social não é uma opção individual, é decorrente de um contexto histórico social, que gera condições de vulnerabilidade e desigualdade.

1 - “Muitos adolescentes sem ter o que fazer, ficam andando na rua, de dia, de noite e até de madrugada”.

2 - “Esse povo daqui não participa de nada, gosta de reclamar, mas não aparece na hora em que é convidado para participar”.

PROBLEMATIZAÇÃO:

Fala “Esse povo é folgado, quer tudo na mão.”

Local 1:

Como é o cotidiano/a vivência diária das famílias no território?

Qual o entendimento da comunidade em relação aos seus direitos?

Como é a participação social desta comunidade?

Como a comunidade compreende o modelo societário atual?

Micro/Macro:

Essa visão de mundo (povo folgado) aparece na sociedade em geral?

Qual a visão da sociedade com relação a assistencialismo x direitos?

Qual a relação desta visão de mundo (povo folgado) com o modelo societário atual? (Capitalismo)

A participação social é exercida pela sociedade em geral? Quando há participação ela acontece por demandas individuais ou coletivas?

Local 2:

Como esta comunidade pode fortalecer sua participação social?

Como essa comunidade pode compreender e acessar os seus direitos?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS

Local 1:

Direitos sociais

Garantia de direitos X “querer tudo na mão”

Participação social na comunidade

Macro/Micro:

Modelo societário capitalista

Políticas Públicas

Política de Assistência Social/SUAS

Participação social na sociedade

Coletivização das demandas

Local 2:

Processos de mobilização social

Conhecimento da rede de serviços (políticas públicas/ e formas de acesso)

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE:

Fala: “Esse povo é folgado, quer tudo na mão.”

Objetivo:

Debater sobre os direitos sociais x assistencialismo

Conteúdo:

Direitos sociais

Garantia de direitos X “querer tudo na mão”

PROBLEMATIZAÇÃO:

O que você entende por ser folgado?

O que você entende por querer tudo na mão?

Para você o que são direitos sociais? E a quem são direcionados?

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Roda de conversa com a comunidade

PLANO DE AÇÃO:

Não conseguiram elaborar.

REGIONAL SANTA FELICIDADE

(Embora não tendo território priorizado dentro do Projeto a equipe participou da Oficina)



1 – **Tema Gerador:** “Pouca iluminação e pouca presença de policiais em determinadas áreas o que traz insegurança”.

Contra-tema: A questão da segurança não está restrita apenas à falta de iluminação pública e policiamento mas também às diferentes manifestações de violência”.

2 – “No “carreirinho”, meninas já sofreram abuso; se falar tá morto.”

3 – “A culpa é das pessoas que ficam caladas e não reclamam e do governo que faz corrupção”

4 – “Em comparação com outros bairros o nosso é o pior. Tem assalto, droga, tiro; e a noite é muito estranho.”

PROBLEMATIZAÇÃO:

Local 1

Como a comunidade explica a falta de segurança?

Como a comunidade atua na busca da superação do problema?

Quais os exemplos que a comunidade vivencia, como característicos de insegurança?

Macro:

Lugares com efetivo policiamento e iluminação garante a segurança?

O que conhecemos da Política de Segurança Pública de Curitiba?

As Políticas Públicas vigentes garantem a segurança à população em âmbitos municipais, estadual, federal?

Que experiências existem em nível nacional, de organizações comunitárias para enfrentar as questões de insegurança?

Local 2

Qual a melhor forma de organização na comunidade para minimizar o problema da insegurança?

Existem pessoas na comunidade que conheçam outras experiências de enfrentamento do problema que possam ser realizadas na comunidade?

LEVANTAMENTO DE CONTEÚDOS

Local 1:

Conceito de segurança

Conselho Regional de segurança

Dados estatísticos de violência na região

Concepções de proteção social

Diagnóstico territorial local

Macro:

Políticas Públicas

Política de Segurança Pública

Dados sobre segurança/violência em Curitiba

Mapa violência que compara Curitiba a outras cidades do Brasil

Legislação, tratado internacionais; conferências (âmbitos municipais/estadual/federal)

Experiência exitosa em segurança a nível nacional

Local 2

Diagnóstico local das formas de organização da comunidade; alternativas positivas/potenciais (ONG's, Igrejas lideranças locais)

Levantamento experiências exitosas

ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DA ATIVIDADE:

Fala: “Pouca iluminação e pouca presença de policiais em determinadas áreas, o que traz insegurança”.

Objetivo: Refletir com a comunidade sobre a falta de segurança e formas de superação do problema.

CONTEÚDO:

Conceitos de segurança
Conselho Regional de segurança
Diagnóstico territorial local

PROBLEMATIZAÇÃO:

Quais as alternativas, além do policiamento e iluminação, a comunidade considera importante para a garantia da segurança local?
Como trabalhar coletivamente as questões preventivas de segurança?
Qual é o papel da comunidade e do Poder Público nas ações de segurança?

APROFUNDAMENTO TEÓRICO:

Mapa territorial
Mapa das vulnerabilidades (principais “pontos” identificados pela comunidade)
Mapeamento de equipamentos públicos e privados
Diálogo sobre a dinâmica do território

PLANO DE AÇÃO:

Participação da comunidade no Conselho Regional/Local de Segurança.

AVALIAÇÃO SEGUNDA ETAPA OFICINA FREIREANA FEITA PELOS PARTICIPANTES

1. Foram mais dois dias de construção intensa de conhecimento. Este processo, ao mesmo tempo que é rico, é um imenso desafio porém, traz toda uma sorte de possibilidade. Foram dois dias maravilhosos.
2. Muito produtivo – aprendizado e novos desafios, por meio de um método que ainda não conhecia.
3. Avalio revelante para repensar nossas práticas. Para mim foi uma nova metodologia, o desafio seria ter mais capacitações para aprofundar conhecimentos.
4. Foi a primeira capacitação que tivemos relativa à realidade do trabalho. Gostaria de ter uma supervisão na prática, sem cobranças de metas e números. Limite para aplicação: vejo que no momento que temos que estudar os tópicos para poder contextualizar com a comunidade, é necessário tempo para pesquisa, leitura e planejamento. Para que isso seja possível é necessário que a gestão entenda a importância deste momento de estudo e a priorize. Pois, com a falta de equipe não é possível realizar tudo. Faz-se necessário priorizar determinadas atividades em prol de outras.
5. Uma prática em que se pode trabalhar com a comunidade saindo do trefismo e do imediatismo que não provocam/propiciam uma consciência crítica. A extensa demanda de trabalho que leva ao cumprimento de tarefas e a falta de continuidade das ações.
6. A capacitação trouxe aprendizagem, uma nova forma de fazer. Mudança de paradigma viável para repensar nova prática de intervenção no território. Limite: entendo ser necessário, outros servidores terem a oportunidade de participação nessa capacitação. Penso que podemos ter problemas de financiamento/orçamento, porém vejo a importância de outros terem esse momento,
7. A proposta apresentada contribui para a quebra de paradigmas enraizados no fazer da assistência social no município de Curitiba. Acredito que avançamos na busca de uma sociedade mais justa, considerando as vivências/conhecimentos da população atendida. Os desafios são os mesmos para as demais ações realizadas no território, quais sejam: falta de continuidade das propostas, o não entendimento da proposta

- de atuação por parte dos servidores, conciliar com outras visões teóricas ou ideológicas que desconsideram a população como protagonista de sua história.
8. Percebo que esta ação fortalece e dá mais parâmetros para os profissionais trabalharem no território de maneira a contextualizar a realidade da população atendida, construindo junto com eles a melhor saída para suas questões. Penso que o limite da prática profissional seria a falta de continuidade das ações, por ocasião das mudanças nas gestões municipais que muitas vezes desconstroem avanços que os trabalhos alcançaram junto com a comunidade do território. Parabéns pelo trabalho; tenho aprendido muito com a educação popular de Paulo Freire.
 9. As oficinas contribuíram muito para o entendimento e a práxis da Educação Popular. Com certeza poderá ser aplicada no dia a dia do trabalho. Excelente. O conhecimento adquirido nas oficinas terá um entrave quanto à aplicação no trabalho, devido ao modelo atualmente utilizado para os serviços, os quais já vêm pronto para a execução. Mas, de qualquer forma, poderemos realizar as atividades ou abordar temas que os usuários nos tragam como de interesse, inverso do que é feito atualmente.
 10. Muito bom ter a oportunidade de participar da capacitação, na reflexão da prática, associar a metodologia ao trabalho nos territórios, aproximar as comunidades, os interesses da comunidade às questões relacionadas às políticas públicas, conseguir visualizar aquilo que é de interesse da comunidade e propor práticas de acordo com a realidade dos territórios.
 11. A proposta de trabalho apresentada ao grupo, foi ótima pois trabalhamos com dados reais e possibilidades reais de aplicabilidade do que foi discutido. O local também ajuda no trabalho do grupo. Foi bem satisfatório e produtivo.
 12. Este encontro trouxe uma reflexão na forma de trabalhar e entender a comunidade. Abriu novos horizontes e, com certeza, muitos desafios. Todo o curso está relacionado com a prática do dia a dia. Parabéns!
 13. Estes dois dias foram bem intensos. A oficina contribuiu para a reflexão e análise de como estamos trabalhando na prática com as famílias. O desafio a ser superado é romper definitivamente com práticas cristalizadas no fazer profissional, porém, já sabemos que é possível e temos conteúdo para fazer diferente.
 14. Entendo que a capacitação teve êxito em aprofundar a metodologia em Educação Popular. Os conteúdos foram inovadores e nos desafiaram a sair do local comum.
 15. A oficina trouxe questões provocativas e desafiadoras para o trabalho no território, valeu a iniciativa e nos resta o exercício.
 16. A metodologia não é nova, mas a necessidade de por em prática é um desafio a ser superado. Muitas ideias novas de como compreender a fala do outro, muito importante para reflexão de nossas práticas.
 17. O conhecimento prático, algo que sempre senti falta, uma forma complexa e ao mesmo tempo simples, pois parte do cotidiano das pessoas, de se trabalhar com a comunidade num processo de participação e construção de nossas formas de vida. Desafio ainda é a aplicabilidade na prática tendo em vista as demandas de trabalho.
 18. A oficina foi muito importante para construir com o outro e refletir sobre as dificuldades encontradas no dia a dia de trabalho. A novidade dessa oficina foi a construção do passo a passo, alternando ação e reflexão. Entendo que o maior desafio é despir das práticas verticais ou dominadas por conceitos/teoria e construir de fato práticas humanizadoras. Agradeço ao Gouvêa e à equipe do CEFURIA pelas trocas.
 19. Estas oficinas trazem novos conhecimentos, novas ideias e acrescentam experiência. Vislumbram a busca por novas atitudes para os velhos desafios. E respostas criativas para as situações cotidianas.
 20. A 2ª etapa trouxe respostas aos desafios lançados nos primeiros encontros. Norteou nosso "como fazer", "de que forma fazer". Foi um encontro muito produtivo.

21. A proposta da capacitação foi muito significativa, trouxe muitos conteúdos para a prática profissional, em especial quanto à escuta qualificada, visão de mundo, como me aproximar de conteúdos freireanos e como exercitá-los; espero colocá-los em prática. Parabéns Gouvêa pela apresentação dos conteúdos e troca de experiências.
22. A oficina proporcionou ir além da prática feita no cotidiano. Provocando uma reflexão crítica desta atuação profissional, que por vezes apenas replica um padrão que nos distancia de compromisso ético-político com as famílias e comunidade que atendemos. Durante a execução das tarefas, notamos o quanto as contradições nos grupos de trabalho aparecem. E quanto é necessário estar sensível a se rever nesta prática. Quando isso não ocorre, transparece o conflito no grupo de trabalho, que pelo costumeiro e conhecido, pode inclusive fazer uma prática “antifreireana”, sem se perceber.
23. Algo novo? A oficina trouxe sim uma nova forma de pensar e um instrumental para tentar uma prática profissional diferente e libertadora. Desafios: a oficina foi muito desafiadora, inspiradora, me tirou do meu “lugar de conforto”, mas é uma visão ingênua pensar que a prática já está transformada. Agora é que ela pode começar a ser construída. Não é fácil sair do automatismo e do trefismo. Mas me senti desafiada positivamente.
24. A oficina trouxe uma metodologia inovadora para a gestão pública, humanizadora, dialógica, transformadora. O desafio é desarmar, implementar e não desistir diante dos erros e das dificuldades.
25. Trouxe algo novo? Sim, a parte prática, o como fazer. Faltam desafios a serem vencidos? Sim, aplicar para trocar ideias com os colegas.
26. As dinâmicas desenvolvidas consolidaram a parte teórica havida na 1ª etapa. No mínimo, daqui para frente, haverá um enfoque diferente na análise e avaliação das diversas situações que se apresentem.
27. O encontro trouxe reflexões importantes, que contribuirão com a prática cotidiana no trabalho e nas relações sociais que construímos. Com certeza fará diferença no trabalho e nas ações coletivas (grupo, etc.) que desenvolvemos com a comunidade. Ação humanizada.
28. Esses dois dias foram mais esclarecedores; ampliou mais e fortaleceu o conhecimento. Trabalhar com a comunidade partindo de suas vivências, de seu valor e não do meu. Foi muito bom.
29. Certamente a oficina acrescentou novos conhecimentos, e sem falar nos novos saberes construídos coletivamente. A desconstrução de conceitos ainda é latente e espero que continue assim, para que o trabalho seja realizado buscando humanizar as relações. O desafio ainda é efetivar a prática dialógica e a escuta. Aprender a metodologia freireana por meio da prática profissional, pois penso que nesse encontro o fizemos teoricamente.
30. Gostei do curso, mas agora é que estou entendendo muito coisa. De novo nos trouxe a ideia de que devemos saber ouvir. Gostaria que as palavras fossem mais fáceis de entender. Obrigada.
31. Momento importante de troca e aprendizado, porém faltou compreensão de alguns colegas quanto à aceitação das opiniões. É um momento de troca de construção de saberes e não de disputa de “conhecer mais”. Se não soubermos administrar isso em nós mesmos, como construiremos com o coletivo? Saber OUVIR mais!
32. Talvez, o uso de microfone, pois em muitos momentos não se ouvia o que era falado lá na frente.
No geral foi bom, podemos aplicar sim no nosso dia a dia.
33. A oficina me fez perceber que cada vez mais temos que ter uma escuta qualificada, ouvir o outro, tentando neutralizar nossas posições. Ainda existem muitos desafios, questões políticas.

34. A oficina propicia uma reflexão sobre o trabalho nos territórios, tanto no trabalho que já desenvolvemos. E um novo olhar sobre ...
35. Sim, a oficina trouxe novidades, especialmente no que se refere a uma metodologia que possibilita reflexões aprofundadas, permitindo a mudança de visões de mundo sobre determinadas realidades.
36. Trouxe a construção de ideias, para interpretar e entender o outro através de sua própria história.
37. Os conteúdos trabalhados foram fundamentais para enriquecer a nossa dinâmica profissional. Sugiro apenas que, se possível, os encontros não ocorram nos domingos.
38. Saio muito satisfeita dessa avaliação. Tudo que vi nessa oficina foi novidade para mim, pois nunca tinha tido contato com a metodologia de Paulo Freire. Há muito mais ainda por aprender!
39. Algo novo? Tudo novo! Desafios? Conseguir colocar em prática os conhecimentos apreendidos.
40. Tema muito bom, o professor excelente. Local: melhor organizar os banheiros; comida: excelente. Desafios: aplicar na prática, porém muito satisfeita com conteúdo.
41. Reflexão sobre um novo trabalho e uma nova metodologia = desafio, dificuldades, crescimento, aprimoramento, novas experiências.
42. Excelente o curso, conseguirmos observar na prática como realizar o trabalho. Trouxe enriquecimento sim para minha prática profissional. O desafio está em sempre estar refletindo sobre a prática que estamos realizando, para que na rotina esse trabalho não se perca.
43. As atividades foram ricas e educativas, mas o processo no grupo foi tumultuado e desgastante. Novo: método apresentado de como levar para a comunidade. Desafios: sair do quadrado com o qual estou acostumada, abrir a mente para o novo. Pôr os óculos de Freire.



Fotos do 2º dia da Segunda Etapa da Oficina Freireana – Casa do Trabalhador, 23 de novembro de 2015

TERCEIRA ETAPA PRESENCIAL OFICINA METODOLOGIA FREIREANA CURITIBA, 18 E 19 DE FEVEREIRO DE 2016

Participantes: 48 pessoas, sendo 03 da equipe do CEFURIA e 45 da FAS.

Local: Casa do Trabalhador, Sítio Cercado, Curitiba, PR.

Assessoria: Ana Inês souza, Coordenadora Executiva do CEFURIA.

Apoio teórico-metodológico: Antonia Vandécia de Assis, Magda Mascarello e Fernanda Lima.

Mística inicial:

Leitura do poema **“Pedagogia do Oprimido”**, de João Adonias Aguiar Neto:

Meu nome é fulano

Poderia ser João, José, Jorge...

Qualquer um

Sou mais um, entre muitos.

Que não tive acesso a muita coisa não

Só de nascer

Não me perguntaram aonde queria que nascesse

Mas mesmo assim vim

Meu pai... Não conheço!

Dizem por aí, porque eu mesmo nunca vi.

Minha mãe...

Parente, ente, gente que nem a gente.

Sofrida, calada, doente...

Oportunidades...

Nenhuma, como num cenário de ausências.

Sem dignidade, nem opção.

Nunca tinha visto um caderno na vida

Ouvira falar que existia um lugar chamado ESCOLA

Mas a realidade era outra

Quem poderia parar de trabalhar?

Para a cabeça educar

Não ela

Não nós

Somos parte de um cenário opressivo, pois oprimidos somos.

Perguntam-me: Para que isso menino?

Estudo, Informação e Cultura.

Eu nem sei, mas só sei que sei.

Pois sem o estudo não tem:

Oportunidade

Igualdade

Sociedade (de um modo mais justo)

Não quero ser mais um NÃO!

Me retei, vou brigar.

Para de ser oprimido deixar

Para que ninguém “faça vida” às minhas costas.

Para que saia esse ranço

Que não é meu, e talvez nem seu.

Esse cenário tem que mudar

Para que minha mãe volte a sonhar, e não gritar.

Queremos agora escutar
 Não só eu... mas sim todos
 Sejam eles quais for
 Sem dor, pavor.
 Quero acesso a tudo!
 Temos que plantar a semente
 Consciente
 Mas, aí vem a realidade.
 Que não tem raça nem idade.
 Só tem um ideal
 Vil e cruel
 Do opressor
 Mas CHEGA de dor
 E com meu amor vou anunciar
 Opressão nunca mais!
 Pois nada ela nos trás
 Só rancor e dor
 Quero agora mais!
 Que ninguém venha me tirar
 Essa criança dentro de mim
 Que é a ESPERANÇA
 Mas não como ideal
 E sim como realidade
 Tomara que meu grito ecoe
 Que atinja todo mundo
 João, José, Maria...
 Vamos minha gente
 Que como diz a música...
 "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".
 Tô de saco cheio
 Pois dentro de meu peito não tem mais espaço
 Para um OPRIMIDO
 OPRIMIDO vou deixar de ser.
 Quero é crescer!
 E com isso viver.....

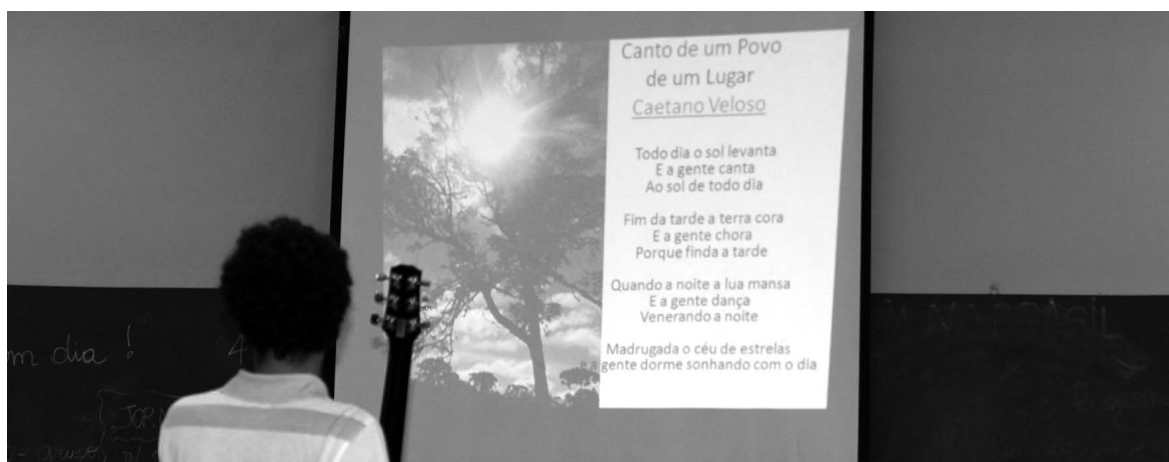
Contextualização do pensamento de Paulo Freire na história do Brasil¹⁵

Ana Inês iniciou a oficina construindo, junto com os(as) participantes, a linha do tempo da História de Opressão e Resistência no Brasil e o Pensamento de Paulo Freire. Um momento participativo importante, dialogando com as datas e os momentos históricos no período de 1500 até 2016, destacando-se a resistência do povo brasileiro contra a dominação, desde a chegada dos europeus nestas terras. Ana destacou que todos temos o sangue do índio e do negro como oprimidos, porém também o sangue dos opressores. Temos então,

15 Anteriormente a esta etapa, foi enviado a todos(as) os(as) participantes da Oficina, para leitura prévia, o texto "A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora", elaborado por Gisele Carneiro, novamente lido e debatido em grupos nesta etapa. Neste subsídio há uma discussão muito importante sobre as origens da opressão no Brasil além da denúncia de Paulo Freire sobre "quem inaugura a violência", abordando as diversas formas de opressão, nem sempre explícitas. Este subsídio, de linguagem simples e direta, é de leitura muito importante para trabalhadores(as) e militantes sociais, como uma introdução à metodologia crítico freireana e está disponível para baixar gratuitamente no site do CEFURIA em <http://www.cefuria.org.br/files/2012/08/cartilha1.pdf>.

que tomar cuidado para não reproduzir o processo de dominação durante o desenvolvimento do trabalho social. Conhecer a história de luta do povo, é fundamental para nos implicarmos com seu sofrimento e resistência até os dias atuais. Aliás, somos parte deste processo, não somos uma ilha, tampouco estamos imunes à influência e a reprodução dos mitos construídos pela ideologia dominante. Os castigos infringidos aos indígenas, negros e camponeses empobrecidos durante quase 400 anos de escravidão “legal” no Brasil, são marcas da violência extrema a que fomos e somos submetidos enquanto povo.

“Nenhum povo que passasse por isso como sua rotina de vida, através de séculos, sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos”. (RIBEIRO, 1995, p. 120).



A teoria e a prática propostas por Paulo Freire, não nasceram dentro de um escritório ou gabinete universitário. É práxis. Pensamento e ação. Do nordeste, para o Brasil e o mundo, Paulo Freire desenvolveu suas reflexões na relação com trabalhadores e trabalhadoras e com eles e elas aprendeu muito durante toda a sua vida e dedicou-se, nesta relação horizontal, a construir uma metodologia que desvelasse a realidade.

Olhando para os mais de quatro séculos de opressão e resistência no Brasil, Freire reconheceu todo o processo de desumanização e trabalhou na perspectiva de uma metodologia que buscasse alfabetizar as pessoas não apenas na leitura das palavras, mas principalmente, na leitura do mundo. Uma educação horizontal, cujo princípio é *“ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”* (FREIRE, 1987, p. 68).

Na linha do tempo, construída coletivamente, pudemos reviver e lembrar os momentos importantes da história da luta do povo brasileiro, desde a resistência indígena, o movimento abolicionista, a luta camponesa pela terra, com destaque para a Revolta do Contestado tão perto de Curitiba e tão pouco conhecida pelos servidores, o movimento operário nascente sob a contribuição dos imigrantes anarquistas espanhóis e italianos, a contribuição dos artistas modernistas.

Passamos pelos anos de desenvolvimentismo e populismo no Brasil, sob as presidências de Vargas, JK e Jango, quando Paulo Freire, participando do Movimento de Cultura Popular no Recife, foi convidado a coordenar a Campanha Nacional de Alfabetização do MEC. Era o início dos anos 60, do século XX. O povo emergia na história buscando seus direitos. *“A sociedade brasileira fervilhava no caldeirão de ideias desenvolvimentistas. Cumpria-se o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e a capital do Brasil transferia-se do Rio de Janeiro pra Brasília. Chegávamos ao auge do populismo e ao acirramento de*

suas contradições. Inaugurado como resposta à ditadura do Estado Novo, o populismo era a ideologia dominante desde 1946 [...] quando uma nova constituição foi promulgada, representando as contradições e os conflitos do Estado populista que se inaugurava e que se estenderia até o golpe militar de 1964". (SOUZA, 2001, p. 38).

"As propostas de educação popular nasceram neste contexto, aparecendo como instrumento de emancipação das classes populares. Paulo Freire foi fruto e, ao mesmo tempo, ator daquele momento histórico de profundo significado para a sociedade brasileira. Esperanças e decepções, avanços e retrocessos são lados da mesma moeda. O conflito é a base da sociedade que se industrializa sob o modo de produção capitalista. Este é o substrato das possibilidades e limites da pedagogia freireana gestada neste período". (SOUZA, 2001, p. 39).

A assessora ressaltou a importância da Teologia da Libertação no processo de resistência do povo brasileiro durante a ditadura militar e inseriu a própria origem do CEFURIA na linha do tempo que estava sendo construída. Destacou a contribuição desta organização no processo de capacitação de lideranças dos movimentos sociais que lutavam contra a ditadura e por melhores condições de vida em Curitiba: saneamento básico, moradia, postos de saúde, creches e escolas, movimento de meninos e meninas de rua, movimento de mulheres, de luta contra o desemprego.

A educação popular nos dá a compreensão de que não há saída individual para os problemas sociais, apenas a organização coletiva pode garantir conquistas de direitos. A sabedoria popular é um saber importante, assim como o aprendizado da participação, para a construção da educação popular. É uma via de mão dupla, fortalecendo-se mutuamente.

Faz-se um debate sobre a importância do compromisso social a ser assumido pelas equipes e seu empoderamento para fortalecer seus argumentos contra propostas metodológicas fáceis, que acenam mudanças rápidas para problemas históricos complexos. Devemos aprender a desconfiar do que se ouve e evitar planejamento imediato, sem aprofundamento, sem conhecimento amplo da realidade. Uma das servidoras diz que trabalha há anos na FAS, que estudou diversas metodologias e cabe aos técnicos o fazer, porque não é do prefeito, diretoria ou presidente a atribuição de fazer o trabalho da linha de frente, pois, cada um dá a cara que quer. Discute-se que os servidores têm uma relativa autonomia e precisam fazer o melhor uso possível dela em favor dos usuários dos serviços onde atuam, pois estes são os sujeitos e objetivos de sua ação.

Após a discussão feita durante o processo de construção da linha do tempo, fez-se um resgate das etapas anteriores da Oficina, trazendo-se à memória coletiva, diversas palavras que representaram ideias fortes do que foi estudado até então: escuta, diálogo, tema gerador, falas significativas, problematização, contra-tema, sentido para o trabalho, trocas, reflexão, estudo, respeito, humildade.

Este "reviver" constituiu a base para o momento seguinte da 3ª etapa, que foi o aprofundamento dos conceitos fundamentais da metodologia freireana, partindo da questão-chave:

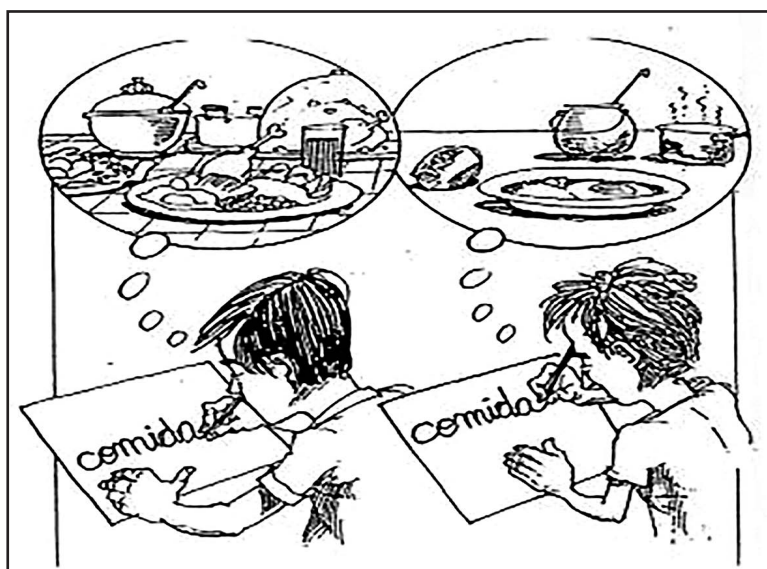
TRABALHO SOCIAL, PRA QUÊ? PRA QUEM?



Conceitos fundamentais da metodologia crítico-freireana

A partir da questão anterior discute-se a necessidade de superar o mito do assistencialismo, pois, ele gera dependência entre as pessoas, desumanizando as relações. O trabalho social é para a domesticação ou para a libertação? Esta é uma questão fundamental. Se o objetivo da educação popular é o desvelamento e a transformação da realidade para a emancipação humana, seu uso no trabalho social deve ter como protagonistas o educador (técnico/a) e o educando (sujeito da ação/usuário/a do serviço) como sujeitos solidários numa relação horizontal que, trabalhando juntos na comunidade, buscam desvelar a realidade onde estão inseridos(as).

Mas, que realidade deve ser desvelada? A realidade não é só o dado material, objetivo, mas também as relações que se estabelecem, e as situações existenciais concretas, através de que os sujeitos a interpretam. Portanto, para conhecer a realidade, é preciso ouvir estes sujeitos.



A assessora Ana Inês trouxe algumas ilustrações e questionou o coletivo sobre o que as imagens representavam. Um dos participantes destacou a importância do simbólico pois, segundo ele, o que as pessoas falam, está além da compreensão dos fatos por parte dos técnicos. A comunicação dialógica é, portanto, fundamental para compreender a representação simbólica das situações vivenciadas, daí a importância do “como fazer o desvelamento da realidade”.



Nesta comunicação dialógica, a fé nos homens e mulheres (sujeitos da ação) é um dado *a priori* do diálogo – acreditar na capacidade de mudança das pessoas. Isto implica humildade por parte dos(as) técnicos(as), respeito às diferenças, compromisso com a transformação da realidade opressora. O diálogo é, portanto, uma exigência existencial. Começa na busca do conteúdo programático de nossa ação, através da escuta à comunidade ou grupo, com os quais trabalhamos, levantamento e apreensão de seus temas geradores.

Uma das participantes disse que é um desafio para os servidores, a partir desta metodologia, trabalhar o protagonismo e a autonomia dos sujeitos, a partir das desigualdades existentes, pois a exclusão é grande. E, a partir disso, inverter a lógica dos padrões e dos prazos do trabalho social. Daí a importância do conhecimento da história de dominação e resistência, para saber como foi a distribuição de terra em Curitiba, e por que as comunidades que hoje são atendidas pela política de assistência social, não têm um pedaço de terra garantido.

Outra participante informa que assistiu recentemente um documentário sobre Milton Santos, “O mundo global visto do lado de cá”¹⁶, que revela um período da história a partir da globalização, onde ocorreram muitas lutas. Ela questiona aonde estão atualmente estas lutas, pois tem a sensação que dormiu e quando acordou, tudo estava resolvido e não precisava mais resistir.

A assessora dialoga com as participantes e diz que os movimentos sociais continuam na luta sim; há muitos exemplos recentes no Brasil e no mundo. Reforça a necessidade de se desenvolver o que Paulo Freire chamava de “curiosidade epistemológica”, para não aderir às informações dadas pelo monopólio da mídia, que oculta ou mostra de forma deturpada a luta popular.

Outras manifestações dos(as) participantes se dão, no sentido de se compreender a importância do conhecimento da história do Brasil, Paraná e Curitiba, bem como das expressões sociais das comunidades, evitando que os servidores e servidoras criminalizem a pobreza. Apesar das mudanças de projetos de gestão municipal, as famílias continuam as mesmas, assim, é fundamental, conhecer cada sujeito e sua história.

Discute-se o risco que os servidores correm de impor suas próprias visões de mundo às comunidades onde atuam. Daí a necessidade de se organizar os conteúdos da ação, a partir do processo de escuta das equipes, junto às comunidades.

Trabalho em grupos de participantes por território priorizado, para estudo do texto “A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora”.

Reflexão coletiva sobre as práticas que estão sendo desenvolvidas nos territórios, à luz do estudo, sistematização e socialização para todos(as) os(as) colegas, a partir das seguintes questões:

1. Que relação fazem do texto lido com as ações desenvolvidas no território?
2. Quais os limites e possibilidades da aplicação prática dos princípios e conceitos propostos?
3. Como transformá-los em desafios que se desdobrem em compromissos e ações concretas?

16 O documentário citado está disponível in https://youtu.be/-UUB5DW_mnM. Acesso em 29/10/2016. Dirigido pelo cineasta e historiador brasileiro Sílvio Tendler (2002), aborda as consequências deixadas pela globalização atual e antiga, na visão do geógrafo e intelectual baiano Milton Santos, destacando os períodos de exploração colonial e “descoberta” do novo mundo, bem como a globalização econômica contemporânea, com destaque para a expansão do capitalismo no mundo e suas consequências para os povos.



3ª Etapa Presencial Oficina Metodologia Freireana, 18 e 19 de fevereiro de 2016

O segundo dia de trabalho, desta 3ª etapa presencial da Oficina de Metodologia Freireana, foi dedicado a avaliação das equipes sobre as ações já realizadas nos territórios, bem como a elaboração de planejamento de novas ações, com base nas falas significativas levantadas e discutidas nas etapas anteriores e nos diagnósticos realizados das áreas, dentro da proposta do Programa Curitiba Mais Humana.

As equipes dos territórios não priorizados dentro do Projeto de Parceria CEFURIA-FAS, se integraram àquelas dos territórios priorizados, contribuindo com a análise e o planejamento dos(as) colegas. Se constituíram, então, três grandes grupos de discussão sob a coordenação da equipe do CEFURIA (Ana Inês, Fernanda Lima e Antonia Vandécia). Cada um dos grupos elegeu relatoria para garantir sistematização da discussão e apresentação para todos(as) os colegas, a fim de que todo o coletivo pudesse contribuir mutuamente.

A seguir, as sínteses apresentadas por cada um dos grupos de trabalho.

Território: Beira Rio/Bela Vista - Tatuquara

1) O que já foi realizado?

Mapeamento das 100 famílias residentes no território.

Cadastro único em visita domiciliar de todas as famílias.

Acompanhamento e monitoramento da concessão do benefício.

Acompanhamento familiar.

Vinculação com as famílias e CRAS como referência.

Ações coletivas: 02 grupos Mobiliza – 1 para adolescentes e 1 adultos.

Reunião com a comunidade para orientações quanto à atuação do CRAS no território.

2) Como foi avaliado?

Pouca adesão às ações coletivas.

Presença do tráfico de drogas.

Distância CRAS-território.

Recursos humanos reduzidos e rotatividade de servidoras.

Dificuldade na intersetorialidade com foco na COHAB.

3) Planejamento de ações:

Identificar e fortalecer a rede de parceria.

Coordenador e técnico inseridos no colegiado regionalizado.

Coletivizar demandas.

Mobilizar lideranças para próxima fase do projeto.

Criação Grupo comunitário.

Território: Jardim Harmonia - CIC

1) O que já foi realizado?

Sensibilização inicial das equipes para a metodologia.

Diagnóstico do território.

Apresentação da proposta no colegiado e consonância nos objetivos.

Visitas domiciliares por representantes do colegiado do Curitiba Mais Humana, com aplicação de questionário para levantamento de demandas e necessidades de intervenção setorial.

Ação de prevenção à dengue.

Curso Mulheres Mil.

Curso do Mobiliza.

2) Como foi avaliado?

Questões veladas de violência presentes no território dificultam o trabalho.

Lideranças não reconhecidas pela comunidade, se impõem pelo medo.

Há vínculo da comunidade com o CRAS, mas são limitadas pelas questões já levantadas.

Casos de negligência e violência contra crianças identificados pela Rede de Proteção.

Divisão interna na comunidade entre moradores antigos e novos.

Lideranças dizem que a comunidade não trabalha em prol de interesses coletivos.

Desafios para conciliar a práxis freireana com as demandas do trabalho cotidiano no CRAS:

- Ouvir mais usuários e participantes dos serviços, com qualidade, desarmados de respostas.

- Insegurança para colocar em prática, ações participativas, evitando levar propostas prontas.

- A metodologia não é algo pronto, dado, é flexível; a ser definida coletivamente de acordo com cada realidade, buscando emancipação.

- Reconhecer que o tempo das famílias é diferente do tempo do serviço e das equipes.

- Somos imediatistas, quando o processo de criação de vínculos demora anos.

- Acreditamos que temos todo o saber; somos formados socialmente para isso; precisamos passar por um processo de desconstrução.

3) Planejamento de ações:

A partir dos acompanhamentos particularizados levantar demandas comuns com vistas no acompanhamento coletivo (junto com a equipe).

Realizar atendimento coletivo para levantamento e escuta das falas significativas.

Demandas identificadas pelo colegiado: capacitação para lideranças comunitárias.

Demandas identificadas pelo CRAS: capacitação profissional.

Demandas identificadas pela Comunidade (ponto de partida para a ação): fortalecimento dos vínculos comunitários para resolução de conflitos relacionais.

Território: Parque Nacional Acrópole - Cajuru

1) O que já foi realizado?

Primeira escuta da comunidade feita na reunião do Comitê do Curitiba Mais Humana e no Mobiliza.

Sensibilização da equipe para a metodologia e o Projeto de Parceria.

Levantamento do perfil do território.

2) Como foi avaliado?

Esforço de toda a equipe para ouvir mais e, a partir das falas, discutir e problematizar.

Avanço do atendimento individual em direção ao coletivo; mudança de postura da técnica.

Houve mudança na metodologia de trabalho no Serviço de Convivência com Idosos.

3) Planejamento de ações:

O objetivo da equipe é debater com a comunidade o que significa o espaço público, a partir do tema gerador "Praça? Não precisa de praça ... praça pra cavalo? Não precisa de praça, praça vira mocó. Tem que ter espaços onde todos possam usar, lá tá cheio de manilha, mato e cachorro".

Encontro na comunidade: 02/03/2016. Local: Polo, praça, rua (a definir). Horário: 13h30/14h.

Público: Famílias do território priorizado

Atividade: Acolhida. Apresentação pessoal e trajetória de vida (escolher objeto para passar na roda de conversa). Apresentação do objetivo do trabalho no território. Ouvir as expectativas para os próximos encontros/avaliação. Encaminhamentos. Próximas reuniões.



AVALIAÇÃO DA 3ª ETAPA PRESENCIAL DA OFICINA DE METODOLOGIA FREIREANA, FEITA PELOS PARTICIPANTES, 18 E 19/02/2016

1. O encontro foi bem provocativo e instigante para rever os processos de trabalho.
2. Etapa significativa para o processo. Na minha opinião, no intervalo de tempo entre as etapas pareceu que ficou disperso o conteúdo. Continua sendo desafiador, pois é um exercício diário de se despir de conceitos e preconceitos apreendidos durante nossa trajetória vivida, contudo, tem desencadeado e contribuído para o processo de reflexão.
3. A sementinha está plantada e a longo prazo será uma bela e grandona árvore. Hoje atendo ao usuário já com a predisposição de ouvir mais, atentando mais para as falas. Sei que a mudança é processual, gradual e paulatina e virá ao longo do tempo.
4. Encontro muito produtivo, foi importante ouvir as experiências de outras regionais e de outras pessoas do CEFURIA. Proporcionou novas ideias, novas formas de abordagem e atuação.
5. O curso, está atendendo as expectativas enquanto princípios e fundamentos metodológicos. O espaço de troca entre os profissionais serviu para trabalhar as formas de aplicação da metodologia freireana, mas também para analisar as dificuldades quanto a viabilidade de ação e compatibilização com as metas do plano de Governo. Embora satisfeita com o aprendizado ainda estou curiosa para ver um projeto executado dentro dessa proposta.
6. Muito bom! Me sinto contemplado e realizado com a possibilidade de fazer a ação pública com participação social "dialógica". Será uma grande oportunidade! Obrigada por nos encorajar e trazer subsídios.
7. Os dois dias deste encontro implementaram o já ocorrido anteriormente. Importante, que em processo, permitiu também a reavaliação do já apreendido e possibilitou a revisão dos trabalhos (ação) realizada.
8. Acho que concretizou minhas expectativas. Adorei!
9. Penso que o curso foi extremamente importante para refletimos "nossas práticas" no território. Já podemos agora fazer o "diferente". Talvez não seja com tanta eficiência, mas é um começo. Obrigada!
10. Esta parceria CEFURIA-FAS vem fortalecer o trabalho do SUAS. Apoiando na inovação da lógica já posta.
11. Não participei de todo o processo, mas apenas dos dois últimos encontros. Mesmo assim, gostei bastante, aprendi muito, me motivei a fazer diferente não apenas no meu trabalho, mas em todos os locais em que estiver. Não sei se conseguiremos fazer grandes mudanças, devido a inúmeros entraves e desafios, mas ... vamos tentar!
12. O encontro proporcionou entender melhor a metodologia freireana, como aplicá-la nas ações desenvolvidas com as famílias atendidas pelo CRAS (indivíduo e coletivo). Gostei dos encontros promovidos pelo CEFURIA. Para mim foi muito importante e acrescentou conhecimento sobre a metodologia freireana que eu não tinha. Parabéns aos palestrantes e aos organizadores. Acredito ser possível a aplicação no dia a dia. Compartilhar as experiências entre os CRAS ajuda a melhorar os projetos (troca de experiências).
13. Curso está excelente; não conhecia a metodologia freireana. Nota 10 – 10 – 10.
14. Considero a oportunidade de conhecer a metodologia Freireana e ter a possibilidade de aplicá-la no nosso trabalho, no enfoque no coletivo, um avanço para que se alcance o objetivo proposto pelos trabalhadores que se identificam com a metodologia. Gostaria que os demais colegas possam em algum momento também participar desta capacitação. Espero que possamos melhorar a nossa prática a partir deste novo olhar, partindo sempre do interesse do território comunidade/usuário.
15. Nesta etapa achei que foi muito cansativo. Porém, o conteúdo foi revisto e os desafios lançados, não sei se daremos conta, mas vale a tentativa!!

16. Os dois dias de atividade foram muito produtivos, já referenciei em outros momentos que sinto, não ter mais pessoas da equipe, participando desse processo.
17. Esta metodologia tem o poder de nos fazer refletir e buscar uma mudança pessoal para depois poder atuar em busca de uma mudança no próximo. Como seria bom se outros colegas pudessem ter a sorte de participar e conhecer esta metodologia. Foi um privilégio.
18. Achei esta etapa bem fluída, clara e atingiu o objetivo de aprofundar a reflexão sobre a proposta da metodologia freireana para o trabalho, tanto nos territórios priorizados, como nas demais ações dos CRAS. Achei a contextualização histórica (e a forma como foi apresentada) importantíssima para um entendimento mais complexo. As trocas de experiência foram bastante interessantes tanto no sentido de contribuir com os trabalhos já iniciados, quanto para pensar os trabalhos que ainda iniciarão nos territórios priorizados.
19. A metodologia freireana é apaixonante, traz reflexões das nossas ações e que podemos “mudar”. Ainda temos muito a prática de dizer o que é bom para o outro e não o que o outro deseja. Acredito ser uma semente no nosso trabalho, pois ainda é conflitante com o que é determinado pelo Estado. Parabéns a todos os envolvidos.
20. Esta etapa clareia o real objetivo da proposta. Propõe expor as reais dificuldades que enfrentamos ao lidar com os territórios priorizados. Refletir, criar possibilidade, dificuldades etc. A coordenação conduz muito bem as oficinas (Ana Inês) – pessoa que transmite tranquilidade possibilitando momentos para reflexão para nossas vidas. Iniciei a etapa com muito desânimo pois, as etapas anteriores foram muito cansativas e estressantes. Enfim gostei muito e animada para os próximos encontros. Obrigada.
21. Os encontros foram de extrema importância para o crescimento enquanto ser humano e profissional. A visão de mundo, as reflexões, estão em processo de mudanças.
22. Esta etapa foi muito produtiva, porém, particularmente, senti muita dificuldade ao vislumbrar como esse projeto se dará com a comunidade. Contudo, continuarei acreditando que nós refinaremos o nosso modo de ouvir o outro, ouvir até mesmo o silêncio que eles possam fazer.
23. Importante momento para trazer novas contribuições (saberes) e despertar para uma pedagogia humanizadora.
24. A medida em que a capacitação da metodologia freireana avança, percebo que o trabalho social que vínhamos oferecendo, não tinha e ainda não tem, a perspectiva de libertação. Colocar em prática essa nova metodologia apreendida, é um processo que terá uma longa caminhada, mas que, sem dúvida valerá a pena. Ao final dessa etapa me sinto extremamente feliz por ter tido a oportunidade de participar.
25. O processo continua a motivar a ter uma intervenção mais humana e uma escuta mais atenta, rompendo o funcionamento opressor das nossas ações.
26. Um importante espaço de aprendizado, construção e troca – porém, algumas angústias e ansiedades permeiam nos nossos corações ... As vezes nos sentimos como uma “única andorinha, tentando fazer o verão”... Força, vontade e o querer não nos faltará ... resta saber como serão as outras forças “paralelas”.
27. Tempo interessante de planejamento e reflexão. Pausa para retomar o aprendizado dos encontros passados, traçando rumos para os nossos planejamentos.
28. Estamos em um novo patamar do Projeto, pois permanece de fato quem se vinculou ao Projeto/Proposta. Nas regionais a dinâmica começa a se modificar, com questões concretas da estrutura do serviço público e do Mais Humana, como dificuldade e desafio. A proposta metodológica começa a se materializar, a ganhar corpo e espaço, ou mesmo adesão. O caminho é longo!!
29. Acredito que as oficinas procuram e promovem a reflexão constante do nosso trabalho, o que é fundamental. E nos fortalece para a vida comunitária.

30. Excelente. Permitiu a reflexão das ações e implantação da metodologia freireana para o nosso dia a dia do trabalho no individual e no coletivo. Nesta etapa pudemos trocar e aprender com os colegas das demais regionais. A capacitação como um todo foi ótima, tenho a certeza de que saio da mesma com um conteúdo e conhecimento que veio para acrescentar em nosso trabalho e permitir que comecemos a pensar de uma forma diferente e humanizadora. Muito obrigada.
31. Acredito que os conteúdos trabalhados neste dois dias são de grande valia para as nossas práticas profissionais. Momento de muita reflexão ... temos um grande desafio, pois precisamos repensar, reconstruir nossas práticas com foco naquilo que o outro espera e nas respostas que surgem no coletivo. Despertar nossas equipes para aprofundar/conhecer a metodologia freireana.
32. Houve sem dúvida um progresso no que tange à análise dos problemas relacionados às áreas priorizadas das regionais, onde fica claro que a metodologia freireana foi fundamental para o alcance e clareza dos métodos a serem utilizados para o atingimento dos resultados almejados.

3. Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho

As Oficinas relacionadas ao Mundo do Trabalho se constituíram no terceiro momento do Projeto de Parceria FAS-CEFURIA. Elas se realizaram nos territórios com a participação das equipes e lideranças comunitárias. Foram três Oficinas em cada um dos territórios priorizados, totalizando nove encontros, envolvendo 70 participantes, entre técnicos(as) e gestores(as) da FAS, lideranças comunitárias e assessores(as). Os conteúdos abordados integram o Curso "História Social do Trabalho", desenvolvido pelo CEFURIA desde 2004, na Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, popularmente chamada de "Escolinha" pelos(as) que dela participam, na condição de "estudantes" ou "assessores(as)".

A experiência das 35 primeiras turmas da "Escolinha", está relatada no Livro 4 da Série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares" e, conforme dito na apresentação deste volume, pode ser baixado do site do CEFURIA junto com todos os volumes desta coleção. Até o presente momento (outubro de 2016), mais de 45 turmas já passaram por este processo de formação, incluindo participantes de empreendimentos econômicos solidários (padarias comunitárias, clubes de trocas solidárias, associações de carrinheiros ou coletores de materiais recicláveis, oficinas de costura, integrantes do movimento de pessoas em situação de rua), além de universitários, participantes ou não de incubadoras de economia solidária, participantes de diversas organizações da sociedade civil e pública. O que move todas essas pessoas é a crença na construção coletiva de "um outro mundo possível".

Conforme exposto na fundamentação teórica deste projeto de parceria aqui relatado, a categoria teórico-prática fundante destas Oficinas é o *trabalho cooperativo*, dialeticamente articulada à outra categoria fundamental da metodologia crítico-freireana que é a *comunicação dialógica*. Ambas, imprescindíveis para o processo de humanização e construção de subjetividades emancipadas, que se relacionem socialmente, de forma igualitária. Assim juntamos às nossas reflexões anteriores, as contribuições da psicologia social, pela fala de Sílvia Lane.

"Desenvolver relações sociais que se efetivem através da comunicação e cooperação entre pessoas, relações onde não haja dominação de uns sobre outros, por meio de procedimentos educativos e, basicamente, preventivos, se tornou o objetivo central de

atividades comunitárias (...). O caráter educativo decorre da reflexão que é feita sobre o porquê das necessidades, de como as atividades vêm sendo realizadas, ou seja, como as ações se encadeiam e que resultados são obtidos, tornando possível a todas as pessoas envolvidas recuperarem, através do pensamento e ação, da comunicação e cooperação entre elas, as suas histórias individuais e social, e conseqüentemente, desenvolverem a consciência de si mesmas e de suas relações historicamente determinadas.” (LANE, 1981, p. 68).

O quadro a seguir apresenta os elementos que constituíram as Oficinas de Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho.

CONTEÚDO	METODOLOGIA	ASSESSORIA	PARTICIPANTES
<p>1ª Oficina (8 horas): A centralidade do Trabalho no processo de humanização. Nesta oficina discute-se as origens da humanidade, os diversos períodos históricos pelos quais passaram os grupos humanos até o modo de produção feudal (trabalho comunal, escravo e servil)</p>	<p>a) Exposição dialogada com uso de slides, vídeo, construção coletiva de linha do tempo, leitura de texto. b) Trabalho em pequenos grupos para estudo de subsídio específico sobre o tema. c) Realização de estudos e visitas nas comunidades como tarefa desdobrada da Oficina.</p>	<p>Maria Izabel Machado, socióloga, doutoranda em Sociologia Fernanda Lima, assistente social, coordenadora do projeto de parceria</p>	<p>Técnicos(as) que atuam nos equipamentos, lideranças locais e moradores dos territórios interessados no processo de organização para o trabalho (identificados nas fases anteriores do projeto)</p>
<p>2ª Oficina (8 horas): O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização. Nesta oficina discute-se o trabalho na sua forma emprego (“livre”). Fragmentação e heteronomia (das sociedades industriais mecanizadas à informatização e robotização).</p>	<p>a) Exposição dialogada da assessoria com uso de quadro de giz, filme, etc. b) Trabalho em pequenos grupos para estudo de subsídio específico sobre o tema. c) Realização de estudos e visitas nas comunidades como tarefa desdobrada da Oficina.</p>	<p>André Langer, filósofo, pesquisador do CEPAT e doutor em Sociologia Fernanda Lima, assistente social, coordenadora do projeto de parceria</p>	<p>Técnicos(as) que atuam nos equipamentos, lideranças locais e moradores dos territórios interessados no processo de organização para o trabalho.</p>
<p>3ª Oficina (8 horas): Economia Popular Solidária: um novo mundo em construção. Nesta oficina discute-se o trabalho na sua forma coletiva, associativa, cooperativa, solidária, autogestionária. As pessoas são o centro do processo. O trabalho é mediador, estímulo à criatividade, à descoberta de potencialidades, à melhoria das condições de vida e à remuneração justa do trabalho.</p>	<p>a) Exposição dialogada da assessoria com uso de quadro de giz, vídeos, etc. b) Trabalho em pequenos grupos para estudo de subsídio específico sobre o tema. c) Elaboração de plano de organização de grupos de geração de renda, com base na escuta e levantamento de potencialidades já realizadas nas etapas anteriores do projeto (não realizada dentro do Projeto)</p>	<p>Antonio Carlos Bez, filósofo, educador popular em EPS Gisele Carneiro, assistente social e mestre em Direito Cooperativo Fernanda Lima, assistente social, coordenadora do projeto de parceria</p>	<p>Técnicos(as) que atuam nos equipamentos, lideranças locais e moradores dos territórios interessados no processo de organização para o trabalho.</p>

A Centralidade do Trabalho no Processo de Humanização

Esta Oficina ocorreu em 01/03/2016, no CRAS Santa Rita, Tatuquara, com a presença de 13 pessoas; em 03/03/2016, no CRAS Barigui, CIC, com a presença de 12 pessoas; em 08/03/2016, no CRAS Uberaba, Cajuru, com a presença de 40 pessoas.

A metodologia utilizada em cada Oficina seguiu um roteiro comum, com pequenas variações de acordo com as características do público presente em cada um dos territórios, qual seja:

1. Fernanda Lima, coordenadora do Projeto, apresentava aos participantes os três momentos da Formação Político Cidadã que ocorreria em cada território e, em seguida, fazia a apresentação da assessoria da Oficina, passando a palavra a ela ou ele.
2. Dinâmica de apresentação dos participantes, já inserindo o conteúdo a ser estudado, a partir da construção da linha do tempo sobre a história da humanidade. No Tatuquara, foram usadas tarjetas de cartolina onde os(as) participantes deveriam escrever a data de um acontecimento importante em suas vidas, sobre o qual deveriam falar ao apresentar-se. No CIC, cada participante deveria escolher um dos objetos de trabalho dispostos no chão e explicar que relação tal objeto tinha com suas trajetórias pessoais no mundo do trabalho. No Cajuru, onde o número de pessoas era grande, os(as) participantes foram divididos em pequenos grupos, onde deveriam se apresentar e falar sobre algum acontecimento marcante em sua vida profissional.
3. A assessora Maria Izabel, destacou o *trabalho* como algo inserido em vários momentos da vida dos seres humanos e motivou sua reflexão utilizando a letra da música "Capitão de Indústria", de Os Paralamas do Sucesso:

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei

Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar

Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça
Que passa e polui o ar
Eu nada sei
Eu nao vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas

Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar.
Eu corro prá trabalhar



1ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, CRAS Santa Rita, Tatuquara, 01/03/2016

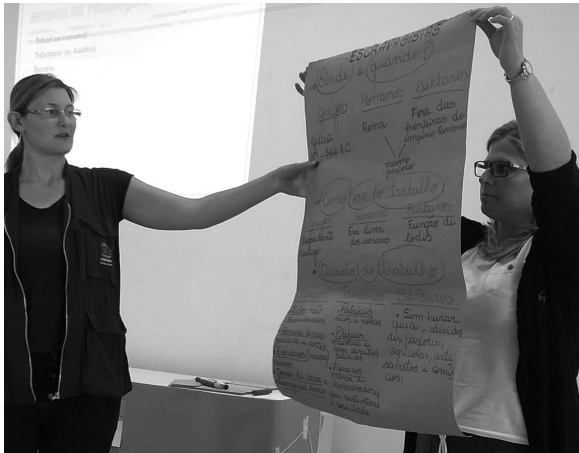
Comum a todos os territórios, foi a construção da linha do tempo, através de que a assessora foi levando os(as) participantes a conhecerem e refletirem sobre os primeiros modos de produção e primeiros instrumentos utilizados no trabalho humano, destacando particularidades de cada período e as mudanças antropológicas que foram ocorrendo.

Apresentou dados sobre as diferenças existentes entre o trabalho desenvolvido por mulheres e por homens e sobre a noção de tempo dedicado ao trabalho em cada momento da história humana, a partir da teoria marxiana de compreensão da história. Além das diferenças e convergências entre ciência e religião, no que se refere à origem da vida; e sobre a "escrita", como marco do que se considerou mais tarde, o início da *história*.

Izabel destacou a importância de se refletir sobre o *processo de trabalho* para se compreender as formas de sobrevivência dos moradores nos territórios onde as equipes da FAS atuam, pois o meio onde os sujeitos vivem é ponto de partida para sua visão de mundo, conforme atestado pela metodologia freireana.

Além disso, destacou-se o processo de adaptação humana às condições climáticas e de como isto foi condicionando e, ao mesmo tempo, impulsionando a ocupação dos diversos continentes do globo terrestre, a partir da África. *"Há mais ou menos um milhão de anos, surgiram os primeiros seres humanos. Os vestígios mais antigos foram encontrados no continente africano [...]; depois no asiático e mais tarde na Europa [...]. E como surgiram os primeiros habitantes na América? Existe uma teoria que explica que, há cerca de 50 mil anos, o nível do mar baixou muito por causa de um grande congelamento na região dos polos. Conforme aconteciam as mudanças de clima, uma ligação terrestre entre a Ásia e a América aparecia e desaparecia, propiciando assim a passagem das pessoas. Depois de muito tempo, o nível do mar se elevou definitivamente, terminando assim a conexão entre os dois continentes"*. (KNAPIK, 2005, p. 9).

Após essa introdução geral, os(as) participantes foram divididos(as) em grupos de trabalho para leitura e discussão do texto "O trabalho humano: das sociedades comunais ao modo de produção feudal". A tarefa dos grupos era identificar como se realizava o trabalho em cada um dos modos de produção; se havia e como era a divisão do trabalho. O debate de cada um dos grupos, era sintetizado e organizado em cartazes para serem socializados a todos(as) os(as) colegas.



1ª Oficina de Formação Cidadã para o Mundo do Trabalho. CRAS Barigui, CIC, 03/03/2016.



1ª Oficina de Formação Cidadã para o Mundo do Trabalho. CRAS Uberaba, Cajuru, 08-03-2016

Nas *sociedades tribais*, também chamadas de *primitivas ou comunais*, o trabalho era exercido de forma coletiva e solidária e a divisão de tarefa era natural, conforme a capacidade das pessoas; isto começou a mudar no *modo de produção tributário ou asiático*, quando surgem as classes sociais e a exploração do homem pelo homem, sem contudo, ainda, existir a propriedade privada dos meios de produção; a organização comunitária continuava existindo, mas era uma minoria que se beneficiava dela, explorando o trabalho coletivo de muitos, na forma de tributos. Embora denominado “asiático”, o modo de produção tributário não aconteceu só na Índia e China, se não também na Mesopotâmia, Egito e América Pré-Colombiana (sociedades asteca, inca e maia). Passou-se pelo *modo de produção escravista*, na chamada antiguidade clássica, cujos exemplos são Grécia e Roma e pelo *modo de produção feudal*, na idade média, quando o trabalho era baseado na servidão. O *modo de produção capitalista* é muito recente na história da humanidade; surge ao final da idade média, a partir da expansão do comércio e dos grandes “descobrimientos”, época da chegada dos europeus ao continente americano. (KNAPIK, 2005, p. 7 e 8).

Importante lembrar que os diferentes modos de produção não se deram de forma linear ou evolucionista. Muitos deles conviveram em diferentes continentes numa mesma época ou, ao contrário, em diferentes épocas num mesmo continente, ou ainda diferentes modos de produção, conviveram numa mesma época, dentro de um mesmo continente. “Por exemplo: enquanto, no final da Idade Média, na Europa, as sociedades viviam o início do modo de produção capitalista, os povos incas, na América, tinham o modo de produção tributária, e os habitantes do Brasil viviam no modo de produção comunal”. (KNAPIK, 2005, p. 9).

Tendo o conceito de *trabalho* como fio condutor da análise histórica, após a apresentação de cada um dos grupos, a assessoria retomou a palavra para complementação de cada um dos modos de produção. A ênfase nesse momento foi dada aos movimentos que proporcionaram a transição de um a outro modo de produção, como no caso do tribal ao tributário e, como a posse da terra e a divisão da sociedade em proprietários e não proprietários, foi determinante para o fim do trabalho comunal. Além disso, perpassando todos os períodos históricos, a organização social foi demarcada com especial atenção ao lugar político, econômico e social ocupado pelas mulheres.

Dedicou-se um tempo especial ao final do modo de produção feudal a fim de assentar as bases sociais, políticas e econômicas que possibilitaram o início do capitalismo. Foi ressaltado o renascimento comercial e urbano, a expansão marítima e a reforma protestante. A partir de referenciais históricos e sociológicos foram feitas correlações entre a transição de uma sociedade de pouca urbanização e agrária à sociedade moderna industrializada.

Foram enfatizados aspectos como a concentração de matéria prima nas mãos da nova classe nascente, a burguesia, a fim de limitar a autonomia dos artesãos que até então trabalhavam de maneira autônoma. Da produção domiciliar, passando pelas oficinas, até a chegada das fábricas, foram demarcadas mudanças culturais relevantes para a nova sociedade que se delineava, em especial a nova ética em torno do trabalho que passou de torturante e inferiorizante à fonte de prosperidade e dignidade.¹⁷

Avaliação 1ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – Tatuquara

1. Em uma palavra: produtividade. Diálogo compreensivo sobre os modos de produção da sociedade ao longo dos anos. Os modelos de civilização que são indispensáveis para pensar a sociedade atual, a fim de pensar criticamente as práticas, e ações desenvolvidas para a comunidade dentro das Políticas Públicas. Momento de lembrar a história do mundo.
2. Avaliação perfeita, toda equipe do CEFURIA está de parabéns. Os materiais e os assuntos abordados com a mais perfeita harmonia, transparência e dedicação em explicar as dúvidas.
3. Gostei muito da palestra, da palestrante e acho que aprendi mais sobre a história; se alguém me perguntar sei como responder, até passando o aprendizado para crianças e mesmo para os adultos.
4. Parabéns. Tudo nota 1.000, muito bom. Que venham mais dias como este de muito aprendizado. Obrigado a todos.
5. Dia muito produtivo, dinâmico e de vasto conhecimento. Almoço ótimo. Facilitadora de muito conhecimento e com uma didática excelente.
6. Relembrei a minha escola de 5ª à 8ª série. Acho que a dinâmica de apresentação deveria ser diferente para não ficar repetindo o mesmo papel da escola e da faculdade.
7. Momento enriquecedor e de aprendizado! Muito bem trabalhado, com boas abordagens! Linguagem acessível a todo o público.
8. Muito bom. Reflexão do nosso passado, buscando entender o momento atual.
9. Amei estar com vocês!!! Há muito não paro assim, para tranquilamente transitar pela linha do trabalho. Obrigada.
10. Organização ótima. Alimentação perfeita. Palestra muito clara, agradável e esclarecedora. Tempo adequado. Muito bom.

Avaliação 1ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – CIC

1. Acredito que é de suma importância esses momentos, pois nos leva a “pensar”, “olhar” e acima de tudo compreender a realidade do nosso dia a dia. Assim, podemos nos posicionar de forma mais consciente e sem conceitos formados.
2. Dia agradável, proporcionou uma “retrospectiva histórica” a fim de possibilitar a reflexão sobre as realidades que hoje nos deparamos.
3. Momento muito importante de resgate e reflexão sobre questões históricas “esquecidas” e muitas vezes não debatidas em nosso cotidiano. Parabéns pela condução exemplar de nossa palestrante.
4. Professora sensacional: abordagem acessível e principalmente trouxe uma análise nova do que se aprende “na escola”. É importante esse aprofundamento teórico para as ações do mundo do trabalho. Porém, acredito que funcione melhor com os profissionais do que com a participação dos usuários.

17 Leituras complementares ao tema, sugeridos pela assessora: “As mulheres ou os silêncios da história”, de Michelle Perrot; “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, de Max Weber.

5. A temática foi interessante, pois possibilitou reflexão referente as formas e a história do trabalho e como esse contexto se relaciona com o trabalho na atualidade. A docente foi muito didática e esclarecedora. Na minha opinião essa oficina deveria acontecer antes da metodologia Freireana, acredito que o conteúdo da metodologia seria bem mais significativo.
6. Momento importante para relembrar passos importantes da história, e com reflexões de cada momento. A professora com domínio e didática. Apenas acredito que com a participação da comunidade não sei qual seria a receptividade devido a expectativa.
7. Oficina bastante oportuna para refletir acerca das nossas práticas e as nossas posições sobre o trabalho; de modo a evitar que repliquemos processos de exclusão e de "escravização" contemporânea e a relação com o capital.

Avaliação 1ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – Cajuru

1. É importante entender a lógica do trabalho para pensar novas formas de relações do trabalho e a proposta da economia solidária.
2. Tema excelente, professora dinâmica e com muita propriedade. Método muito eficiente.
3. Gostei bastante; o resgate histórico do trabalho contribuiu para compreensão do papel da mulher na sociedade e as relações sociais de exploração do homem pelo homem. Para comunidade talvez tenha sido cansativo e um pouco fora do contexto.
4. Foi importante a contextualização histórica. Fez a gente se localizar no tempo e espaço e entender como chegamos aqui.
5. O dia de hoje foi fantástico, o tema e a forma muito didática, com que o conteúdo foi abordado, colaborou para o entendimento. É de suma importância essa articulação/reflexão do trabalho. Creio que é um dos melhores investimentos que a FAS fez.
6. Todo conteúdo tratado foi muito bom! Izabel foi uma ótima profissional, o conteúdo foi apresentado de forma muito clara. Espero que os temas sempre permeiem essa temática crítica e cidadã. Apenas local muito quente!
7. Eu gostei e quero saber mais.
8. Acredito que o encontro foi válido, porém pouco dinâmico quanto à participação dos servidores e comunidade. Talvez se tivéssemos mais trabalhos em grupo, a abstração ficaria melhor. No entanto, a palestrante foi ótima. Precisávamos de mais pessoas que explicassem a história como ela fez. Parabéns!
9. A aula foi boa, teve uma boa explicação, desenvolvimento da matéria, não tenho o que reclamar.
10. Gostei muito do conteúdo apresentado, avalio que a palestrante é ótima, consegui adquirir informações novas, muito bom.
11. O conteúdo explanado foi excelente, a assessora demonstrou domínio sobre o tema. Parabéns. O almoço estava delicioso. Tirando o calor da sala, estava tudo maravilhoso.
12. Criar (personalizar) uma avaliação; exemplo: questionário semiaberto. Assessoria foi muito boa, muito bem explicado. O tempo e recepção também foi bom. Muito bom. Parabéns!
13. Foi excelente a aula da professora Izabel. Estou muito satisfeita com a aula.
14. Esta etapa foi abordada pela professora de modo claro e objetivo, com bastante propriedade e conhecimento, com domínio do conteúdo e didática. Foi muito proveitoso como sempre.
15. Tema interessante e muito relevante. Conteúdo rico, conhecimento da Izabel nota mil. Gostaria de escutar tudo novamente. Parabéns!
16. Tema relevante para nosso trabalho, linguagem acessível, bem dinâmico. Foi ótima esta etapa. Alimentação muito boa. Única questão é o tempo, que é um curso longo, as pessoas acabam ficando cansadas e dispersando.
17. Palestrante domina o tema, fala acessível. Dia reflexivo, com bastante contribuição para todos.

18. Todo processo foi OK. Conteúdo esclarecedor de toda história. Obrigada pela dedicação.
19. Todo processo foi bom.
20. Adorei a explicação sobre o trabalho, aprendi muito. Foi ótimo, obrigada. A palestrante é clara nota 10.
21. Dia muito produtivo, professora ótima, conteúdo muito bem explicado.
22. Muito boa a contextualização da Izabel. Foi uma aula e tanto. Nota 10. O almoço estava ótimo.
23. Cansativo! Muita Teoria! O conteúdo é bom, porém não consegui entender a lógica de uma aula de história. Refeição ótima.
24. Boa, porém, muita informação para um dia só! A professora é ótima, porém, chega um momento em que as pessoas já não absorvem as informações de forma plena, devido ao cansaço.
25. Tema muito interessante, professora domina muito bem o tema. Sala muito quente.
26. Gostei do tema discutido. A palestrante apresentou um ótimo domínio de conhecimento. A atividade e o tema foi bem escolhido e desde já agradeço a oportunidade.
27. Tema desvelador. Assessoria: clara, didática, cheia de conteúdo, interessante. Refeição boa. Grupo ótimo. Penso que se pudesse ser mais participativo ficaria ainda melhor. Muito produtivo, grata pela construção.
28. Foi válido, importante entender a história do trabalho. A linguagem clara, e conteúdo relevante, porém, é muito conteúdo a ser distribuído em um dia.
29. Muito bom, obrigada.
30. Apresentação do conteúdo com visualização ficou clara, boa compreensão. Palestrante com conhecimento muito seguro. Para os profissionais/servidores de grande importância conhecer o histórico da nossa relação força de trabalho – salário – comunidade.
31. Eu gostei.
32. O tema sobre o desenvolvimento do ser humano é muito importante, pois muitas pessoas, baseiam-se pelo que vivemos hoje, e não, a luta, que houve, para podermos chegar, à forma de vida, que hoje possuímos, e vivemos.
33. A assessoria foi maravilhosa, muito competente e de fácil comunicação. O local para a próxima etapa será outro, buscaremos outra sala dentro do CRAS!
34. A palestra foi muito boa, a Izabel foi muito boa, nota 10, gostei muito da linha do tempo. Parabéns a toda equipe.



1ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, CRAS Uberaba, Cajuru, 08-03-2016

Concepção de homem e trabalho em Paulo Freire

“O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade.

[...]

Os contatos dos animais são acríticos. Não vão mais além da associação de imagens sensoriais através da experiência. São singulares e não plurais. Os animais não elaboram objetivos. Vivem ao nível da ‘imersão’; daí sua atemporalidade.

A possibilidade que têm os seres humanos de atuar sobre a realidade objetiva e de saber que atuam, de que resulta que a tomam como objeto de sua curiosidade, a sua comunicação mediatizada pela realidade, por meio de sua linguagem criadora, a pluralidade de respostas a um desafio singular, testemunham a criticidade que há nas relações entre eles e o mundo.

[...]

Esta dimensão crítica da consciência explica as finalidades de que as ações transformadoras dos seres humanos sobre o mundo estão impregnadas.

[...]

Há uma outra distinção fundamental entre as relações dos seres humanos com o mundo e os contatos dos animais com ele: *somente os seres humanos trabalham, em sentido rigoroso*. Ao cavalo, por exemplo, lhe falta o que é próprio aos seres humanos e a que Marx se refere no exemplo das abelhas: ‘ao final do processo de trabalho brota um resultado que antes de começar o processo já existia na mente do trabalhador, um resultado que tinha já uma existência real’. A ação que não tenha esta dimensão não é trabalho. Nos campos como no circo, o trabalho dos cavalos reflete o trabalho dos seres humanos. A ação é trabalho não por causa do maior ou menor esforço físico despendido nela pelo organismo que atua, mas por causa da consciência que o sujeito tem de seu próprio esforço, da possibilidade de programar a ação, de criar instrumentos com que melhor atue sobre o objeto, de ter finalidades, de antecipar resultados. Mais ainda, para que a ação seja trabalho, é preciso que dela resultem produtos significativos que, separando-se do produtor, se podem dar à sua reflexão crítica ao mesmo tempo em que o condicionam”. (FREIRE, 1982, p. 66-69)

O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização

Esta 2ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, assim como a 1ª relatada anteriormente, foi realizada nos três territórios priorizados, nas seguintes datas: 17/03/2016, CRAS Barigui, CIC, com 16 participantes; 22/03/2016, CRAS Uberaba, Cajuru, com 40 participantes; 29/03/2016, CRAS Santa Rita, Tatuquara, com 12 participantes.

Após acolhida, apresentação dos participantes e do assessor André Langer, passou-se a realizar uma dinâmica que serviu para introduzir o tema e também para quebrar o gelo. Trata-se da montagem de um quebra-cabeça, onde cada participante fica com um fragmento de uma figura, tentando descobrir o que é a totalidade – o elefante –, cuja chave interpretativa é fornecida pela reflexão de Eduardo Galeano: “*Três cegos estavam diante do elefante. Um deles apalpou a cauda do animal e disse: -É uma corda. Outro acariciou uma pata do elefante e opinou: - É uma coluna. O terceiro cego apoiou a mão no corpo do elefante e adivinhou: -É uma parede. Assim estamos cegos, cegos de nós, cegos do mundo. A cultura dominante, cultura de desvínculo, quebra a história passada como quebra a realidade presente; e proíbe que o quebra-cabeças seja armado*”.



2ª Oficina de Formação Política Cidadã para o Mundo Trabalho, CIC, 17-03-2016

No segundo momento da manhã, fez-se um breve resgate coletivo da primeira Oficina, situando o momento de transição do feudalismo para o capitalismo, quando a produção deixa de ser artesanal, onde os trabalhadores tinham controle sobre a totalidade do que estavam produzindo e passa a ser fabril, quando os trabalhadores estão restritos a uma pequena parcela de um produto.

De forma expositiva, mas sempre incentivando a participação de todos, com o recurso da linha do tempo, deu-se mais um passo de aproximação ao tema, priorizando o surgimento e as principais características do capitalismo a partir dos conceitos de “transformação” e “relações”, sempre com a finalidade de mostrar que o capitalismo não é apenas um modo de produção, mas determina todas as relações sociais; fato que, segundo André, a construção de resistências e possíveis alternativas precisam ter presente. É neste período que surge o conceito de indivíduo, que significa único, indivisível, singular, diferente do outro, sem necessidade de se relacionar para ser/existir, levando à exacerbação do individualismo.

Ainda antes do almoço, foi feito um trabalho em grupos para relacionar as reflexões com a experiência e atuação dos presentes. No plenário, além da partilha, houve espaço para aprofundar um ou outro aspecto, como o surgimento dos sindicatos operários, com base na organização fordista das fábricas – produção em massa para uma sociedade de consumo de massas.

André destaca o surgimento do toyotismo com a introdução da robótica e da informatização na produção, substituindo postos de trabalho e enxugando o número de trabalhadores nas indústrias, de forma drástica. A flexibilização da produção e o fim da produção em série. O enfraquecimento dos sindicatos operários, a terceirização e a precarização do trabalho. A extenuação dos recursos naturais e a conseqüente crise ecológica¹⁸.

Após o almoço, assistiu-se a uma parte do filme ‘Tempos Modernos’, de Charles Chaplin, com vistas a visualizar aspectos do trabalho no capitalismo industrial, repetitivo e fragmentado, controlado e extenuante. Um processo de trabalho dividido que só foi possível pela simplificação, parcelização e fragmentação de tarefas. “Em outras palavras: seria impossível inventar uma máquina que fizesse um sapato inteiro (como um artesão é capaz de fazer). Mas, com a divisão do trabalho, já não era tão difícil inventar uma máquina que cortasse a sola, outra que costurasse uma borda, outra que fixasse, outra que desse polimento, e assim por diante. (CEPIS, citado por MACHADO, MARCHI e SOUZA, 2006, p. 25).

Na sequência, um novo trabalho em grupos foi feito para estudo do texto “O Trabalho no capitalismo: alienação e desumanização”, produzido pelo CEFURIA. O debate decorrente ocorreu em torno das provocações feitas pelo filme, pelo conteúdo do texto estudado e pelas experiências pessoais dos participantes.

18 Ver “Home”, documentário lançado em 2009, produzido pelo jornalista, fotógrafo e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand. O filme é inteiramente composto de imagens aéreas de vários lugares da Terra. Mostra-nos a diversidade da vida no planeta e como a humanidade está ameaçando o equilíbrio ecológico. Disponível in <https://www.youtube.com/watch?v=jqxENMKaeCU>. Acesso em 02/11/2016.



2ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, Cajuru, 22-03-2016

“É importante lembrar que o capital acumulado na Inglaterra, onde ocorreu a revolução industrial, e outros países ricos, foi fruto do saque de ouro e pedras preciosas, acompanhado do extermínio de grande quantidade de povos indígenas e da devastação da América Latina. A divisão internacional do trabalho imposta pelos países ricos, está marcada a ferro e fogo desde esta época. Com a riqueza acumulada, os burgueses puderam dar um passo fundamental na mudança do feudalismo para o capitalismo, a implantação das manufaturas. Com as manufaturas inicia-se a expropriação do saber dos artesãos e a divisão do trabalho entre quem projeta e quem executa a produção de uma mercadoria. O trabalhador perde definitivamente (pelo menos até os dias de hoje) o controle sobre o que produzir, como, quando e para quem produzir. Este controle passa a ser gerido pelo capitalista e seus quadros de confiança (supervisores, gerentes, administradores, engenheiros, etc.)”. (MACHADO, MARCHI e SOUZA, 2006, p. 13-14).

Avaliação 2ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – CIC

1. Foi muito importante o dia de hoje. Importante estar com a equipe.
2. Foi muito importante.
3. Foi bom.
4. Continuidade do despertar!! A oficina atendeu a expectativa e a condução foi leve embora provocativa.
5. Momentos como este nos faz refletir e pensar nas pequenas coisas. Palavra: Reflexão.
6. A oficina foi interessante, produtiva e reflexiva. O contato com membros da comunidade valorizou esse momento. Acredito que o desenvolvimento das temáticas e a colaboração da população, que traz a realidade, enriquecerá o trabalho que a FAS planeja desenvolver.
7. Achei que o André tratou do assunto com muita propriedade. Foi uma oficina muito interessante e, com certeza, saio daqui com a sensação de que temos muitas lutas pela frente. Obrigada.
8. Mais um ótimo dia de reflexão e aprendizado. Com a participação dos usuários presentes fica claro que ainda temos um longo caminho de aprendizado da metodologia.
9. Foi bom e o almoço tava muito bom demais.
10. Muito bom, principalmente com a participação das famílias.

11. Foi um dia bastante agradável. O André conduziu o processo de uma maneira muito dinâmica e clara. O filme foi muito bom para lançar a discussão. Achei a cartilha muito sintética.
12. No início da manhã estava bastante “massante”, fiquei preocupada principalmente com as mulheres moradoras da comunidade, mas durante a atividade em grupos elas interagiram e acredito que tenha sido proveitoso.
13. Dinâmica de trabalho popular adaptável aos participantes. Instrutor ÓTIMO. Parabéns.
14. Adorei, continuem sempre assim, convidando a gente para participar. Não fiquei sabendo do primeiro encontro, teria participado [fala de uma moradora da comunidade].

Avaliação 2ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – Cajuru

1. Esta etapa vem provocar a reflexão, nos retirar do locus prático e promover o locus pensante sobre o nosso trabalho e a nossa vida.
2. Excelente formação e momento histórico. Importante também é indicar mecanismo ao combate deste sistema. Temos a economia solidaria e quais outros movimentos?
3. Dia foi produtivo em relação ao conteúdo; na espera da continuidade e da aplicação desses conceitos na prática. Como acontecerão os fechamentos e o plano metodológico na formação dos grupos.
4. O conteúdo foi muito produtivo e bem aplicado. Questão de organização foi boa, pontual e clara, muito bem organizada.
5. Ótimo conteúdo; excelente palestrante; altíssimo nível de conhecimento. Agradeço a oportunidade pelo espaço de formação.
6. Metodologia de trabalho foi bem produtiva. O professor trouxe a temática com bastante dinâmica, e discussão. Parabéns.
7. Aula muito boa, bem explicada, conteúdo muito bom. Não tenho nenhuma reclamação.
8. Nesta fase foi bem importante essas discussões, pois nossa vivência diária é relacionada ao trabalho. Conteúdo bem explicado com boas reflexões. Local foi ótimo, o tempo foi distribuído entre as atividades.
9. Palestra tranquila e esclarecedora, auxiliando na formação de “pensadores”; questionou conceitos e trouxe reflexão. PS: Só faltou um lanche às 10h30.
10. Trabalho no capitalismo – André – Conhecimento, reciclagem – sugestão de ampliação deste módulo para demais servidores. Assessor excelente.
11. Excelente! Parabéns ao André, conhecimento, didática e linguagem acessível e ao mesmo tempo ampla. Isso certamente é uma grande oportunidade de formação político cidadã.
12. Dia gratificante, nos faz lembrar o porque estamos nesta caminhada.
13. Foi bem interessante também o filme, abriu bem minha cabeça. André foi ótimo palestrante. Obrigada.
14. Excelentes reflexões, para o nosso dia a dia, professor com clareza e conhecimento. Sala ventilada e bom tamanho.
15. Eu quero saber mais.
16. Professor André, o dia de hoje foi bastante claro, porém, com um conteúdo bastante denso. A metodologia foi eficaz, pois, provocou a participação de todos inclusive os usuários da assistência que, com toda sua bagagem de vida e simplicidade, abordaram temas muito importantes no e para o convívio social.
16. Gostei muito do professor e do assunto. Os temas foram bem divididos e pudemos aprender muito sobre o trabalho e como se deu sua evolução.
17. A temática apresentada foi de extrema relevância para o nosso trabalho, como destaque, ótima apresentação do tema do professor André.

18. Tema pertinente para o trabalho social com famílias. Sugiro que tal iniciativa tão inédita fosse ministrada a todos os servidores, principalmente aos novos quando adentram para o trabalho e para os muito antigos que carecem de atualizações. Pois, é assunto importantíssimo para desconstrução de preconceitos e qualificação para o atendimento à população.
19. Esse dia de formação com o tema “O trabalho no capitalismo (Alienação e Desumanização)” foi muito bom para refletirmos sobre a exploração do trabalho e as questões que permeiam nosso cotidiano como trabalhadores.
20. Tema de extrema relevância. Discurso esclarecedor e didático pelo André. Provocou reflexão, não somente no âmbito do trabalho mas acima de tudo trouxe reflexão para a vida, por uma ótica em torno da totalidade.
21. Obrigada pela dedicação em seus conhecimentos e de compartilhá-los conosco. Foi uma ótima tarde com muitas informações necessárias para formação política. Obrigada a toda Equipe!
22. Muito bom tema e debates.
23. Achei muito produtivo e esclarecedor; acho que poderíamos receber certificado para que não esqueçamos deste momento único.
24. O conteúdo abordado foi de extrema relevância para a formação profissional de todos os trabalhadores, e, com certeza, contribui para a compreensão do sistema do qual fazemos parte. Parabéns ao assessor André.
25. A formação política na fala do Sr. André foi de grande relevância, pontos para avaliar a postura do profissional e institucional.
26. Para mim foi muito importante, levou à reflexão. O palestrante André falou com propriedade.
27. Parabéns ao CEFURIA e ao professor André, pelo conteúdo de hoje; muito bom, reflexivo.
28. Pouco tempo para que o Sr. André expusesse a temática. Esse tema é amplo e precisa ser mais discutido, para que nossa “formação” venha a provocar a mudança: 1) Em nós; 2) Na sociedade, nas relações que estabelecemos em todas as instâncias: família, trabalho, grupos etc.
29. Muito bom.
30. A temática relacionada ao trabalho promove uma discussão válida para o trabalho social. A capacitação para economia popular solidária é de grande valia, visto que impacta no resultado do trabalho com a população. A desconstrução de conceitos ultrapassados é uma das maiores contribuições para nós profissionais que precisamos nos policiar para atendermos a população da melhor maneira.
31. Assuntos complexos, contudo, muito bem explorado e com clareza. Primeira e segunda etapa muito bom.
32. Explanação muito boa; tema de total relevância; apenas os exemplos (das funcionárias) muito distantes da nossa realidade FAS – PMC. Gostaria que os facilitadores estimulassem a ponte do conteúdo com a “nossa” realidade: O serviço público. Em suma: excelente. Obrigada.
33. Os assuntos tratados hoje, embora complexos, foram muito bem conduzidos e esclarecidos. Muito bom mesmo.
34. Conteúdo pertinente à vida em comunidade, pessoal e profissional. É importante ocorrer estes momentos de formação.

“Avaliar não é um exercício para magoar as feridas, nem mesmo para ir à caça dos culpados. É um exame apurado para descobrir os pontos fracos e colocar peças que funcionem. É uma parada para um reabastecimento e um impulso para um salto maior. É um processo de reanimação, de aperfeiçoamento e de reorganização das responsabilidades.”
(Equipe do CEPIS)



2ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho, Tatuquara, 29/03/2016

Economia Popular Solidária: um novo mundo em construção

Conforme quadro anterior, esta Oficina completa o terceiro momento do processo de Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho, de que estamos tratando neste livro.

Ela constitui-se num dos momentos de ANÚNCIO, conforme se refere a metodologia freireana. Em que sentido? Acreditamos que, através da EPS, estamos contribuindo para a construção da humanização, como resposta ao reconhecimento da desumanização a que tantas famílias e comunidades estão submetidas (DENÚNCIA).

Ela se realizou em 31/03/2016, no CRAS Barigui, CIC, com a presença de 18 pessoas; em 05/04/2016, no CRAS Uberaba, Cajuru, com 41 participantes e, no dia 07/04/2016, no CRAS Santa Rita, Tatuquara, com a presença de 12 pessoas. As equipes da FAS, constituíram a maior parte dos(as) participantes, mas tivemos também a participação de lideranças comunitárias, ainda que em pequeno número. Convidar os sujeitos do trabalho social a estarem juntos com os(as) técnicos(as) em processos formativos para pensar as práticas desenvolvidas, é fundamental. É nesta aproximação, como iguais, que se fortalece o diálogo, os vínculos, a confiança mútua.

Nas duas últimas oficinas desenvolvidas neste Projeto, vimos como a humanidade foi se construindo através do trabalho, atividade humana vital, mas que sob controle das elites dominantes de cada época, o trabalho se constituiu fator de desumanização, enquanto escravidão, servidão e “trabalho livre”, alienado, destinado à acumulação de capital. Se as políticas públicas centrarem suas ações apenas no “encaminhamento” de jovens e adultos para o “mercado de trabalho”, estamos trabalhando no sentido da alienação e não da emancipação.

Como anúncio de uma outra economia para um outro mundo possível, a Economia Popular Solidária (EPS) vai beber na fonte do que há de humano em cada um dos momentos históricos passados e na experiência de resistência, luta e criação dos trabalhadores e trabalhadoras. Este aprendizado de “experiência feito” vai contribuir para que as equipes da FAS junto às comunidades, encontrem saídas coletivas para a realização de um trabalho autogestionário.

A foto a seguir, cujos símbolos foram construídos durante o encontro no CRAS Barigui, CIC, sob a assessoria de Antonio Bez e Gisele Carneiro, explicita dois modelos completamente distintos de economia, que se consubstanciam em DENÚNCIA e em ANÚNCIO. Um piramidal, autoritário, excludente, fundado na busca do lucro – o capitalista. Outro circular, horizontal, democrático, cujo centro é a vida – a Economia Popular Solidária (EPS).



Com algumas variações, a metodologia utilizada nesta 3ª Oficina destinada à reflexão sobre o Mundo do Trabalho, seguiu mais ou menos os mesmos passos nos três territórios onde se realizou. A mística inicial propôs a introdução ao tema, a partir da reflexão da música “Todo Cambia”, de Mercedes Sosa:

Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo

Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Cambia el más fino brillante
De mano en mano su brillo
Cambia el nido el pajarillo
Cambia el sentir un amante

Cambia el rumbo el caminante
Aunque esto le cause daño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Cambia el sol en su carrera
Cuando la noche subsiste
Cambia la planta y se viste
De verde en la primavera
Cambia el pelaje la fiera
Cambia el cabello el anciano
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño

Pero no cambia mi amor
Por más lejo que me encuentre
Ni el recuerdo ni el dolor
De mi pueblo y de mi gente

Lo que cambió ayer
Tendrá que cambiar mañana
Así como cambio yo
En esta tierra lejana

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Pero no cambia mi amor

A partir da música, como dinâmica de apresentação e reflexão inicial, Gisele propôs que cada participante escrevesse em tarjetas diferentes, o que “não está bom na sociedade” e “o que precisa mudar na sociedade para que fique bom”. Estas tarjetas foram dispostas no centro da roda, integrando o processo de reflexão que se desenvolveu em todo o encontro.

Após a apresentação, Antonio propôs um resgate coletivo do encontro passado, solicitando que as pessoas dissessem o que se lembravam do tema “trabalho no capitalismo”; e esclarece que nesta oficina, a participação de todos(as) os(as) presentes é imprescindível.

Em seguida, os(as) participantes escreveram em três tarjetas diferentes, o que entendiam por economia, economia capitalista e economia solidária. Antonio ia dispondo as tarjetas no chão em forma vertical (economia), pirâmide (economia capitalista) e circular (economia solidária). Quando fez as problematizações a respeito da produção, distribuição e consumo de bens e serviços, os integrantes do curso se envolveram e participaram ativamente.

O assessor conduziu o diálogo levando à compreensão sobre questões relativas ao dia a dia das pessoas, como por exemplo: a produção de transgênicos, que tem como objetivo o monopólio das sementes; o uso de agrotóxicos na alimentação, a criação de animais em condições não naturais. E as consequências destas formas de produção que chegam a toda a população, sob a forma de stress, doenças diversas, a perda do controle das sementes. Tudo isso, para manter e aumentar os padrões de acumulação do sistema capitalista, representado na pirâmide por 62 grandes corporações que dominam a produção e distribuição e que têm como objetivo o lucro. A palavra “lucro” foi escrita numa tarjeta e colocada no centro da pirâmide capitalista, que estava disposta no chão. No círculo disposto ao lado da pirâmide, foi escrita a palavra “vida”.

O próximo momento foi a dinâmica da partilha do pão, quando a turma foi dividida conforme a distribuição de riqueza no mundo. Dois participantes – um homem e uma mulher receberam 84 pedaços de pão, quatro pessoas receberam 13 pedaços de pão e os demais receberam apenas três pedaços. As pessoas se divertiam e ao mesmo tempo se sentiam incomodadas com a situação. Os que seguravam o prato repleto se constrangiam. Ninguém ficou impassível.

Antonio fez várias provocações e problematizações, como: quem está com a maior quantidade? Por quê? Quem são? E os que quase nada detêm? Quem são? Por quê? A divisão da sociedade em classes foi ficando mais clara, e junto com a divisão de classes surgiu o machismo, o racismo, o preconceito, a ideia da meritocracia.

Em seguida, foi feito um pequeno intervalo. Os participantes estavam bastante envolvidos em todo o processo, e a equipe achou necessário interromper um pouco antes de entrar na próxima etapa. No retorno do intervalo, foi momento de vídeo de quatro minutos, com uma animação que denunciava a destruição do planeta¹⁹. Desenvolvimento sustentável era um dos princípios da economia solidária, tema que seria tratado na sequência.



3ª Oficina de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho – CRAS Barigui, CIC – 31/03/2016

19 Animação, de Steve Cutts, “Man”, in <https://www.youtube.com/watch?v=J2h5ocPRD84&t=4s>. Acesso em 03/11/16.

Gisele iniciou este momento apresentando os slides contendo a temática da economia solidária. Esta apresentação foi menos dinâmica do que os momentos anteriores, e houve pouca participação da turma. O conteúdo versou sobre a resistência histórica ao modo de produção capitalista, a economia solidária atualmente – como acontece, dados numéricos sobre números de empreendimentos e de participantes a partir do mapeamento que houve no Brasil.



3ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – CRAS Santa Rita, Tatuquara – 07/04/2016

Após esta apresentação, foi apresentado o vídeo “A história das coisas²⁰”, que tem estreita relação com toda a temática trabalhada no dia: produção, distribuição e consumo de bens e serviços – e no final, este vídeo aponta sinais de resistência, de experiências inovadoras, que questionam a destruição sistemática do Planeta e propõem outra forma de economia. Após o vídeo, houve um momento de debate.

O período da tarde foi destinado ao trabalho em grupo, para leitura do texto “Economia Popular Solidária: que mundo estamos construindo?” Houve quatro grupos e quatro temas diferentes. O momento da socialização dos grupos foi bastante rico. As equipes demonstraram um bom poder de síntese, apresentaram os conteúdos com propriedade e lançaram questões que foram refletidas em conjunto. Os temas versaram sobre Clubes de Troca, Redes de Colaboração Solidária, Assistencialismo, a resistência ao capitalismo.

Importante destaque deste encontro foi o diálogo desencadeado a partir da leitura do texto. Os participantes conseguiram correlacionar a teoria e toda a vivência do dia de formação, com a sua prática no dia a dia, com os usuários do CRAS. O debate girou em torno do projeto ético-político do Serviço Social, do compromisso com o usuário, dilemas relacionados à concessão de benefícios eventuais, dilemas relativos à profissão do assistente social. Foi bastante produtivo este momento, pois possibilitou troca de ideias e de experiências sobre o trabalho realizado por participantes do encontro junto à população que frequenta o CRAS.

Destaque importante também foi a curiosidade demonstrada com relação às experiências de economia solidária acompanhadas pelo CEFURIA, em especial o Clube de Troca, que gerou inquietações relacionadas à moeda social, a dinâmica dos encontros, dentre outros.

No momento final, em círculo, os participantes pronunciaram uma palavra para expressar o significado do dia de estudo e a maioria das falas teve relação com “despertar”, “ruptura”, “mudança”. O que significa que o encontro proporcionou novos conhecimentos e provavelmente, a superação de senso comum relacionado aos vários aspectos que foram abordados.

20 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=3c88_ZOFF4k. Acesso em 03/11/2016.



3ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – CRAS Uberaba, Cajuru– 05/04/2016

Avaliação 3ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – Cajuru

1. Muito bom! Tudo foi providencial para nosso trabalho! Parabéns à FAS. Parabéns ao CEFURIA pelos três encontros.
2. Excelente capacitação, muito bom para reflexão do nosso cotidiano e motivação para uma mudança de paradigma. Deveríamos sempre ser estimulados e refletir sobre o nosso dia a dia, pois isso provoca a mudança. Participei de todas as etapas da capacitação, e penso que é/foi muito relevante não só para o trabalho, mas também para vida.
3. Essa formação, não é de maneira nenhuma, pagamento de uma capacitação; trata-se de um investimento. Hoje podemos repensar a trajetória e a possibilidade de mudança. A didática do Sr. Antônio é maravilhosa. Quero discutir mais, refletir muito mais e aplicar.
4. Esta etapa como todas as outras foi de reflexão, de aprimoramento na busca da vivência/aplicação de alguns momentos na comunidade. Até mesmo rever alguns conceitos internos. O conteúdo foi muito bem exposto, com competência e comprometimento dos professores. Todo servidor que trabalha na assistência deveria ter acesso a este tipo de capacitação. Parabenizo a equipe do CEFURIA!!
5. Antônio e Gisele, muito bom o encontro, causou diferentes sentimentos e questionamentos. Foram momentos importantes de reflexão, que seja utilizado no nosso dia a dia, em nossa vida. Todos os três encontros foram de grande relevância para o trabalho social e para nossa vida. Linguagens simples e coerentes à realidade tanto para trabalhadores sociais como para comunidade. Todos os temas de muita relevância.
6. Gostei do curso: a primeira parte foi muito esclarecedora. A segunda deprimente, pois foi um balde de água fria. E no terceiro foi mais legal, pois mostrou coisas que eu não conhecia e que ainda há esperança. Obrigada pela oportunidade.
7. Gostaria de exprimir alguns sentimentos que vivi durante o curso. Inquietação – reflexão – angústia – solidariedade – emoção – carinho – frustração e esperança. E neste mar de sentimentos confusos espero poder trabalhar um pouco do muito que vivi aqui! Um abraço a todos.

8. A formação foi de alta qualidade, os profissionais dos três momentos demonstraram grande conhecimento e qualificação, sobretudo uma postura verdadeira e motivadora. De modo particular as informações e conceitos tocaram-me profundamente, esclarecendo questões e me ajudando o começar me livrar de preconceitos para estar mais apta a oferecer um melhor atendimento à população.
9. Este trabalho é de suma importância para reflexão do cotidiano e das nossas vidas.
10. Espetacular. O encontro de hoje foi muito bom, conteúdo claro, simples e bem explicado. Para vida pessoal e profissional de grande relevância. Desafiador, por estarmos na lógica do capital, com comportamentos engessados, contudo, uma possibilidade de mudança, de esperança em pensar que pode ser feito de outra forma e reflexão a todo instante a fim de não reforçar o que está posto.
11. Bem educativo.
12. Eu gostei, mas preciso saber mais, não entendo muito das palavras; mas foi bom.
13. Muita gratidão pelo conhecimento compartilhado. Metodologia ótima, acessível a todos os públicos a fim de que a compressão seja completa por todos os participantes. Os três encontros foram práticos e propiciou ótimo aproveitamento. Como sugestão, é necessário que TODOS os servidores sejam alcançados, pois qualificaria o trabalho, uma vez que compreendam a relevância do trabalho social.
14. Ótimo. Todas as etapas e conteúdos trabalhados atingiram o objetivo esperado. Processo dinâmico e importante do processo, sempre intercalando com o conteúdo e aumento da participação do grupo.
15. Que investimento bem aplicado! Agradeço a todos, por nos trazer todo esse conhecimento. Muito obrigada. A história do trabalho – maravilhosa a linha do tempo. A história do capitalismo – a princípio esclarecedor da nossa cultura atual. A história da economia solidária – a perspectiva da solução – amei. Muito relevante.
16. Tema relevante para transformar a maneira de pensar e agir. Metodologia de fácil compreensão; muito boa. Agora é usar o conhecimento das oficinas, para trabalhar na Política de Assistência Social.
17. Achei bastante produtiva, vou pesquisar e aprofundar meus conhecimentos; tenho certeza que haverá mudança em minha maneira de encarar o trabalho e a economia solidária.
18. Relembrar... Os encontros foram bons, proporcionaram momentos de muita reflexão.
19. Agradeço à equipe pelo conhecimento adquirido junto com todos, amizades e desenvolvimentos. Obrigada.
20. Dia muito proveitoso e provocativo. Antônio repassou conteúdos com muita clareza, às pessoas da comunidade conseguiram acompanhar e participar.
21. Bem educativo.
22. O encontro de hoje nos remeteu a uma reflexão sobre o tema economia, como está presente no nosso trabalho em nossas vidas e pensar como podemos fazer diferente no nosso trabalho e na nossa vida.
23. O conteúdo foi de grande relevância, pois proporcionou reflexões acerca de todos os assuntos, principalmente em relação ao modo de produção capitalista e de qual é o nosso lugar nesse processo.
24. Encontro de hoje de uma grande reflexão ao trabalho – que é possível transmitir às famílias/comunidade para sua autonomia/empoderamento.
25. Ótimas dinâmicas, conteúdo importante e esclarecedor, de conscientização para o trabalho com comunidades. Despertar para um novo formato de economia.
26. As oficinas permitiram visão crítica da realidade social, em linguagem acessível, profissionais maravilhosos, cheios de conteúdos. Tenho mais conhecimento e mais esperança. Sugiro que nas oficinas da linha do tempo/história social do trabalho possa ter mais um momento vivencial como na de hoje.

27. Venho agradecer profundamente, todo esforço e trabalho de excelência da equipe do CEFURIA. Obrigada. Oficina do dia de hoje foi sim, para mim, assustadora ao saber sobre a desigualdade no país, manipulação da mídia e organização, de forma que possa nos fazer pensar da forma que o sistema quer! Muito obrigada, por abrir meus horizontes e me fazer pensar!
28. O tema foi de extrema importância, pois é necessário pensarmos em novas formas de organização popular e relações sociais que realmente sejam voltadas para a humanização de pessoas. Excelente iniciativa de todos os envolvidos. Imprescindível construir novas frentes no universo do trabalho. Embora estejamos permeados pela cultura e modo capitalista, novos horizontes ainda são possíveis. Obrigado pelo convite. Reafirmou posições.
29. Gostei muito dos encontros, do conteúdo e professores. Capacitação excelente para que possamos refletir e mudar nossa forma de pensar e agir. Muito motivador para o nosso trabalho.
30. O dia foi muito agradável, os assessores foram ótimos e o conteúdo trazido de extrema importância, para entender e compreender o sistema capitalista no qual estamos inseridos. Parabéns à equipe do CEFURIA.
31. Os fatos apresentados trouxeram precauções e reflexão para mudança de atividade e prática.
32. Curso de hoje foi muito proveitoso; provocou muitas reflexões, principalmente pessoais; proporcionou a mudança de comportamento em relação às coisas e às pessoas; nos fez perceber a importância de cada etapa do processo de produção e qual o impacto em nossa vida em sociedade.
33. Todos os encontros foram muito bons. Este de hoje foi muito melhor, esclarecedor, objetivo, dinâmico. Ampliou muito o conhecimento, aplicabilidade na vida pessoal/profissional. Foi muito bom, Obrigado!!

Avaliação 3ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – CIC

1. A dinâmica foi bem oportuna pois foi um caminhar para nos sensibilizar para a perspectiva de uma outra forma de economia, não se restringindo apenas às questões financeiras, mas abarcando outras formas de se relacionar com o outro (seja humano ou não/natureza), onde o respeito e a reciprocidade têm lugar. Diante de um contexto tão adverso (economia capitalista), poder compreender que a mudança começa em nós mesmos, dá esperança para a construção de uma realidade mais justa e solidária.
2. Foi a melhor oficina da etapa! O conteúdo e linguagem muito acessível, o processo de reflexão, com certeza, mudou minha visão e meu comportamento. As dinâmicas foram fundamentais para entender o sistema em que estamos inseridos e quais as formas para mudanças. Comecei a ter ideia para estruturar um trabalho com as comunidades a partir da metodologia. Parabéns!
3. Eu gostei bastante do dia, das palestras, dos facilitadores e da dinâmica das atividades. Estão todos de PARABÉNS! Linguagem acessível e bem didático o encontro.
4. Dinâmica de trabalho boa, linguagem clara e objetiva. Desperta a pensar e refletir. Tempo bem administrado e as tarefas bem ministradas e objetivas. Organização do local e do almoço muito bom também. Obrigada.
5. Ótimo encontro, facilitadores abordaram o tema com muita propriedade. Antônio é ótimo (expôs com simplicidade, vontade e amor). Envolver pessoas da comunidade foi muito bom; não tem como ser diferente. Parabéns!
6. Assim como as demais oficinas, foi um momento importante de reflexão. É muito importante que estejamos tendo esse momento dentro da Prefeitura. É a oportunidade de identificarmos algumas contradições e nossas ações. A condução das atividades foi ótima, profissionais capacitados. Achei a cartilha deficiente em alguns aspectos.

7. Muito construtivo, momento de reflexão e reviver nossas posições. Linguagem acessível, aberta e dinâmica. Místicas bacanas, tarjetas coloridas, destacando, fazendo a diferenciação de cada momento. Momento rico de aprendizados. Que venham muitos outros projetos como este, que possa ser para mais pessoas.
8. Mais um dia sensacional!!! Ainda penso na aplicabilidade das oficinas para a população. A falta dessa vivência por conta de termos apenas duas participantes me deixa um tanto angustiada, embora as dinâmicas utilizadas hoje tenham cumprido o papel de ilustrar qual o funcionamento de lógicas que nem sempre são tão óbvias ao nosso público.
9. Foi muito bacana as conversas e o que foi escrito sobre o lucro, economia solidária e sobre a vida. Acho muito importante saber essas coisas. Achei a metodologia bem dinâmica; nos possibilitou uma ativa participação. Os facilitadores tinham conhecimento do tema tratado e conseguiram, de forma muito didática, nos transmitir o conteúdo. Saio bem satisfeita e com muitas reflexões por fazer.
11. Foi muito produtivo para romper com a visão de mundo alienador. Analisar que o sistema nos consome, e dá ênfase à desigualdade. Gostaria de conhecer mais sobre a temática Economia Solidária, e como construí-la ou inseri-la nas comunidades que possuem interesse. Parabéns pelo trabalho e metodologia.

Avaliação 3ª Oficina de Formação para o Mundo do Trabalho – Tatuquara

1. Avaliando como um todo percebi o tema extremamente importante para aprofundar nossa visão de mundo e acreditar que a mudança é possível. Necessidade de mais encontros como estes para todos os servidores e ir mais a fundo na comunidade que muitas vezes não tem tempo para parar e pensar na perversidade do sistema em que vivemos e acaba se culpabilizando pelas dificuldades que encontra e vive.
2. De fato esta oficina deveria acontecer antes da 1ª etapa com Gouveia.
3. Foi de muito aprendizado de esclarecimento, e novos horizontes.
4. Encontro de hoje tão claro quanto os outros. O projeto todo até aqui é interessante. Concordo que seria melhor se as palestras com o Gouvêa fossem agora, depois destas oficinas. Penso também que deveria ter mais representantes dos usuários conosco. Penso ainda que todos os servidores dos CRAS deveriam participar do projeto.
5. Obrigada pela oportunidade rara de descansar do corre/corre que inventamos, para saborear a trajetória construída. Nos dois encontros que participei fui sendo resgatada em mim mesma, nas escolhas que fizeram sentido e significado em viver, realizar, aprender. Chegar ao Tatuquara para priorizar o que não pode ou não foi tão priorizado é a nossa missão, acordar, tocar, chamar, fazer e seguir o que puder mexer e remexer, para fazer conhecer o novo para o território Bela Vista.
6. Classifico como excelente as oficinas. Provocaram reflexão e entendimento no nosso momento, bem como “acordou” para uma tomada de consciência, visando mudar atitudes e comportamentos.
7. Penso que o momento que tivemos no início com o Gouveia, despertou para estas oficinas de agora. Não acho que deveria ser após as oficinas. Mas, acho que neste momento, em que recebemos estes conteúdos, poderíamos ter mais oficinas com ele, creio que seria muito produtivo. Quanto às três oficinas foram de suma importância, aprendi muiiiiito. Percebe-se que os FACILITADORES são de uma competência IMPAR; não perdi a atenção em momento algum. Dá vontade de estudar mais, são ótimas. “Quanta competência! Parabéns e muito obrigada por me fazer novamente acreditar” que “é possível”. Conheci a metodologia anos atrás e sempre quis que viesse para nós, e veio. Parabéns, equipe, facilitadores.

8. 29/03 – manhã – gosto muito de história, para mim ficou meio repetitivo, pois já tinha sido trabalhado no meu próprio curso sobre a história do trabalho, achei muito detalhado. 07/04 – manhã e tarde – gostei muito da metodologia utilizada levando em consideração nosso conhecimento prévio. Fez-me refletir sobre a capacidade de multiplicar esse conhecimento e verificar como o consumismo exacerbado, manipulação da mídia, faz parte do contexto de outra forma de economia. Rever a economia solidária, como uma excelente alternativa, que precisa ser reforçada, foi importante.

4. Encontros de Vivência e Troca de Experiência

Este, se constituiu no quarto momento do Projeto, e seu objetivo foi apresentar às equipes da FAS e às lideranças comunitárias, que haviam participado até então de todo o processo, algumas experiências de empreendimentos econômico-solidários, que servissem de exemplo para possível implementação nos territórios priorizados. Além disso, seriam momentos privilegiados de troca de experiências e aprendizados mútuos.

Originalmente, o projeto previa que durante o processo de realização das escutas nas comunidades, previstas na Oficina Freireana, as equipes dos CRAS priorizados, junto com a coordenação do Projeto, identificariam alguns moradores e moradoras dos territórios, como possíveis “empreendedores(as) solidários(as)”. Estes participariam junto com os(as) técnicos(as), das Oficinas de Formação Político Cidadã para o Mundo do Trabalho. Seria então, um processo de preparação e identificação de potencialidades, para a organização de alguns grupos de trabalho coletivo a serem implantados nos territórios. Isto, entretanto, não se realizou da forma prevista, em função de questões conjunturais dos próprios serviços, como mudança na composição das equipes, separação das regionais Pinheirinho e Tatuquara, entre outras.

De qualquer forma, os intercâmbios constituíram-se momentos importantes no processo como um todo. É o que passamos a relatar a seguir.

VISITA AOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICO-SOLIDÁRIOS		
Data	Local	Nº de Participantes
24/05/2016	Padaria Comunitária Nova Semente, Jardim Roma, Almirante Tamandaré	27
15/06/2016	Cooperativa de Catadores Projeto Mutirão (Bairro Novo) e Padaria Comunitária Vitória (Sítio Cercado)	21
30/06/2016	Escola Latino Americana de Agroecologia e Cooperativa de Agroecologia do Assentamento Contestado, na Lapa	38

Padaria Comunitária Nova Semente, Jardim Roma, Almirante Tamandaré

O primeiro intercâmbio ocorreu na Padaria Comunitária Nova Semente instalada na Sede da Associação dos Moradores do Jardim Roma, em Almirante Tamandaré. Entre os participantes estavam os servidores da FAS, usuários dos serviços do CRAS, moradores dos territórios priorizados, membros da Associação dos Moradores, Clube de troca e Padaria Nova Semente. Os visitantes estavam em 24 pessoas (CRAS Barigui, CRAS Santa Rita e CRAS Acrópole) entre eles moradores e servidores dos equipamentos nestes territórios.

Fernanda, coordenadora do Projeto, inicia o encontro falando sobre os objetivos da visita.

A Sra. Terezinha começa sua apresentação, falando que mora na região há 30 anos, participa da associação de moradores há anos e, atualmente, trabalha duas vezes por semana na Padaria Comunitária fazendo os pães, mais dois dias nas feiras da região para vendê-los. Fala da mudança que houve na participação da comunidade na associação há tempos atrás e diz que atualmente não tem tido muita participação. Acha que as pessoas só participam de algo quando ganham alguma coisa e, naquele espaço, isso não acontece [não tem doação]. Os grupos das mulheres que trabalham na padaria, não trabalham para ficar ricas e sim para ter uma atividade que tenha seu dinheiro. Mas é um espaço para amizade e tempo para fazer os afazeres da vida, porque uma atividade não pode ser maior do que as outras.

Em seguida, a Sra. Leonir falou que trabalha atualmente na Padaria. É um espaço que gosta muito e não tem a intenção de muito dinheiro, porque o dinheiro não é o mais importante. Ela também participa do Clube de Troca uma vez por mês; diz que esses espaços são muito importantes devido ser espaço para ter amizade com outras pessoas.

Izabel, moradora da regional do CRAS Santa Rita, pergunta qual tem sido o trabalho da Pastoral da Criança na associação, pois quando entrou ali viu que estava escrito na placa, a identificação da Pastoral. Terezinha diz que atualmente não se tem nenhum trabalho específico da pastoral, pois acredita que com os afazeres diários, as pessoas não desejam mais trabalhar em algo que não recebam algum dinheiro, porém, no passado, era feito até sopão para as famílias atendidas. O grupo que trabalhava nesta atividade avaliou que as pessoas estavam muito “acomodadas” e resolveram acabar com a comida.

Izabel relata que a realidade onde mora no Tatuquara é bem parecida, pois não se tem muitas pessoas comprometidas com o trabalho, sendo que lá a pastoral da criança tem tentado fazer algumas mobilizações para ajudar diversas famílias, mas parece que as famílias não querem. Diversas vezes as famílias ficam na mesma situação de risco, morando em casa caindo, sendo oferecido outro lugar para morar, porém, não aceitam. Ressalta que a pastoral da criança não tem crescido, devido o falecimento em 2010 da fundadora Zilda Arns. Questiona o porque a associação parou de fazer o sopão para as famílias da pastoral da criança.

Terezinha esclarece que a associação recebia os alimentos de cooperativas de pequenos agricultores que eram levados até a associação, onde organizavam o sopão; mas alguns moradores da região iam lá, recebiam o sopão e não tinham nenhuma participação na associação, não ajudavam nem na limpeza do salão depois da preparação dos alimentos. Assim, no conselho gestor, que é a reunião que organiza todas as padarias que ocorre no CECOPAM²¹ decidiram acabar.

Francisco se apresentou falando que era o Tio Chico e estava na associação por muitos anos, desde a compra e organização do espaço para a sede. Informou que vai às feiras vender os pães duas vezes na semana e também participa do Clube de Troca, sendo que o próximo acontecerá no dia 30-05 no CRAS Roma, organizado pela Gisele que já trabalhou no CRAS. Ressalta que a Gisele foi assessora da oficina de Economia Solidária da qual a maioria dos presentes participou.

É servido um chá e pão para todos os participantes por parte da Terezinha, Leonir e o Tio Chico, e durante o intervalo alguns participantes compraram o pão produzido pela padaria por R\$ 5,00. Por fim, foi realizada uma roda de conversa, conduzida por Fernanda, para fomentar a participação de todos e avaliarem o encontro.

Algumas pessoas falaram que foi muito bom conhecer outra realidade; outras pessoas motivaram para que a Padaria continue; e, por fim, é encerrado o encontro, quando as Sras. Teresinha e Leonir agradeceram a visita e declararam que as portas estavam abertas para outras visitas.

21 Centro Comunitário e de Proteção Alimentar Padre Miguel.



Associação de Moradores do Jardim Roma em Almirante Tamandaré onde funciona a Padaria Nova Semente e onde ocorreu a visita dos(as) Participantes do Projeto de Parceria FAS-CEFURIA no dia 24/05/2016

Avaliação individual feita por alguns dos visitantes

1. O relato das pessoas que atualmente participam das atividades ali desenvolvidas, foi extremamente significativo para compreender o momento atual da Padaria Comunitária. Entretanto, também despertou certa preocupação em relação às falas um tanto quanto negativas e desarticuladas.
2. Importante para compreender as grandes dificuldades relacionadas ao planejamento de uma ação coletiva, especificamente o quão difícil é despertar nas pessoas, o desejo de participar de ações que tem como objetivo o fortalecimento da comunidade. O maior desafio é mobilizar e fomentar a participação da comunidade neste processo. Importante para refletir sobre estratégias que devem ser criadas para não desmotivar pessoas que possuem interesse em iniciar um empreendimento comunitário. Fundamental saber que o foco não é o lucro e sim o desenvolvimento de uma comunidade.
3. Conhecer outras realidades, ter acesso à informação e trocar experiências visando um projeto futuro. Importante saber que para este processo ser efetivado é necessário participar de capacitação, e que todas as propostas são levadas para discutir no coletivo. A fala de uma das participantes foi muito significativa para mim, quando disse que vai lá para trocar experiências, trocar objetos e sabedoria com os outros. Apesar das dificuldades, as pessoas têm se mantido, talvez pela proposta que é diferente daquilo que vemos no dia a dia, onde se troca afeto, carinho, um momento para dedicar-se a ouvir o outro. Muito bom poder conhecer isto na prática.
4. A ideia de renovar a panificadora é muito boa, para aumentar a produção e também os ganhos, para sobrar um dinheirinho. Na minha comunidade não daria certo um empreendimento desses, pois os vizinhos só pensam em si mesmos.
5. Legal. Os pães são muito bons. Com certeza, em minha comunidade, daria certo um empreendimento desses. Tem muitas pessoas interessadas em fazer algo de bom para a comunidade.

6. Muito bom o passeio. Dá para analisar a situação da gente. Conversei com minhas vizinhas sobre a padaria, algumas demonstraram interesse em participar, mas não querem participar do planejamento das ações, só querem as coisas concretas, sem se preocupar com o que precisa ser feito para atingir os objetivos. Já pensei em colocar caixas de sugestões no comércio local, para depois discutir com a comunidade sobre essas questões. Fizemos uma ação na rua onde moro porque era muito suja e feia. Mandamos correspondência para os vizinhos, para que cada um cuidasse do seu quintal e, caso não cuidasse, receberiam uma multa. Não foi preciso aplicar nenhuma multa, pois cada um cuidou do seu quintal e alcançamos nosso objetivo.

Cooperativa de Catadores Projeto Mutirão (Bairro Novo) e Padaria Comunitária Vitória (Sítio Cercado)

O grupo foi acolhido por Sandro, do projeto Mutirão e da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis, o qual sugeriu que os visitantes se dividissem em dois subgrupos, para conhecer o barracão Eco Cidadã do Bairro Novo, onde os recicladores estavam trabalhando. O local é destinado à separação dos materiais que são recolhidos pelos diversos catadores e os que são trazidos pelos caminhões da prefeitura.

Os participantes caminharam por dentro do barracão conhecendo as etapas do processo de seleção dos materiais recicláveis, dialogaram com os catadores sobre o problema de recolher muitos sacos de materiais recicláveis, misturados com comida e até com bichos mortos. Os recicladores destacaram que o armazenamento dos materiais e a separação errada, também é um desafio quando chega ao barracão. É o exemplo das caixas de leite que quando são prensadas na máquina, geram um cheiro forte de azedo por não terem sido lavadas ao serem jogadas no lixo.

Os participantes conheceram as outras dependências do barracão, como o espaço da cozinha, escritório, espaço destinado à organização dos materiais, e foi exibido a todos pelo Sandro, o documentário: Projeto Mutirão. Papel Moeda²², o qual ocasionou reflexão entre os participantes sobre a importância dos catadores no contexto da sociedade atual, a falta de políticas de incentivo para capacitar novos catadores. Sandra, uma recicladora, se incluiu ao grupo e falou da necessidade de políticas públicas para os associados do Mutirão. Ela relata que já teve solicitação direta ao conselho tutelar sobre vagas em creches para as crianças que ficavam no barracão, pois suas mães precisavam trabalhar e não tinha vagas disponíveis, assim, foi necessário articular e exigir os direitos básicos para as crianças. Sandro e Sandra relatam que todo o projeto é acompanhado por todos os associados a partir de reuniões e assembleias, tendo como princípio que todas as decisões sejam tomadas no coletivo. Também procuram incentivar a valorização do catador perante a sociedade, como mais um trabalhador.

No encerramento do encontro, Fernanda, coordenadora do Projeto CEFURIA-FAS, agradece a disponibilidade por parte dos representantes da cooperativa, em receber os visitantes, finalizando a visita com registro fotográfico de todos.

22 Um trabalho realizado com os profissionais da reciclagem, mostrando a realidade dessa função de proteger a natureza e o meio ambiente. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8mkqEQbXvtc>. Acesso em 04/11/2016.



Visita à Cooperativa de Carrinheiros do Projeto Mutirão, Bairro Novo, 15/06/2016

Ainda neste mesmo dia, o grupo visitou um outro empreendimento econômico-solitário, a Padaria Comunitária Vitória, no Sítio Cercado. A Sra. Nair que trabalha aí há 15 anos relatou que esta é uma padaria com muita procura, por funcionar dentro do espaço social de uma igreja católica e próximo ao comércio do bairro. Relatou que é um lugar de passagem de trabalho para várias mulheres, tendo muita rotatividade, pois muitas saem quando conseguem um emprego com carteira assinada. O propósito de abrir a padaria no passado, era para ser uma opção de renda para a população daquela região. Os participantes fizeram poucas perguntas, focando em saber a história do empreendimento. Por fim, alguns participantes adquiriram pães no local.



Visita à Padaria Comunitária Vitória, Sítio Cercado, 15/06/2016

Avaliação feita por uma das visitantes aos dois empreendimentos

Bem, foi a primeira visita que fiz. Achei o Eco Cidadão superorganizado, se comparado com os barracões que temos na CIC. Quanto à padaria, fiquei imaginando nossos usuários envolvidos nesse projeto, mas infelizmente não existe adesão, já fizemos várias tentativas, inclusive anteriormente, em outros programas. Trabalhar com alimentação, com horários/dias flexíveis seria uma opção para muitas famílias. Parabéns à equipe!

Visita à Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA)²³ e Cooperativa de Agroecologia do Assentamento Contestado, na Lapa

Os pontos de encontros para reunir as equipes dos três territórios para a visita ocorreram em locais diferentes na cidade de Curitiba, saindo uma Van do CRAS Acrópole e regional Cajuru, e a outra do CRAS Santa Rita, passando pelo CRAS Barigui. A este grupo juntaram-se outros carros com professores e estudantes que participam da Incubadora de Economia Solidária da UTFPR.

Chegando ao Assentamento Contestado, na Lapa, os visitantes foram acolhidos por Simone, coordenadora da ELLA e Antonio Capitani, agricultor do local. Os visitantes tomaram o café da manhã, e logo após se dirigiram à Escola de Agroecologia, onde foi iniciada a roda de conversa coordenada por Fernanda e Luis Pequeno (CEFURIA). Estes lembraram os objetivos da visita, ou seja, conhecer tipos de organizações populares autogestionárias e agradeceram o acolhimento.

Simone agradeceu a presença de todos e convidou-os para assistir ao vídeo “Terra Livre” que retratava a história daquele espaço, abordando a luta pela terra e a reforma agrária. Após a exibição do filme o agricultor Antonio Capitani relatou as dificuldades que o assentamento passou para ocupar, resistir e produzir. Em 1990, quando ocorreu a ocupação da área, tinham pouca diversidade de plantação. Foram aprendendo com a necessidade de repensar a agricultura como meio para sobreviver. Antonio relata que existem 20 mil famílias assentadas no Paraná, sendo que atualmente tem 150 famílias no Assentamento Contestado, o que significa uma conquista de anos de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). “A gente nunca para de aprender e de construir”, diz Capitani.



A roda de conversa é encerrada e todos se dirigem para conhecer o espaço da Cooperativa Terra Livre. Capitani relatou que cada família tem a opção de plantar cinco tipos de hortaliças diferentes, sendo todas entregues nas quartas-feiras, já limpas, para o pesar e organizar para, na quinta-feira de manhã, o produto sair para Curitiba. Essas famílias estão vinculadas ao Programa de Assistência Técnica e extensão Rural para a Reforma Agrária, do Ministério do Desenvolvimento Agrário desde 2015, ano de implantação, cujo período para observação do Programa vai até 2020.

23 A Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) é fruto de uma iniciativa entre a Via Campesina, com apoio do governo estadual do Paraná e da UTFPR. A ELAA desenvolve o curso de Tecnologia em Agroecologia, em parceria hoje com o IFE-PR. O método pedagógico, seja pela alternância (tempo escola e tempo comunidade), e em seus diversos tempos educativos e processos de autogestão, busca qualificar os educandos em sua visão crítica da realidade, a formação política e o preparo técnico. A ELAA promove a formação de jovens oriundos de comunidades camponesas e movimentos sociais da Via Campesina. É a primeira escola de Agroecologia de nível universitário do país.

Posteriormente houve parada para almoço no local, e em seguida o grupo seguiu para visitar famílias assentadas que trabalham com plantio e colheita de hortaliças. Um momento participativo e de diálogo sobre as particularidades da agricultura e as tradições daquele grupo.

No encerramento foi feita uma roda de conversa, mas poucas pessoas compartilharam o que acharam daquele dia. Algumas delas falaram que foi um dia de muito aprendizado, pois conheceram o que não passa na mídia sobre o MST. Outra participante destacou que a luta do povo do campo é pautada na luta por direitos. Fernanda, Simone e Capitani agradeceram a todos pela visita e pela disponibilidade de conhecer um local marcado pela organização do povo e por tantas lutas.

Avaliação individual escrita pelos visitantes

1. Fiquei muito satisfeita com a visita; proporcionou momento de profunda reflexão e permitiu fazer a relação do conteúdo abordado em todas as etapas da formação/capacitação; acredito que o objetivo de formação política cidadã, proposto pelo CEFURIA foi alcançado. A acolhida foi maravilhosa, me senti verdadeiramente integrante daquele momento. Conhecer outros espaços, amplia e desperta sobre novas possibilidades e estratégias de intervenção nos territórios de atuação, e que as ações do mundo do trabalho acontecem em espaços e formas diferentes. As lutas enfrentadas pela comunidade do assentamento são similares àquelas vivenciadas pela população dos territórios urbanos. E que o planejamento, articulação, a escuta, são etapas fundamentais em todos os projetos. A experiência foi enriquecedora.
2. Foi explicado enfaticamente todo o processo, desde a sementeira até a (colheita) retirada dos legumes e hortaliças; a forma como chegam até a cooperativa e destino dos mesmos. A cooperativa deu certo, prosperou e vem a confirmar que quando há união, força, entendimento, todos ganham. Pude perceber claramente o amor e o respeito pela terra, o uso consciente do solo; onde todos se beneficiam se ajudando mutuamente, todos ganham. Eu e a natureza agradecemos.
3. Eu já tinha ouvido falar no Movimento Sem Terra e também no assentamento, contudo estar na realidade, ouvindo e vendo o que acontece, e como foi a luta pelo direito a terra, é uma experiência ímpar. É possível fazer um paralelo entre cidade/campo, as pessoas atendidas por nós também lutam por direitos, mesmo sem saber, educação, saúde, moradia digna e qualidade de vida. O que mais me deixou admirada foi o respeito dos assentados pela terra, pela natureza, suas técnicas de produção que, ao contrário do que ouvimos falar, é possível plantar sem venenos, sem destruir a terra, sem prejudicar o meio ambiente. Precisamos pensar numa proposta de trabalho com os coletores de material reciclável, pois o trabalho feito por eles é imprescindível, porém, eles não tem esta consciência e, se por um lado, cuidam do meio ambiente com a coleta, por outro prejudicam quando descartam o lixo que não pode ser vendido no rio. Com todas as visitas que fizemos até agora, aprendi muito, e sair da rotina do atendimento individualizado me proporcionou pensar em outras possibilidades, só é necessário agora colocá-las em prática.
4. Estou bem empolgada com essas visitas, é ótimo conhecer outras realidades. Cada vez mais tenho a certeza que através da mobilização e organização popular a gente consegue tudo que a gente precisa, claro que sempre haverá resistência, mas como para toda ação sempre haverá uma reação, já é de esperar que seja assim. Eu tinha uma visão bem diferente das famílias assentadas, aquela que a mídia nos mostra; confesso que nunca fui atrás de informações da real situação dessas famílias, mas o trabalho me fez conhecer a realidade que não é tão diferente da realidade da minha

- família, que também mora numa ocupação e luta pelos seus direitos. Essa visita serviu para eu me desfazer de preconceitos que carregava comigo.
5. Não poderíamos ter visitado local melhor. Foi tocante a experiência passada pelos locais e a força daquele exemplo de vida! Eu saí agraciada e feliz pela visita, enriquecida pelas partilhas e com vontade de retornar!
 6. A visita ao Assentamento Contestado foi muito boa e proveitosa, sendo uma contribuição muito importante para a articulação entre teoria e prática. A anfitriã Simone e o anfitrião Antonio Capitani foram muito pedagógicos em suas falas, explicando sobre a história do assentamento, a escola Latino-Americana de Agroecologia, a Cooperativa Terra Livre, e diversas outras questões do assentamento e do MST como um todo. Também foram muito solícitos ao responder às diversas questões apresentadas pelo grupo. Os assentamentos do MST têm bastante experiência em receber pessoas que querem conhecer e estudar o movimento, e isso é sempre perceptível. Foi muito bom conhecer um assentamento tão reconhecido e com tanta experiência como o Contestado, mesmo já tendo trabalhado por três anos junto ao MST, em Ponta Grossa, no pré-assentamento Emiliano Zapata.
 7. Apresentação de forma concreta de outras possibilidades de gestão da economia. Ambiente acolhedor e receptivo com os visitantes. Materialidade no discurso da economia solidária. Abarcou diferentes conhecimentos através do conhecimento popular, somado à consciência política. Possibilitou romper com estigmas e preconceitos. Foi um encontro inspirador e afetivo. Cada um saiu tocado em olhar para outras perspectivas, nos reposicionando diante de conceitos que temos sobre lucratividade, sustentabilidade e coletividade. Consonância com o que vinha sendo trabalhado nos encontros de formação com o CEFURIA.



Terra para o campo e para cidade: trabalhadores/as trocam experiências no Assentamento Contestado

Publicado em 11 de julho de 2016

Texto e fotos por Franciele Petry Schramm, comunicadora popular do Cefuria.

<http://www.cefuria.org.br/2016/07/11/terra-para-o-campo-e-para-cidade-com-a-tuacao-em-comunidades-de-curitiba-trabalhadoresas-trocam-experiencias-no-assentamento-contestado/>

Durante visita ao Assentamento Contestado na cidade de Lapa/PR, cerca de 40 pessoas que moram ou atuam em comunidades de Curitiba puderam conhecer a Escola Latino Americana de Agroecologia e a produção agroecológica desenvolvida no local. A troca de experiências faz parte das atividades desenvolvidas no projeto 'Formação Político-Cidadã para o mundo do trabalho', desenvolvido pelo Cefuria em parceria com a Fundação de Ação Social (FAS).



“A exclusão que se dá no campo é a exclusão da cidade”. A constatação do agricultor e assentado da reforma agrária, Antônio Capitani, traduziu bem o intercâmbio realizado entre moradores e moradoras de Curitiba no Assentamento Contestado, em Lapa.

Se existem ao menos 10 mil famílias acampadas no Paraná para serem assentadas pela Reforma Agrária, Curitiba conta atualmente com um déficit habitacional de quase 50 mil casas, segundo dados da Fundação João Pinheiro. Outras 5 mil pessoas estão em situação de rua na capital paranaense, pelo indicativo do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR).

As 40 pessoas que visitaram o espaço no último dia 30 atuam ou moram em comunidades de ocupação irregular, formadas por uma segregação do espaço da cidade e pela dificuldade de acesso à terra urbana. Assim como trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra, sofrem com falta de/ou políticas públicas falhas do Estado.

A visita foi realizada por presidentes de Associação de Moradores de Bairro, assistentes sociais e educadores e educadoras sociais que integram o projeto 'Formação Político-Cidadã para o mundo do trabalho', desenvolvido através de parceria entre o Cefuria e a Fundação de Ação Social – FAS.

No assentamento, puderam conhecer a história de luta e resistência de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da Escola Latino Americana de Agroecologia.

Coordenadora do Projeto e integrante do Cefuria, Fernanda Lima explica que a visita integra uma série de atividades que indicam novas possibilidades de organização popular e desenvolvimento de trabalho que podem ser desenvolvidas com os grupos trabalhados pela FAS. E aponta as relações de proximidade com as lutas do campo e da cidade.

“Os territórios que os CRAS [Centros de Referência da Assistência Social do município] integrados no projeto fazem atendimento são territórios de ocupação irregular”, explica. E aponta a necessidade de articulação de uma luta pela efetivação de diversos direitos com essas comunidades. “Nesses espaços, uma das maiores dificuldades é o saneamento básico, já que às vezes as pessoas acreditam que o maior desafio – o de conseguir uma moradia – já foi resolvido”.

Essa foi a terceira visita a empreendimentos de economia solidária feita pelo grupo que está inserido no projeto de formação político-cidadã. Desenvolvido desde outubro de 2015, o projeto atende três comunidades de atuação da FAS: a Vila Harmonia, no bairro Barigui (Regional CIC), a Vila Parque Nacional, no Acrópole, (Regional Cajuru), e a Vila Beira Rio, Bela Vista da Ordem (Regional Tatuquara).

Além da participação em oficinas de formação e de Metodologia Freireana, participantes do projeto já realizaram visitas em padarias comunitárias e associação de catadores.

Outro modo de olhar

Quem lutou pelo direito à terra na cidade se reconhece com a luta pela terra no campo. O Assentamento Contestado, que hoje conta com mais de 150 famílias, é uma conquista de anos de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). “A gente nunca para de aprender e de construir”, aponta Capitani.

O Contestado está no local da antiga Fazenda Santa Amélia, que até 1991 pertencia ao grupo Incepa, empresa produtora de cerâmicas. Pelo alto valor em dívida com a previdência social, a terra foi destinada à Reforma Agrária e reconhecida como Assentamento em 1999, dando origem a um espaço de produção e troca de saberes agroecológicos.

As paredes de pedra do casarão revelam a idade da obra, feita no século XVIII, pelo trabalho de escravas e escravos. Da servidão ao conhecimento para libertação: o imóvel abriga desde 2005 a Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA), que está em sua quarta turma de ensino técnico superior.

A área antes improdutiva não apenas agora produz alimentos, como produz alimentos e saberes através de um modelo que respeita o meio ambiente, as pessoas que produzem e consomem. A produção agroecológica – sem venenos, sem monocultivo e sem exploração das trabalhadoras e trabalhadores – feita pelas famílias é utilizada para o consumo próprio e para a comercialização através da Cooperativa Terra Livre, criada no assentamento em 2010.

Durante o verão, época de maior produção, cerca de 20 toneladas de alimentos são produzidas semanalmente pela Cooperativa e encaminhadas ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), projeto do governo federal de compra de produtos da agricultura familiar.

Troca de experiências

Assistente social e coordenadora do CRAS, Márcia Lemos não conhecia o local, e diz ter aproveitado a experiência. “A visita faz a gente entender que as comunidades que a gente trabalha podem apoiar ou viver nesse mundo de outras formas além daquelas que elas já vivem”, aponta. “Se a gente conseguir levar essa visão de movimentos sociais para essas comunidades, vai ser bem importante”.

Também assistente social em CRAS de Curitiba, Jaqueline Lima destacou a importância da atividade. “Quando a gente sai daquela realidade e rotina burocrática, a gente vê que tem coisas bem diferentes do que estamos acostumadas a ver”.

Acompanhando a visita e a troca de experiências, o Integrante do Movimento Nacional da População em Situação de Rua, Eliseu Lino identifica proximidades na luta do MNPR e do MST. “Hoje, ouvindo as experiências, vimos que eles lutam também por saúde, educação... É a mesma luta que nós fazemos”.

Reconhecendo diferenças e semelhanças nas diferentes lutas, Capitani observa que a saída para o enfrentamento de diferentes problemas é uma só: “Se tem organização no campo e organização na cidade, não tem quem fica desamparado”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho, cuja sistematização apresentamos neste livro, provocou-nos muitas reflexões desde as primeiras reuniões preparatórias, elaboração e execução. As duas equipes responsáveis (CEFURIA e FAS), reuniram-se pelo menos quatro vezes durante o ano, para acertar agendas e cronogramas, e também para avaliar as ações que iam sendo realizadas durante sua operacionalização. Estas avaliações, somadas àquelas feitas pelos(as) participantes ao final de cada atividade nos apontaram desafios, limites e potencialidades em diversos níveis: pessoais, institucionais e comunitários ou territoriais. É sobre esses desafios, dos quais resultaram aprendizados para a parceria, que passaremos a tratar nestas considerações finais que, esperamos, sejam úteis para outras iniciativas.

Desafios pessoais

Os princípios e valores político-pedagógicos que fundamentaram este Projeto rompem com os paradigmas tradicionais do trabalho social, exigindo das equipes técnicas transformações profundas na relação com as comunidades e uma nova visão de mundo. Moradores e moradoras dos territórios priorizados, nesta concepção, deixam de ser usuários ou beneficiários de programas governamentais e passam a ser vistos como sujeitos de direito, companheiros e companheiras na caminhada de construção de um outro mundo possível.

Como toda ruptura, esta, proposta no Projeto, provocou inquietação, desinstalando as pessoas de seus lugares e fazeres já naturalizados e cristalizados. Exigiu autocrítica e um novo olhar sobre as práticas; superação de preconceitos, dogmas e mitos. E tudo isso foi somado às contradições e exigências próprias do serviço público, onde cobranças de resultados fazem parte da lógica de seu funcionamento, ao mesmo tempo em que, as interrupções das ações e obras feitas nos territórios, são frequentes, provocando descrença por parte de seus moradores e reclamações a quem está na ponta dos serviços. Simbolicamente podemos dizer que a proposta exigiu um renascer, com todas as dores do parto. Aprender a fazer diferente, apesar de toda essa pressão, é um sentimento (quase um sofrimento), que aparece em vários momentos das rodas de conversa e avaliações feitas com e/ou pelos(as) técnicos(as) envolvidos(as).

Alguns desafios pessoais explicitados direta ou indiretamente foram: (1) Compreender que o(a) técnico(a) de referência tem que estar no território e não esperar que os moradores venham até o equipamento que, muitas vezes, aparece como uma “prótese” dentro ou próximo à comunidade. (2) Desafiar-se ao trabalho coletivo com os sujeitos, superando o atendimento individualizado próprio da lógica assistencialista e clientelista. (3) Ouvir qualitativamente as pessoas para apreender não apenas o que lhes incomoda enquanto problema, mas também suas potencialidades e capacidades criativas. (4) Reconhecer a dívida social que o município, o estado e o país tem com os(as) moradores(as) das periferias, historicamente excluídos(as) e alijados(as) de qualquer forma de participação jogando-os(as), muitas vezes, ao exercício de atividades ilegais. (5) Compreender que o trabalho social exige um compromisso maior dos(as) técnicos(as) do que o cumprimento de tarefas funcionais. (6) Superar a visão limitada imposta pelo mercado de trabalho e abrir-se para a busca de possibilidades no mundo do trabalho, que é muito mais abrangente. (7) Reconhecer que a cultura da não participação coletiva, não é exclusividade dos(as) moradores(as) das periferias, mas também é característica dos(as) próprios(as) técnicos(as). (8) Enxergar o território em toda a sua complexidade, aprendendo a conviver com situações de vida quase sempre muito diferente daquelas da maioria dos(as) técnicos(as), sem querer impor seus próprios referenciais e valores. (9) Acolher as pessoas em plenitude, reconstruindo com elas a esperança na luta por uma vida melhor.

A grande maioria das avaliações feitas pelos(as) envolvidos(as) nos diversos momentos de execução do Projeto, atestaram a potência da metodologia freireana que, articulada à proposta da economia popular solidária, contribui para a superação de tais desafios e resgata o sonho coletivo de transformação social. O Projeto não ofereceu um caminho fácil ou um manual de como fazer o trabalho social, mas forneceu às equipes que atuam nos territórios, os instrumentos teórico-metodológicos para fazê-lo. Independentemente, de sua continuidade ou não, a semente foi plantada; resta agora regá-la e cultivá-la, cuidando para que as ervas daninhas não a sufoquem. De fato, os desafios pessoais de que tratamos aqui, só serão superados coletivamente, através do diálogo interdisciplinar, na troca de experiência entre as equipes e da criação de mecanismos institucionais que articulem recursos humanos, financeiros, orçamentários, modelo de gestão e plano de ação para fazer frente às diretrizes aqui discutidas.

Desafios institucionais

De maneira geral as instituições são perpassadas por contradições de diversas ordens. Muitas delas já foram explicitadas na contextualização inicial feita nesta sistematização. Aqui trazemos mais alguns desafios apontados durante a execução do Projeto.

No caso do CEFURIA, uma organização não governamental, voltada à educação popular e formação política, com vistas à organização e luta por direitos, seu principal limite é a própria mobilização de recursos materiais que sustentem as ações desenvolvidas. O CEFURIA não tem fontes de recursos próprias, vive de doações pessoais e/ou apoio financeiro aos projetos desenvolvidos, provenientes de agências privadas de solidariedade ou do setor público, através de convênios. Aqui se inseriu o Projeto em Parceria com a FAS.

Como todo projeto financiado pelo setor público, a burocracia para prestação de contas e contratações de serviços e materiais, este também absorveu um tempo grande da Coordenação do Projeto, tirando-a de uma presença mais efetiva junto às equipes em atuação nos territórios. Por outro lado, as próprias equipes de servidores(as) não estavam exclusivamente dedicadas às áreas priorizadas; continuaram sendo responsáveis pelo trabalho social em regiões mais abrangentes, com todas as demandas daí resultantes.

As questões levantadas acima, somadas a outros fatores, como: as especificidades de um ano eleitoral, quando as comunidades têm expectativas em conseguir benefícios rápidos; rotatividade das equipes e desmembramento de uma das regionais administrativas do município; complexidade e vulnerabilidade social e econômica extremas dos territórios priorizados; não permitiram que o Projeto atingisse o momento da organização, nos territórios, de grupos de geração de trabalho e renda na perspectiva da economia popular solidária, como era a vontade das duas instituições parceiras. Mas, também aqui a semente do desejo foi plantada, através da participação de lideranças dos territórios nas Oficinas de Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho e nos Encontros de Vivência e Troca de Experiências com empreendimentos autogestionários. O desafio agora é as equipes não perderem de vista estes sujeitos, animando-os(as) a buscarem recursos para iniciativas econômicas, a partir de suas próprias potencialidades e capacidades criativas.

Importante também é destacar que os desafios institucionais não estão isolados, mas, dialeticamente articulados aos desafios pessoais e comunitários. Neste sentido, apresentaremos mais alguns desses desafios, destacados nas avaliações periódicas:

- (1) Necessidade de uma nova visão institucional sobre o trabalho social, superando a prática do atendimento individual e avançando no sentido do trabalho coletivo.
- (2) Colocar em prática uma gestão participativa de fato, envolvendo moradores das

comunidades na priorização e planejamento de ações, de forma a sentirem-se responsáveis pelos equipamentos públicos existentes nos territórios. (3) Romper com a tradição do assistencialismo e/ou primeiro damismo nos serviços de ação e assistência social a fim de superar a dependência e alienação dos sujeitos que deles necessitam, ajudando-os a construir seu protagonismo. (4) Acreditar na capacidade de mudança das comunidades, buscando articular saberes técnicos e populares com vistas a superar os problemas existentes. (5) Compreender que os problemas humanos são multidimensionais, implementando efetivamente a intersectorialidade no planejamento e nas ações, de forma a romper com o corporativismo das diversas secretarias de governo. (6) Não criar expectativas falsas nas comunidades, explicitando honestamente as possibilidades reais da gestão na resolução dos problemas concretos, evitando interrupções de ações que acabam por desacreditar a população em relação ao poder público. (7) Compreender que as necessidades humanas de sobrevivência são múltiplas, fazendo com que as respostas dadas pelo mundo do trabalho sejam mais amplas do que as requeridas pelo mercado, de forma a evitar que os programas governamentais de incentivo à geração de renda, sejam restritos às exigências do mercado capitalista. (8) Organizar os processos de reassentamento de famílias que estão em áreas de risco ambiental, de forma a não quebrar os laços de solidariedade já existentes entre elas. (9) Criar um novo jeito de se relacionar com as forças sociais, identificando as lideranças reais nos territórios, de forma a enfraquecer as “lideranças” funcionais ou agentes de controle, seja do Estado ou de organizações ilícitas. (10) Romper com a combinação perversa existente entre tecnicismo e assistencialismo. (11) Assegurar os benefícios como direitos, superando a fragmentação e a pontualidade das políticas. (12) Adequar o tempo das políticas com o tempo das comunidades, minimizando a relação conflituosa entre estrutura burocrática e o cotidiano do trabalho comunitário, evitando submeter o vivo, caótico, a uma estrutura fria, rígida, burocrática. (13) Garantir tempo de qualidade para as equipes ouvirem e conhecerem as famílias. (14) Quebrar a invisibilidade dos territórios em vulnerabilidade social complexa, evitando o isolamento das famílias. (15) Fortalecer os colegiados criados a partir do Programa Curitiba Mais Humana, aproveitando e potencializando o que há de mais humano nas pessoas através do diálogo. (16) Reconhecer que as próprias equipes locais são uma potência, porque estão próximas aos territórios e têm iniciativas. (17) Reconhecer que a segurança de renda via mundo do trabalho ou a qualificação profissional é insuficiente para superar as vulnerabilidades. (18) Compreender que a inclusão produtiva é parte da proteção social, superando a visão limitada de entendê-la como produto. (19) Construir canais de participação comunitária que propiciem o exercício da democracia, sem estabelecer imposições ou condicionantes para acesso aos serviços. (20) Estender a oportunidade dada pelo Projeto no conhecimento da metodologia freireana a todos os servidores a fim de que reconheçam e considerem a população como protagonista de sua história.

Desafios comunitários e/ou territoriais

O maior dos desafios dos territórios priorizados é a própria complexidade de sua vulnerabilidade, exigindo das equipes e gestores(as) estudos aprofundados e grande dedicação. Aliás, foi esta complexidade que fundamentou a priorização com vistas à atuação intersectorial e a própria construção deste Projeto de parceria CEFURIA-FAS.

Os interesses capitalistas sobre a cidade, conforme citado na contextualização inicial desta sistematização, articulados à permanência histórica de políticas clientelistas e tecnicistas na gestão municipal, propiciaram a ocupação de territórios com estrutura precaríssima, onde as populações sobrevivem em completa exclusão e

desumanização. Conhecer e reconhecer esse processo por parte da gestão e das equipes locais é ponto de partida para o desenvolvimento de ações duradouras que ultrapassem a gestão da pobreza; proponham a discussão sobre o planejamento urbano articulado ao conjunto de políticas, bem como ferramentas e instrumentos para um modelo de gestão que permita inverter a lógica de construção e perpetuação das desigualdades socioespaciais na cidade.

Desafios não são apenas problemas, mas também potências a serem identificadas e aproveitadas. É isso que apontam os diagnósticos e avaliações realizadas: (1) Imediatismo das famílias, convivendo contraditoriamente com desejos de mudança. (2) Multiplicidade de problemas e dificuldade de identificação dos nexos que existem entre si. (3) Individualismo no cotidiano, mas solidariedade e autoajuda em caso de emergência. (4) Fatalismo, falta de perspectivas, naturalização e resignação às situações vivenciadas. (5) Projetos pessoais de “lideranças negativas” em detrimento dos interesses comunitários. (6) Pouca iniciativa na busca de direitos, dependência e transferência de sua cidadania para outros. (7) Presença de moradores homens explicitando conflitos de poder e propriedade em contradição com a presença de mulheres ativas que, reconhecem a potência do Curitiba Mais Humana e começam a produzir ideias de convivência coletiva, além da vontade de aprender e empreender. (8) Motivos desconhecidos trazem também famílias com renda significativa para morar nestes lugares, exigindo estudos mais aprofundados por parte da gestão e equipes. (9) Sentimento da comunidade de não pertencimento à sociedade como um todo. (10) Descrença em relação ao poder público.

Finalizando estas considerações, destacamos ainda que a proposta metodológica abordada no desenvolvimento do Projeto, foi pensada como um todo. Iniciar pelos fundamentos, princípios e valores político-pedagógicos faz parte de sua lógica. A sequência realizada foi, portanto, proposital, ainda que alguns(umas) participantes tenham pensado que o processo poderia ter sido invertido. A Formação Político-Cidadã para o Mundo do Trabalho na perspectiva da Economia Popular Solidária, tal qual tem sido compreendida pelo CEFURIA, não prescinde do diálogo como matriz da democracia. Este é o fundamento da autogestão. Assim, os momentos do Projeto foram planejados como um crescente de compreensão, assim como a história das “abóboras na carruagem, que no andar dos cavalos, vão se ajeitando e encontrando seus lugares”. Mas, o caminho percorrido pela carruagem não acabou com o Projeto, ele é bem mais longo e, portanto, “as abóboras” continuarão se ajeitando nas práticas futuras desenvolvidas pelas equipes.

Para além da busca de um produto final, o Projeto trabalhou no sentido de uma mudança cultural nas relações entre poder público e comunidades, na perspectiva de um outro paradigma para o trabalho social, numa ampliação da visão de mundo de todos(as) os(as) envolvidos(as) e no aprendizado mútuo entre as equipes da FAS e do CEFURIA. Objetivo este que nos pareceu atingido, após leitura e releitura atenta de todas as avaliações realizadas durante o desenvolvimento do Projeto e nas reflexões propiciadas por esta sistematização.

REFERÊNCIAS

BEZ, Antônio Carlos e CANEIRO, Gisele. **Economia Solidária: que mundo estamos construindo?** Curitiba: CEFURIA, 20014.

BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunca. **As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidária na perspectiva da nova centralidade do trabalho.** Rio de Janeiro: FASE, 2007.

BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunca. **A economia solidária entre a resistência e a utopia.** Revista Proposta nº 86, Setembro/Novembro de 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante.** 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas – Programa Nacional de Promoção de Acesso ao Mundo do Trabalho – ACESSUAS TRABALHO,** Brasília, 2013.

CARNEIRO, Gisele. **A pedagogia de Paulo Freire: uma pedagogia humanizadora.** Curitiba: CEFURIA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO DE AÇÃO SOCIAL DE CURITIBA. **Territórios Priorizados.** Versão Preliminar. Curitiba, s/d.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências.** João Pessoa: UFPB, 1996.

KNAPIK, Márcia Carneiro. **O trabalho humano: das sociedades comunais ao modo de produção feudal.** 2ª ed. Curitiba: CEFURIA, 2005.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. **O que é psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MACHADO, Maria Izabel; MARCHI, Lourdes; SOUZA, Ana Inês. **O trabalho no capitalismo: alienação e desumanização.** Curitiba: CEFURIA, 2006.

NASCIMENTO, Sueli. Reflexões sobre a intersectorialidade entre as políticas públicas. **Serviço Social e Sociedade.** Nº 101, São Paulo, Jan/Março, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Programa Curitiba Mais Humana.** Curitiba, s/d.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995,

SANCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política.** Revista de Sociologia Política, Curitiba, 16, p. 31-49, jun. 2001.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular.** 2ª ed. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

SINGER, Paul. **A economia solidária no governo federal.** Boletim de mercado de trabalho: conjuntura e análise. Brasília : IPEA , nº24, ago 2004.

SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire vida e Obra.** São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SOUZA, Ana Inês (Org.). **Escola de formação básica multiplicadora da economia popular solidária.** História Social do Trabalho. Curitiba: CEFURIA, 2012.

SÉRIE METODOLOGIA E SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS COLETIVAS POPULARES



A busca do tema gerador na práxis da educação popular (2005)

Organização: Ana Inês Souza
Autor: Antonio Fernando Gouvêa da Silva

Volume 1 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Este livro mostra, em cinco módulos de oito horas cada, como é possível construir uma prática pedagógica dialógica, sem deixar de lado os conhecimentos científicos.



Clubes de Troca: Rompendo o silêncio, construindo outra história (2005)

Autores: Gisele Carneiro e Antonio Carlos Bez

Volume 2 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Este livro apresenta a sistematização de uma prática de Educação Popular que vem sendo desenvolvida pelo Cefuria desde 2001, na área de Socioeconomia Popular Solidária. É narrada com detalhes a metodologia desenvolvida nos Clubes de Troca e ilustrada a teoria com relatos de práticas, obtidos por meio de observação participante.



Padarias Comunitárias: Fermentando outra economia (2007)

Autores: Márcia Carneiro Knapik e Salete BagolinBez

Volume 3 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares". Resultado do trabalho de muitas mãos, assim como se faz na economia solidária. Apresenta a caminhada de um projeto que foi crescendo, agregando mais e mais pessoas que estavam dispostas não só a trabalhar com aquilo que alimenta a fome física, mas também com o alimento que mata a fome de conscientização, de auto-confiança, de criatividade.

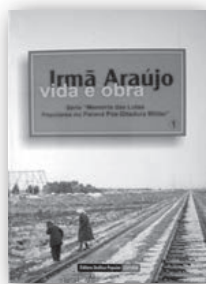


Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária – "História Social do Trabalho" (2011)

Autores: Ana Inês Souza (Org.), André Langer, Antonio Carlos Bez, Cláudio Nascimento, Gisele Carneiro, Luzia do Rocio Pires Ramos e Telmo Adams

Volume 4 da série "Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares", mostra uma prática político-pedagógica com um processo educativo dialógico, que convida os participantes a se engajarem na transformação da realidade.

SÉRIE MEMÓRIAS DAS LUTAS POPULARES NO PARANÁ PÓS-DITADURA MILITAR



Irmã Araujo Vida e Obra (2004)

Autora: Ana Inês Souza

Volume 1 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro resgata a história da Irmã Araujo, lutadora popular que atuou nos anos 70 e início dos 80, trabalhando na organização do povo na busca por seus direitos.



Movimento de Mulheres do Paraná: 10 anos construindo vida (2004)

Autora: Márcia Carneiro Knapik

Volume 2 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro resgata a história do Movimento Popular de Mulheres do Paraná - MPMP, que atuou de 1981 a 1993 e teve a participação de centenas de mulheres das classes populares urbanas e rurais, espalhadas por todo o estado do Paraná.



Movimento Popular e Transporte Coletivo em Curitiba (2006)

Autor: Lafaiete Santos Neves

Volume 3 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro constitui um vívido relato de um dos episódios que compõem a luta pelos direitos dos trabalhadores no Brasil, cujo palco foi a região metropolitana de Curitiba. Trata-se do processo de luta pela melhoria do transporte coletivo.



Movimento de Participação Popular na Constituinte (2006)

Autora: Fernanda Striker Baggio

Volume 4 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro tem o objetivo de apresentar uma história pouco estudada, visualizada, que não faz parte dos temas curriculares de nossas escolas ou faculdades. Sem a existência do Movimento de Participação Popular na Constituinte a história brasileira teria sido outra.



Cefuria: 25 anos fazendo história popular (2006)

Autora: Ana Inês Souza

Volume 5 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Este livro conta a história do Cefuria - Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo. Uma história que se confunde com a história do Brasil nos últimos 25 anos.



Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (2006)

Autora: Mara Vallauri

Volume 6 da série "Memória das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar". Como é possível que, em pleno século XXI, um país com as potencialidades do Brasil, ainda conviva com esta tragédia: "crianças de rua"?! Mara Vallauri, sua autora, soube captar a importância do tema. Sensível, abandonou a comodidade de sua vida na Itália e veio à Curitiba conviver e aprender com estas crianças.

FORMAÇÃO POLÍTICO-CIDADÃ PARA O MUNDO DO TRABALHO

Uma experiência de parceria entre o
Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA
e a Fundação de Ação Social de Curitiba - FAS

O livro que o leitor e a leitora têm em mãos, faz parte da Série “Metodologia e Sistematização de Experiências Coletivas Populares”, publicada pelo CEFURIA desde 2005. Todos os volumes estão disponíveis para serem baixados em PDF no site desta organização. Esperamos que sirvam como ferramenta nas mãos de todos e todas que buscam construir um mundo melhor para se viver. Somos contra o desperdício da experiência e entendemos que o conhecimento deve ser partilhado. Trata-se de um relato de uma experiência muito bonita que aconteceu na parceria CEFURIA-FAS, durante pouco mais de uma ano, mas que resultou em muito aprendizado, apesar de todas as adversidades de um período tão conturbado como o que estamos vivendo em nosso país. Além dos relatos sobre todos os momentos de desenvolvimento do Projeto, o leitor e a leitora encontrarão um conjunto de reflexões sobre os limites e potencialidades de parcerias como esta, entre uma organização da sociedade civil e outra do poder público, fruto de avaliação permanente entre as duas equipes responsáveis, resultante de um processo horizontal fundamentado na metodologia dialógica proposta por Paulo Freire. Desejamos a todos e todas uma boa leitura e um bom uso deste livro que, modestamente, pretende ser uma ferramenta de transformação social.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-66014-03-7



9 788566 014037